

ANAIS

XIV ENCONTRO DE INICIAÇÃO À PESQUISA E À DOCÊNCIA XII ENCONTRO DE PESQUISADORES UNICHRISTUS

2017

ARQUITETURA E URBANISMO

ORGANIZADORES

Ana Stela Vieira Mendes Câmara
Elnivan Moreira de Souza
Lígia Maria Silva Melo de Casimiro
Maely Barreto de Sousa
Raísse Layane de Paula Saraiva
Thais Cristina Sampaio Machado

XIV ENCONTRO DE INICIAÇÃO À PESQUISA E À DOCÊNCIA E XII ENCONTRO DE PESQUISADORES

ANAIS 2017

03 e 04 de Outubro de 2017



ANAIS 2017 ©2018 Copyright by EdUnichristus

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS EdUnichristus

Organização

Ana Stela Vieira Mendes Câmara Elnivan Moreira de Souza Lígia Maria Silva Melo de Casimiro Maely Barreto de Sousa Raísse Layane de Paula Saraiva Thais Cristina Sampaio Machado

Coordenação de Design

Jon Barros

Programação Visual

Alex Keller Francisco Myard Juscelino Guilherme

Ficha catalográfica elaborada por Tereza Cristina Araújo de Moura – Bibliotecária – CRB-3/884

E56a Encontro de Iniciação à Pesquisa e à Docência (14. : 2017 : Fortaleza, CE) Encontro de Pesquisadores (12. : 2017 : Fortaleza, CE)

Anais 2017 - XIV Encontro de Iniciação à Pesquisa e à Docência e XII Encontro de Pesquisadores, 03 e 04 de Outubro de 2017 / Organizado por Ana Stela Vieira Mendes Câmara ... [et al.]. – Fortaleza : EdUnichristus, 2018.

172 p.

ISBN 978-85-9523-047-7

1. Pesquisa científica . 2. Iniciação à docência. 3. Arquitetura e Urbanismo. I. Câmara, Ana Stela Vieira Mendes, org. II. Centro Universitário Christus-Unichristus. III. Título.

CDD 001.42

Editoração

Editora Universitária Unichristus – EdUnichristus Rua João Adolfo Gurgel, 133, Cocó, Setor: Biblioteca, CEP 60192-345, Fortaleza-CE Telefone: (85) 3265-8180

Site: www.unichristus.edu.br - e-mail: editora01@unichristus.edu.br

Impressão

Gráfica e Editora LCR Ltda. Rua Israel Bezerra, 633 - Dionísio Torres - CEP 60.135-460 - Fortaleza — Ceará Telefone: 85 3105.7900 - Fax: 85 3272.6069

Site: www.graficalcr.com.br - e-mail: atendimento01@graficalcr.com.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS

ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR

Reitor: José Lima de Carvalho Rocha

Pró-Reitor de Pesquisa: Marcos Kubrusly

Pró-Reitor de Administração e Planejamento: Estevão Lima de Carvalho Rocha

Pró-Reitor de Graduação: Maurício Lima de Carvalho Rocha

Pró-Reitor de Extensão: Rogério Frota Leitão dos Santos

COORDENADORES DE CURSO

Administração: Luis Antonio Rabelo Cunha

Arquitetura e Urbanismo: Germana Pinheiro Câmara

Ciências Contábeis: Cristina Castelo Branco Mourão de Andrade

Direito: Andreia da Silva Costa

Engenharia Civil: Maria Bernadette Frota Amora Silva

Engenharia de Produção: Liciane Carneiro Magalhães Goettems

Sistemas de Informação: Adail Nunes da Silva

COORDENADORES DE PESQUISA

Coordenação Geral de Pesquisa: Ana Stela Vieira Mendes Câmara

Administração: Elnivan Moreira de Souza

Arquitetura e Urbanismo: Raísse Layane de Paula Saraiva

Ciências Contábeis: Maely Barreto de Sousa

Direito: Lígia Maria Silva Melo de Casimiro

Engenharia Civil: Raísse Layane de Paula Saraiva

Engenharia de Produção: Raísse Layane de Paula Saraiva

Sistemas de Informação: Thais Cristina Sampaio Machado

APRESENTAÇÃO

Ao longo de um ano inteiro, alunos e professores orientadores do Centro Universitário Christus estiveram envolvidos em suas atividades de pesquisa, motivados a desvendar novas nuances de temáticas de seu interesse.

Sem dúvidas, o processo de elaboração destas pesquisas – oriundas dos Programas de Iniciação Científica, de Iniciação à Docência, de Projetos de Extensão e até mesmo de iniciativas independentes – trouxe consigo inúmeros desafios a quem se propôs a realizá-las, pois envolvem problemáticas relevantes e atuais, e, muitas vezes, olhares ousadamente inovadores dirigidos às áreas de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia Civil e Engenharia de Produção.

Durante este período, portanto, houve esforço, dedicação, momentos de inquietação e questionamentos. Os que, ainda assim, aceitaram seguir adiante, oportunizaram-se a superação de seus próprios limites e horizontes. É, portanto, com satisfação e honra que o Centro Universitário Christus torna público o produto final de mais um ciclo de trabalho de sua comunidade acadêmica: os Anais do XIV Encontro de Iniciação à Pesquisa e à Docência e o XII Encontro de Pesquisadores do Centro Universitário Christus.

Boa leitura a todos! Fortaleza, verão de 2018.

Ana Stela Vieira Mendes Câmara Coordenadora Geral de Pesquisa e Extensão

SUMÁRIO

RESUMOS ARQUITETURA E URBANISMO
LEITURA DO ESPAÇO URBANO: PARANGABA
Alice Teles de Araújo, Larissa de Miranda Menescal
LEITURA DO ESPAÇO URBANO: BAIRRO VILA VELHA
ARTIGOS ARQUITETURA E URBANISMO A NOVA CASA DO ESTUDANTE. DA REABILITAÇÃO SUSTENTÁVEL AOS NOVOS USOS FUNCIONAIS 17 Thaís Custódio Calazans Menescal de Abreu, Yumi Alves Ito, Rafaella Fernandes Gradvohl
CHEIOS E VAZIOS: UM NOVO OLHAR SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DO MEIRELES31 Marianne Braga Cruz Amaral, Bianca Mary Medeiros Ruane, Viviane Sales Furtado, Mônica Veras Morais
ESTUDO PROPEDÊUTICO DA INFLUÊNCIA ANTROPOLÓGICA DA GRÉCIA ANTIGA EM AÇÕES URBANÍSTICAS E O DESEMPENHO TÉRMICO NAS RESIDÊNCIAS DA PRIENE HELENÍSTICA
ANÁLISE DA FORMA ARQUITETÔNICA: O CASO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA54 Sainte Honório Araújo, Larissa de Carvalho Porto, Rodrigo Marcio Souza Pinto
SELVA DE PEDRA E FLORES
HARMONIA E COSMOS: ARQUITETURA E <i>MÍMESIS</i> NA RENASCENÇA ITALIANA
ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E COMPORTAMENTOS NAS PRAÇAS DO SHOPPING CENTER IGUATEMI – FORTALEZA (CEARÁ): UMA ANÁLISE DE CONFORTO E PSICOLOGIA AMBIENTAL CONSTRUÍDO82
Raquel Fontenelle Ferreira, Sainte Honório Araújo, Clarissa Freitas de Andrade
O PAPEL DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA PRODUÇÃO DE UM DESENVOLVIMENTO URBANO MAIS INCLUSIVO: O CASO DA PRAIA DO FUTURO
MONITORIA COMO ATIVIDADE DE CONTRIBUIÇÃO NO APRENDIZADO DO ALUNO110 Welanna Elen Moreira Melo, Afrânia Gadelha Diogenes
CIDADE PULSANTE: HUMANIZANDO ESPAÇOS
RESSIGNIFICAÇÃO DA LINGUAGEM COMPOSITIVA: O CASO DA OBRA "CASA DO CINEMA MANOEL DE OLIVEIRA" DE EDUARDO SOUTO DE MOURA
DADAÍSMO E DECADÊNCIA: A RUPTURA DOS PADRÕES DA MODERNIDADE PELA VANGUARDA 146 Pablo Sales de Rosa. Mateus Golcalves de Medeiros

O ESTUDO SOCIAL DE GAREMA PLACE: APROPRIAÇÃO PÚBLICA E ELEMENTOS ECONÔMICOS COMO ESTRATÉGIA ACESSÍVEL PARA REVITALIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO Mateus Souza de Vasconcelos, Thayná Gomes de Melo Leite, Viviane Sales Furtado	151
AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS, ANALISANDO NA RESOLUÇÃO DE QUESTÕES A PARTIR DAS ATIVIDADES PRÁTICAS PROPOSTAS NA DISCIPLINA DE TEC1	160
ARQUITETURA, CAPITALISMO E PÓS-MODERNIDADE	167

RESUMOS ARQUITETURA E URBANISMO





LEITURA DO ESPAÇO URBANO: PARANGABA

Alice Teles de Araújo¹ Larissa de Miranda Menescal²

RESUMO

O presente resumo trata-se de um estudo da forma urbana do bairro Parangaba da cidade de Fortaleza. Serão realizados levantamento de dados, elaboração de mapas, registros fotográficos, visita de campo, pesquisas históricas e análise quantitativa e qualitativa do bairro seguindo a abordagem metodológica de teóricos como Kevin Lynch e Vicente Del Rio. Esse resumo é resultado das atividades desempenhadas no grupo de estudo forma urbana de Fortaleza e acompanha uma sequência de resumos semelhantes, abordando outros bairros do município.

O bairro Parangaba é um antigo bairro de Fortaleza, bastante populoso e com grande significância histórica para a cidade, também conhecido por sua intensa atividade comercial de variados usos e serviços. A ocorrência desses e outros feitos correspondem a uma sequência de fatos determinantes para a forte identidade atual do bairro, como: a precoce implantação enquanto vila em 1758 e sua recente incorporação ao município de Fortaleza (1921); seu intenso crescimento populacional e econômico, que contribuiu para a oferta e demanda de serviços diversos; seu elo histórico com modais de transporte que se torna ainda mais forte nos dias atuais (contemplando metrô, VLT, programa VAMO, bicicleta integrada e os terminais de ônibus); os fortes laços de vizinhança trazem maior uso dos espaços públicos gerando posturas de proteção e vigilância³ para o bairro e dentre outras sequência de fatores.

O estudo realizara um diagnóstico que buscará identificar as tendências de alteração da forma urbana do bairro devido aos investimentos previstos. Servindo de fonte de referência para análise da evolução do bairro.

Palavras-chave: Forma Urbana. Urbanismo. Fortaleza. Parangaba. Morfologia Urbana.

Graduanda, Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Christus, alicetelees@gmail.com.

Mestre, Arquitetura e Urbanismo, Professora do Centro Universitário Christus, Larissa.menescal@gmail.com. 2

Conceito de fortalecimento da sensação de segurança nos espaços públicos vinculados ao intenso uso dos mesmos é oriundo do livro Morte e Vida das Grandes Cidades de Jane Jacobs.





LEITURA DO ESPAÇO URBANO: BAIRRO VILA VELHA

Mirna Menezes Novaes1 Larissa de Miranda Menescal²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma análise da forma urbana, dos fatores geradores e das tendências de ocupação do bairro Vila Velha localizado às margens do rio Ceará, na zona oeste do município de Fortaleza. Através de pesquisas, visitas de campo, realização de mapas e de fichas técnicas, que são as ferramentas atribuídas ao grupo de estudos o qual a pesquisa foi desenvolvida. E com o intuito

de exercitar a percepção de leitura do espaço urbano e abordar métodos de análise fundamentados em autores como Kevin Lynch e Vicente Del Rio. A origem do bairro Vila Velha dar-se por volta da década de 1950, com algumas vilas e casas assentadas irregularmente. Para atender a demanda de moradias, em 1992 iniciou- se a construção de alguns conjuntos habitacionais. O que evidencia cenários de ocupação de habitação de interesse social formal e informal, onde grande parte de sua população vive em assentamentos irregulares devido ao difícil acesso em aquisição à terra regular para habitação. Submetendo a ocupação em áreas ambientalmente frágeis e de grande risco. O bairro possui um grande potencial paisagístico, visto que parte do rio Ceará e do mangue. A pesquisa é desenvolvida em um grupo de estudos que aborda ainda outros bairros no município de Fortaleza, evidenciando os fortes contrastes sociais característicos desta capital mais densa do Brasil. Englobando o bairro Vila Velha numa posição afetada socialmente, onde o seu IDH é de 0,27 partilhando no mesmo município, destaca-se o bairro Meireles, com um IDH de 0,95 e comparado à países com o melhor IDH do mundo (Noruega com 0,93).

Palavras-chave: Morfologia urbana. Fortaleza. Bairro Vila Velha. Leitura do espaço urbano. Habitação.

¹ Mirna Menezes Novaes, Arquitetura e Urbanismo, Aluna, mirnamnovaes@hotmail.com.

Larissa de Miranda Menescal, Mestre, Arquitetura e Urbanismo, Professora, larissa.menescal@gmail.com.

ARTIGOS ARQUITETURA E URBANISMO





A NOVA CASA DO ESTUDANTE. DA REABILITAÇÃO SUSTENTÁVEL AOS NOVOS USOS FUNCIONAIS.

Thais Custódio Calazans Menescal de Abreu¹ Yumi Alves Ito2 Rafaella Fernandes Gradvohl³

RESUMO

No Brasil e no mundo, edifícios abandonados são bastante frequentes no contexto urbano. Tal fato deve-se principalmente à forma rápida que a evolução industrial e civil se propagou nas últimas décadas, gerando ao mesmo tempo oportunidade de desenvolvimento e ociosidade de edificações inacabadas ou inativas, seja por falta de interesses, investimento monetário ou simplesmente abandono. "Cada comunidade, tendo em conta a sua memória colectiva e consciente do seu passado, é responsável, quer pela identificação, quer pela gestão de patrimônio. " (CRACÓVIA, 2000)

Com isso, é de fundamental importância debater sobre o processo de revitalização das edificações inertes quando sua função para a sociedade já não convém com os propósitos de utilização iniciais, dando-as assim, uma nova função nos contextos urbano, social e cultural. O artigo idealiza a possibilidade de novas formas de readequação e requalificação de edificações obsoletas, transformando-as e devolvendo-as à sociedade através da atribuição de novos programas funcionais.

Palavras-chave: Reabilitação. Edificações. Usos. Patrimônio. Urbanismo.

1 INTRODUÇÃO

A requalificação de edifícios obsoletos passíveis de novos usos funcionais se torna um importante componente da arquitetura contemporânea, trazendo novos usos, bem como, dinamizando seu entorno. Todavia, esse processo demanda cautela e estudo, uma vez que "o monumento é inseparável da história – da qual é testemunho – e também do meio que está situado" (CARTA DE VENE-ZA, 1964). Intervenções descomprometidas podem resultar em impactos à identidade arquitetônica, descaracterizando tanto o edifício como os seus arredores e desvalorizando, muitas vezes, o conceito primordial da obra. De acordo com a Carta de Veneza, "A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade." (CARTA DE VENEZA, 1964)

Mesmo considerando o investimento na reabilitação e nos novos usos funcionais dos edifícios como uma vertente mais onerosa quando comparadas ao da construção civil convencional, deve-se vislumbrar que os conceitos de sustentabilidade podem ser vistos de maneira holística e que o tempo em que vivemos já clama por resoluções que insiram as edificações e a arquitetura num contexto urbano sustentável mais apropriado.

De acordo com a Cartilha da Sustentabilidade define-se sustentabilidade como "Um modelo econômico, político, social, cultural e ambiental equilibrado, que satisfaça as necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades. Esta concepção começa a se formar e difundir junto com o questionamento do estilo de desenvolvimento adotado, quando se constata que este é ecologicamente predatório na utilização dos recursos naturais, socialmente perverso com geração de pobreza e extrema desigualdade

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo | menescalthais@gmail.com 1

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo | yumiito97@gmail.com 2

Arquiteta e Urbanista, mestra em Arquitetura pela FA UTL (Universidade Técnica de Lisboa) rafaellafg@gmail.com





social, relação aos seus próprios valores e eticamente censurável no respeito aos direitos humanos e aos das demais espécies.".

Desse modo, torna-se necessária a adoção de intervenções que tenham por objetivo principal a exaltação da sustentabilidade, atrelados a adaptação dos usos no programa da edificação. "Este processo pode incluir o estudo dos materiais tradicionais, ou novos, o estudo estrutural, análises gráficas e dimensionais e a identificação dos significados histórico, artístico e sociocultural. " (CRACOVIA, 2000).

Após a realização de pesquisas relacionadas a temática histórico sustentável e adentrando o cenário das edificações de Fortaleza, foi possível perceber a gama de edifícios em processo de degradação e esquecimento aos olhos da cidade, os quais possuem um grande potencial de uso, dentre eles o objeto de estudo: A Casa do Estudante do Ceará (CEC). Por meio de estudos e percepções, nasce a necessidade e a possibilidade de intervenções que vislumbrem a reconversão deste edifício, devolvendo-o qualitativamente aos seus utentes, transformando suas zonas hoje degradadas em área de lazer voltadas para o âmbito cultural, voltando parte deste edifício para a sociedade e atribuindo novos usos funcionais que estejam estruturalmente atrelados a conceitos de sustentabilidade.

Pretende-se devolver o edifício à sociedade fortalezense de modo que suas funções sejam plenamente utilizadas pelos moradores da CEC. O programa se basearia na criação de um novo layout para os dormitórios dos estudantes residentes, inclusão de sala multiuso voltada para apresentações internas e palestras, reforma do refeitório tornando-o apto a atender a demanda interna e possível visitação. É de interesse do estudo a adoção de um novo programa funcional, com salas de exposições, salas de lazer (jogos, dança e informática) e reforma da biblioteca e do auditório, visto o grande potencial de uso da casa.

Propõe-se reutilizar a estrutura já existente, por meio de estudos e diagramas que demonstrem a possibilidade de readequar o edifício ao seu futuro uso, vislumbrando a preservação da identidade e autenticidade da edificação. (CRACÓVIA 2000). Será estudado um novo programa funcional nos espaços internos, adotando conceitos e instalações sustentáveis e requerendo a implantação de novos usos funcionais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A atribuição de novos usos funcionais a edifícios pré-existentes torna-se importante na arquitetura das cidades devido à grande quantidade em situação de abandono e negligência por parte do setor público e pelo impacto da urbanização, o que gera degradação e desvalorização do patrimônio histórico e do traçado arquitetônico das cidades.

De modo a tentar reverter positivamente tal situação, torna-se interessante e de fundamental importância a readequação desses espaços, atribuindo-lhes novas funções que se voltem de maneira benéfica à sociedade. Surge a necessidade da implantação de novos centros culturais e acadêmicos, residências unifamiliares, restaurantes, entre outros usos que fazem parte da sociedade moderna, adequando- se aos seus costumes já tão modificados com o passar do tempo, através de novos modelos de usos e funções edificadas. Com base nestes critérios de abordagem, identificamos alguns exemplos base para introduzir o estudo do caso que será apresentado:

Centro Cultural Érico Veríssimo

Em Porto Alegre, no ano de 1928, foi inaugurada a sede da companhia de energia elétrica do Estado: o Edifício Força e Luz. Porém, antes de ser ocupado pela companhia, o prédio passou por muitas modificações tanto estruturalmente, como esteticamente. Assim, comprometendo sua





segurança, gerando uma desocupação e abandono do mesmo por alguns anos, quando em 1994 foi nomeado Patrimônio Histórico e ao chegar em 2001 se deu início à obra de reconversão de uso do edifício em Centro Cultural Érico Veríssimo – CEEE, inaugurado em 2002 e mantido/gerenciado pela Companhia Estadual de Distribuição de Energia. O centro abriga diversas funções voltadas ao público, com entrada franca, que o mantêm sempre ativo, como salas de exposições, uma cafeteria, o museu da eletricidade, o auditório Barbosa Lessa (onde há apresentações musicais e de danças, palestras e cinema), além de uma biblioteca e um espaço para o memorial de Érico Veríssimo.

O processo de reforma procurou não descaracterizar sua fachada original por ser bastante marcante à época. Já em relação a seus espaços internos, houve grandes intervenções, como a instalação de novos elevadores no lugar dos poços de iluminação e ventilação, a questão da acessibilidade em relação aos vários desníveis encontrados, além do pé direito duplo inicial que permitiu a implantação de um mezanino, entre outras. Porém, algumas estruturas e espaços foram reutilizados, como por exemplo, uma estrutura metálica de um mezanino que serviu para fazer a laje inclinada e o foyer do auditório Barbosa Lessa.

Sesc Pompeia – Velha Fábrica De Tambores

A antiga Fábrica de Tambores, atual sede do SESC Pompéia, construída no ano de 1938, localizada em São Paulo foi construída pela firma alemã Mauser & Cia Ltda. Após alguns anos, os proprietários voltaram para a Europa, consequentemente, a construção ficou abandonada, e, em seguida, foi à leilão. Desde então, a edificação passou por várias formas de usos, como fábrica de diferentes diretrizes, além de almoxarifados e garagem.

Em 1970, o fábrica passou a pertencer ao SESC. Lina Bo Bardi foi chamada pelos diretores da empresa na época, com a ideia de reinventar o espaço. O projeto teria como objetivo integrar arquitetura de preservação e cidadania, pois o prédio se caracterizava como uma construção sem valor histórico, e assim, as funções da antiga estrutura seriam readequadas em um projeto moderno.

Em 1980, durante o processo de reforma, a arquiteta responsável fez uma importante descoberta a qual se devia ao projeto de estrutura ser constituído de concreto armado, dando início a uma série de processos de desnudamento do edifício. Em meio a essas reformas, uma das propostas era constituir um espaço livre dos galpões ao mesmo tempo em que cria espaços individuais para determinadas atividades. Além da implantação de espelhos d'águas, lanchonetes, bibliotecas, etc.

O seu programa atual consiste em diversos espaços culturais, como por exemplo, para exposições, apresentações teatrais e musicais, quadras esportivas e piscinas, além de restaurantes, fazendo com que atraia um grande número de usuários e mantenha o centro cultural sempre dinamizado e valorizado.

3 MÉTODOS

A pesquisa classifica-se como investigativa e prática. Serão coletados todos os dados documentais pelos pesquisadores, além da realização de entrevistas e visitas locais, levantamento fotográfico e histórico. Em etapa posterior, realiza-se os devidos levantamentos arquitetônicos, bem como uma estreita observação da envolvente e da situação atual do edifício.

Tomando por base o contexto acima descrito, inicia-se a fomentação do possível plano de intervenção, analisando soluções adequadas sob o ponto de vista da sustentabilidade e da preservação do traçado arquitetônico da edificação. O que se pretende, neste caso, é a verificação do nível de aplicabilidade de novos usos funcionais à arquitetura pré-existente, transformando edifícios em estado de degradação em edifícios que se voltam ao público interno e urbano de maneira qualitativa.





As soluções serão expostas e apresentadas, através de análises gráficas, mapas funcionais do edificado, mapeamento e distribuição das novas funções pretendidas e apresentação dos resultados de base teórico-expositiva.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO Caracterização Histórica

Casa do Estudante do Ceará

A fundação da Casa do Estudante do Ceará (CEC), localizada em Fortaleza – Ceará partiu do movimento estudantil dos anos 30, tendo como propósito abrigar estudantes de baixa renda de todo o Ceará¹. Primeiramente, a instituição acolhia apenas o público masculino, até que na década de 90, extinguiu-se a regra, passando a abrigar também o público feminino.

O processo de concretização da construção foi bastante lento, pois dependia de doações de órgãos públicos e da sociedade, além de rifas, sorteios e eventos de arte e cultura desenvolvidos pelos próprios estudantes interessados. De início, no ano de 1934, o local destinado ao funcionamento da sede provisória da instituição se dava na esquina das ruas Senador Pompeu e São Paulo. Na mesma época, dava-se início à construção da sede definitiva, projetada pelo arquiteto Emílio Hinko³, localizada na rua Nogueira Acioli, 440. Segundo Moreira, sua inauguração se deu por etapas. Em 1941, foi finalizada a construção da parte térrea, enquanto o processo construtivo das demais partes iria perdurar por mais de uma década. Até que em 11 de agosto de 1952 foi inaugurada a Casa do Estudante do Ceará.

Entorno

A localização da Casa do Estudante é bastante conveniente, uma vez que a edificação fica entre dois grandes bairros da cidade de Fortaleza, Centro e Aldeota. Ambos se caracterizam por serem bairros comerciais e residenciais, com diversos setores destinados a suprir as necessidades da população, tais como escolas, faculdades, hospitais, supermercados, farmácias, comércios, etc.

No decorrer dos séculos XIX e XX, iniciou-se uma migração residencial da parcela populacional abastada, do bairro do Centro para as proximidades da Aldeota, chamado antigamente de Outeiro.' "A partir dos anos 1940/50, a Aldeota tornou-se o bairro mais aristocrático de Fortaleza, com suas mansões e bangalôs, dando margem a muitas controvérsias sobre a origem rápida e duvidosa de algum dos seus moradores, que buscavam residir longe do Centro, para escapar dos bisbilhoteiros e das autoridades. "8

Caracterização Construtiva e Evolução Arquitetônica

Podemos dividir o projeto inicial realizado pelo arquiteto Emílio Hinko[®] em um programa de três alas. A ala norte, consiste em 24 dormitórios (09 no pavimento térreo + 15 no pavimento superior), banheiros, quadra poliesportiva, auditório, cantina, sala para atendimento odontológico e sala de espera.

⁴ MOREIRA, Afonsina Maria Augusto.

Emílio Hinko 1901 - 2002. Disponível em < http://www.fortalezanobre.com.br/2010/06/emilio-hinko-vida-eobra.html>

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. 6

Blog Ceará Nordeste.

GÁRCIA, Fátima. O Crescimento Desordenado de Fortaleza. Disponível em: http://www.fortalezaemfotos.com. br/2012/09/o-crescimento-desordenado-de-fortaleza.html>. Acesso em: 11 mar. 2017.

Emílio Hinko 1901 - 2002. Disponível em < http://www.fortalezanobre.com.br/2010/06/emilio-hinko-vida-e- obra.html>





A ala sul, possui 42 dormitórios (24 no pavimento térreo + 18 no pavimento superior), banheiros pátio de convivência, diretoria e caixa d'água.

A ala central, por sua vez, começa abrangendo o hall da entrada principal, responsável por conectar os ambientes; o restaurante, bebedouro, cozinha e dormitórios e banheiros de serviço. Há também a presença de uma escada que leva ao sótão da casa, espaço que era utilizado como esconderijo na época da ditadura militar¹⁰.

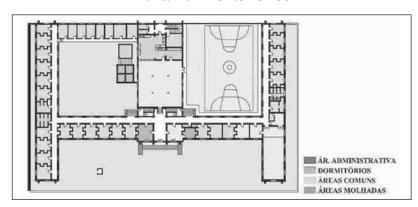
Durante a década de 30 há um crescimento notório do uso da alvenaria estrutural no Brasil¹¹, material o qual se dá a construção da CEC, caracterizado como um sistema construtivo de fácil execução e de custo reduzido. Foi possível detectar no sistema arquitetônico da casa o uso de alvenaria dobrada¹². Além disso, a forma a qual se configura a circulação vertical da casa se dá unicamente por meio de caixa de escadas, sem a presença de rampas ou elevadores que permitam uma circulação mais acessível aos cômodos superiores.

Como citado anteriormente na Carta de Cracóvia 2000, a preservação da identidade arquitetônica do edifício, principalmente quanto sua fachada é de suma importância. Porém, no objeto de estudo, percebe-se a não aplicação de tal conceito ao longo de sua história. Ao longo dos anos a cor da fachada original foi modificada inúmeras vezes, indo desde cores sóbrias a uma paleta de cores vibrantes.

Mudanças Setoriais

Planta Inauguração

As plantas apresentadas abaixo mostram a distribuição dos usos funcionais na Casa do Estudante do Ceará em diferentes períodos. Vale ressaltar que ao longo dos anos, algumas funções são readaptadas, modificadas ou mostram-se obsoletas.



Planta Pavimento Térreo

Imagem 01

Fonte: Autoral

Base: Compatibilização baseada em arquivos fornecidos pelo acervo da Casa do Estudante.

^{10 &}quot;Ditadura militar (1965-1985) foi o regime político no qual membros das Forças Armadas de um país centralizam política e administrativamente o poder do Estado em suas mãos, negando à maior parte dos cidadãos a participação e a decisão nas instituições estatais. " (PINTO, Tales. O QUE É DITADURA MILITAR? Disponível em: http:// brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-ditadura-militar.htm>. Acesso em: 25 maio 2017).

¹¹ RIZKALLAH, Antônio Carlos.

¹² Sistema de assentamento em que a espessura da parede coincide com a maior dimensão do tijolo ou bloco.





Planta Pavimento Superior

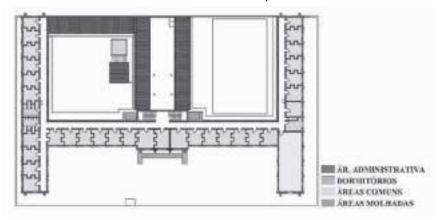


Imagem 02

Fonte: Autoral

Base: Compatibilização baseada em arquivos fornecidos pelo acervo da Casa do Estudante.

Setorização Atual

Planta Pavimento Térreo

- Expansão área administrativa;
- Sala de Diretoria tornou-se sala de informática;

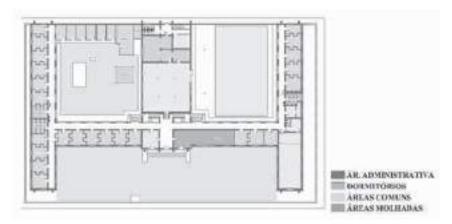


Imagem 03

Fonte: Autoral

Base: Compatibilização baseada em arquivos fornecidos pelo acervo da Casa do Estudante





Planta Pavimento Superior

• Não foram encontradas mudanças setoriais de grande impacto.

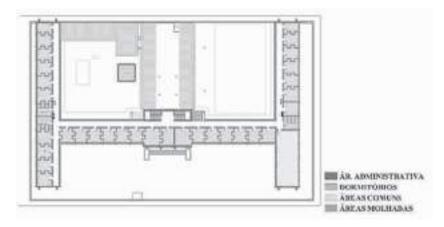


Imagem 04

Fonte: Autoral

Base: Compatibilização baseada em arquivos fornecidos pelo acervo da Casa do Estudante

Caracterização das Patologias Correntes

Ao longo da vida de um edifício são, frequentemente, detectadas insuficiências ou desajustamentos do seu desempenho, face aos requisitos a que deveria obedecer. Estas insuficiências podem ser originadas no próprio edifício, devido a erros de projeto ou de execução, resultantes da ação do tempo (deterioração, danificação), ou provocadas pela alteração de circunstâncias externas que originam um maior grau de exigência ou expectativa (CÓIAS, 2006).

A seguir serão apresentadas patologias detectadas na estrutura e revestimentos da Casa do Estudante do Ceará, a fim de comprovar a situação atual e a reforçar a necessidade de intervenção.

Como dito anteriormente, a casa se divide em áreas comuns como cozinha e refeitório, os quais possuem iluminação artificial precária, além de mobiliários inadequados e insuficientes (Imagem 05); quadra poliesportiva (Imagem 06), que apesar de ser uma das áreas mais utilizadas da casa, segundo entrevistas com os moradores, se encontra exposta excessivamente a luz solar, prejudicando e limitando o uso ao longo do dia; auditório, biblioteca e sala de informática (Imagens 07, 08 e 09), os quais apresentam problemas como bolor, má iluminação e ventilação natural, desgaste de revestimentos e circulação vertical exclusiva a escadas, limitando o acesso de estudantes com mobilidade condicionada.

A casa conta com dois jardins de grande potencial. O jardim interno (Imagem 10), que deveria ser usado para promover a convivência dos moradores tornou-se um depósito de dejetos, com fortes odores e tomado por animais, tais como pombos e gatos. Neste pátio/jardim também se localiza a caixa d'água (Imagem 11) a qual encontra-se condenada estruturalmente, podendo vir a ruir a qualquer instante, segundo o ex-presidente da casa. Já o jardim externo (Imagem 12), encontra-se em melhores condições, visto que possui algumas espécies de plantas e algum mobiliário. Ainda assim, o espaço não é convidativo o suficiente, uma vez que não consegue promover-se como área social e não possui boas condições de conforto climático.

As instalações sanitárias se encontram em estado inadequado para um bom uso pela falta de higiene adequada e mobiliário ultrapassado e em condições precárias (Imagem 13). Os dormitórios não possuem padronização de layout, ocasionando o desconforto e a má organização do





espaço para os estudantes, que muitas vezes se utilizam do espaço também para o preparo de refeições. É importante ressaltar a existência de dormitórios próximos ao pátio interno que não apresentam aberturas diretas para o exterior, tornando o ambiente insalubre e não atendendo às condições mínimas de conforto ambiental.¹³

As imagens a seguir demonstram parte das problemáticas relatadas acima.



Imagem 05 – Refeitório Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 06 - Quadra Poliesportiva





Imagem 07 – Entrada do Auditório Imagem 08 – Parede da biblioteca com mofo Fonte: Arquivo Pessoal Fonte: Arquivo Pessoal

¹³ Conforto término, lúmico, acústico e visual. (FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. Manual de Conforto Térmico. 5. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001).







Imagem 09 – Esquadria Informática Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 10 – Jardim Interno Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 11 - Cx D'água Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 11 – Jardim Externo Fonte: Arquivo Pessoal

Síntese

Como mencionado anteriormente foi elaborado e aplicado um modelo de questionário ¹⁴ aos atuais moradores da casa, com o objetivo de obter resultados sob a perspectiva do usuário e realizar um comparativo com o diagnóstico técnico realizado anteriormente. Foram detectados alguns conflitos entre os resultados do questionário versus a realidade do atual estado da edificação. Vale ressaltar que, os padrões mínimos de conforto são requisitos variáreis de acordo com a realidade socioeconômica e sociocultural de cada morador, podendo os questionários apresentar divergências em relação ao padrão mínimo de conforto estabelecido para pleno uso da edificação.¹⁵

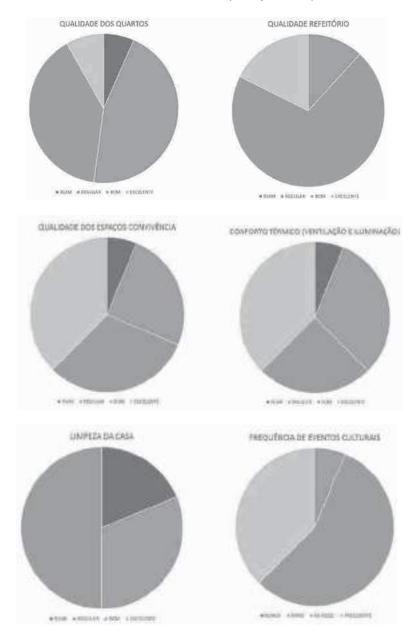
¹⁴ Anexo I - Modelo do Questionário Aplicado

¹⁵ FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. Manual de Conforto Térmico. 5. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.





A seguir apresentaremos os resultados obtidos na aplicação do questionário.



Proposta

Diante dos fatos apresentados no decorrer do artigo e dos resultados obtidos através da análise dos dados recolhidos, nota-se a necessidade de uma intervenção estrutural e funcional nos espaços da Casa do Estudante do Ceará. Garantindo a adequação do edifício de forma funcional aos seus atuais usuários. O edifício possui um grande potencial de uso espacial, tanto para seus moradores, como para seu entorno.

Propõe-se mudanças de funções em alguns cômodos, adicionando novas atividades ou por vezes relocando e requalificando os espaços com o objetivo de proporcionar aos estudantes residentes e à população uma edificação atemporal e condizente com as necessidades correntes. A requalificação funcional e estrutural devolverá ao edifício seu valor histórico – cultural, bem como seu real reconhecimento no contexto da cidade de Fortaleza.

A nova distribuição das funções ocorre a partir dos espaços próximos ao pátio interno, antigos dormitórios sem abertura para a entrada de ventilação. A proposta é a criação de um ambiente cul-

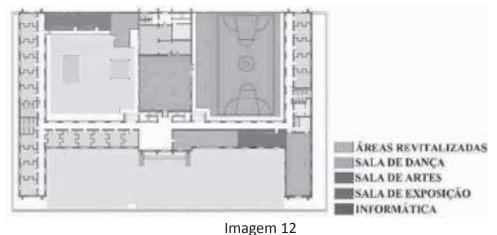




tural e de integração, que conta com salas de exposições de arte, salas esportivas e salas multiuso (dança, ginástica, entre outros), com objetivo de criar eventos abertos ao público a fim de gerar investimento monetário para a própria instituição, cobrindo gastos e custeando as necessidades da Casa. Além disso, se propõe a criação de uma horta comunitária que seja compartilhada entre os moradores da casa e do bairro, como forma abastecer a demanda alimentícia dos usuários.

Prevê-se também uma revitalização dos espaços de auditório, biblioteca e refeitório, com uma tentativa de dar-lhes as condições mínimas necessárias para

seus usos, requalificando-os através de inserção de mobiliário, iluminação e ventilação adequados. A escolha de materiais precisa ser bastante cautelosa, devido a limitação de renda e a preocupação com uma obra limpa, utilizando-se de uma arquitetura sustentável, como por exemplo, materiais locais, de fácil acesso e baixo custo. O processo de readequação destes espaços possibilitará ao edifício suprir o uso da demanda interna, como, também, de eventual público visitante.



Planta Térreo – Proposta de Novos Usos

Base: Compatibilização baseada em arquivos fornecidos pelo acervo da Casa do Estudante

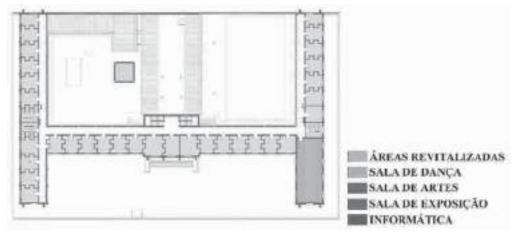


Imagem 13 Planta Superior – Proposta de Novos Usos

Fonte: Autoral

Base: Compatibilização baseada em arquivos fornecidos pelo acervo da Casa do Estudante

Para as alas de dormitórios, foi criada uma padronização de "quartos tipo", de forma a acomodar dois moradores por cômodo. Disponibilizando espaços de estudo, cama beliche, móvel para materiais didáticos, tv e frigobar.











5 CONCLUSÃO

Através dos levantamentos histórico, estrutural e funcional da Casa do Estudante do Ceará, pudemos perceber a imprescindibilidade da readequação funcional de edifícios históricos a programas que contemplem as mudanças de usos e costumes da sociedade ao longo do tempo.

A importância deste tipo de estudo não para na funcionalidade interna destes edifícios, mas sim, na importante consolidação dos edifícios históricos para com a cidade e a sociedade como um todo.

É importante salientar a necessidade da preservação de nosso traçado histórico arquitetônico, para que possamos assim, deixar para as gerações futuras um legado consistente e mais consciente arquitetonicamente.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Maria Matos; CARLEIAL, Adelita Neto. O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela migração. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. 73, n. 94, p.1-5, jul. 2001. Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-73.htm. Acesso em: 12 dez. 2016.

BRASIL (Município). Estatuto, de 20 de novembro de 2008. Estatuto da Casa do Estudante do Ceará. Fortaleza, CE, 20 nov. 2008. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/ b42bklmiz5bvslc/ESTATUTO_...pdf?dl=0>. Acesso em: 20 maio 2016.

CÓIAS, Vitor. (2006). Inspecções e Ensaios na Reabilitação de Edifícios. Lisboa, IST PRESS.

DETECÇÃO preventiva de patologias em edificações. 2011. Disponível em: http://techne.pini. com.br/engenharia-civil/167/deteccao-preventiva-de-patologias- em-edificacoes-285852-1. aspx>. Acesso em: 22 fev. 2017.





FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. Manual de Conforto Térmico. 5. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

GOMES, Marta Garcia Teixeira. Reconversão de Edifícios Habitacionais em Lisboa: Aplicação ao Caso de Estudo das Unidades Hoteleiras. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: https://fenix.tecnico. ulisboa.pt/downloadFile/395143403411/Dissertação (2 volumes).pdf>. Acesso em: 19 maio 2016.

HALL, Edward T. A Dimensão Oculta. Brasil: Martins Editora, 2005. 119-131 p. KIEFER, Flávio. De Edifício Força e Luz a Centro Cultural CEEE Erico

Verissimo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEUS, MUSEOGRAFIA E ARQUITETURA DE MUSEUS, 1., 2005, Rio de Janeiro. Seminário. Rio de Janeiro: Arg. urb, 2005. p. 21 - 47. Disponível em: 2016.

MACEDO, Gustavo Miguel Nogueira de. Reconversão de edifícios singulares face a novas funções: O edificado excepcional como instrumento de qualificação do espaço público e do desenho da cidade. 2009. 35 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em: http://docslide.com.br/design/reconversao-de-edificios- singulares-face-a-novas- funcoes.html>. Acesso em: 18 maio 2016.

MAIDEL, Bruna; ALMEIDA, Francielle; LIDANI, Julia. Patologia das Edificações. 2009. Disponível em: http://speranzaengenharia.ning.com/page/patologias-das-edificacoes. Acesso em: 21 fev. 2017.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Ideias e Ideais de Juventude em Fortaleza nos Idos De 1930 e 1940. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL - ESCRITAS DA HISTÓRIA: VER, SENTIR, NARRAR, 7, 2012, Teresina. Simpósio. Teresina: Simpósio, 2012. p. 1 - 11. Disponível em: http:// gthistoriacultural.com.br/Vlsimposio/anais/Afonsina Maria Augusto Moreira.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2016.

NOBRE, Leila. Emilio Hinko - Vida e Obra. 2010. Disponível em: http://www.fortalezanobre.com. br/2010/06/emilio-hinko-vida-e-obra.html>. Acesso em: 26 jun. 2017.

NORBERG-SCHULZ, Christian. El Significado em Arquitectura. Madri: Aldus, 1979. 237-250 p.

PEARSON, Michael Parker; RICHARDS, Colin. Architecture and Order: Approaches to Social Space. Londres: Routledge, 1997. 1-29 p.

Vitruvius: FERRAZ, Marcelo. Numa velha fábrica de tambores. SESC-Pompéia comemora 25 anos. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897 Acesso em: 18 de Maio de 2016.





ANEXO 01 – MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO

Questionário destinado à Pesquisa Científica – Unichristus

Sexo: Masculino () Feminino ()
Idade:
Cidade natal:
1. Quanto tempo mora na Casa do Estudante?
2. Quanto tempo pretende residir na Casa do Estudante?
3. Qualidade dos quartos: () ruim () regular () bom () excelente
4. Qualidade do refeitório: () ruim () regular () bom () excelente
5. Qualidade dos espaços de convivência: () ruim () regular () bom () excelente
6. Conforto térmico (ventilação, iluminação): () ruim () regular () bom () excelente
7. Limpeza da casa: () ruim () regular () bom () excelente
8. Frequência de eventos culturais: () ruim () regular () bom () excelente
Observações:





CHEIOS E VAZIOS: UM NOVO OLHAR SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES **PÚBLICOS DO MEIRELES**

Marianne Braga Cruz Amaral¹ Bianca Mary Medeiros Ruane² Viviane Sales Furtado³ Mônica Veras Morais⁴

RESUMO

O presente trabalho consiste na apresentação dos resultados parciais referentes a pesquisa desenvolvida por alunas do Curso de Arquitetura e Urbanismo durante o Programa de Iniciação à Pesquisa do Centro Universitário Christus, Unichristus. O trabalho tem como foco lançar um novo olhar sobre o bairro Meireles, em Fortaleza, Ceará, na busca pelo estabelecimento de um sistema de espaços livres públicos, incorporando terrenos subaproveitados, estacionamentos e empenas cegas. Para tanto, após desenvolvimento de pesquisa bibliográfica para embasamento da proposta, foram identificadas as zonas de interesse e estabelecido percurso para o sistema. Posteriormente, foi proposto um estudo preliminar para consolidação da proposta.

Palavras-chave: Sistema. Espaços livres. Vitalidade urbana. Meireles. Fortaleza.

1. INTRODUÇÃO

Quinta maior capital do país, a cidade de Fortaleza, no Ceará, é habitada por pouco mais de 2,6 milhões de pessoas, que se distribuem ao longo dos seus 313,140m² de território. Destes, 32,4% são considerados áreas verdes (IPLANFOR, 2015a).

Dentre praças, parques, largos e jardins, limita-se a 419 número de espaços urbanos destinados ao lazer na cidade (Figura 1). Entretanto, a qualidade desses espaços tem sido questionada e criticada pelos usuários, especialmente, no que diz respeito a iluminação, segurança e recuperação física. (IPLANFOR, 2015).

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo | mariannebraga1@gmail.com.

² Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo | biancamary06@gmail.com

Arquiteta e urbanista, especialista em Paisagismo | prof.vivianefurtado@gmail.com 3

Arquiteta e urbanista, especialista em Paisagismo, mestra em Eng. Civil | arqmonicaveras@gmail.com

Segundo Art. 19º do Plano Diretor Participativo do Município de Fortaleza, "integram o sistema de áreas verdes os espaços ao ar livre, de uso público ou privado, que se destinam à criação ou à preservação da cobertura vegetal, à pratica de atividades de lazer, recreação e à proteção ou ornamentação de obras viárias." (FORTALEZA, 2009)





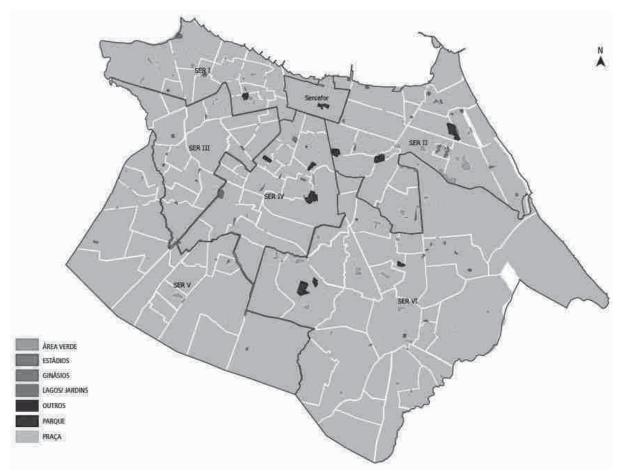


Figura 1- Espaços urbanos de lazer em Fortaleza.

Entrementes, especialmente nas últimas décadas, os espaços de convivência na cidade têm migrado do exterior para o interior das propriedades privadas: shopping centers, clubes, escolas, bares e restaurantes configuram pontos de encontro e lazer. Tais "enclaves fortificados" abrangem não apenas edificações comerciais, mas empreendimentos habitacionais, que cercam e privatizam áreas de lazer e segurança, atreladas ao poder aquisitivo do público alvo (CALDEIRA, 2003).

Segundo Caldeira (2003), essa tendência tem se destacado como relevante aspecto de transformação das cidades nos países em desenvolvimento e culminam em impactos significativos sobre a sociabilidade entre as classes e a qualidade de vida nos espaços livres públicos.

Em Fortaleza, a segregação física e social atrelada à privatização de espaços livres e de lazer concentram-se, principalmente, nos subúrbios adotados pelas camadas sociais de elevado poder aquisitivo e nos bairros com maiores índices de desenvolvimento humano (IDH). Dentre eles, o bairro Meireles destaca-se como o mais rico da cidade, apresentando uma média de renda per capta 15,3 vezes mais alta que o Conjunto Palmeiras, bairro mais pobre (IPLANFOR, 2015a).

[&]quot;Todos os tipos de enclaves partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo em que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente." (CALDEIRA, 2003, p. 258-259)

Bairro com elevados IDH em Fortaleza (acima de 0,80): Meireles (0,953), Aldeota (0,866) e Dionísio Torres (0,859) (IPLANFOR, 2015).





Os relatos da população⁸ descrevem o bairro Meireles como um lugar que ao mesmo tempo acolhe e segrega. Se por um lado fornece a infraestrutura básica para atender às necessidades dos moradores - e desperta o interesse daqueles que buscam morar com maior qualidade de vida - por outro, deixa claro seu desinteresse em conglomerar as camadas menos favorecidas: reverencia a cidade do automóvel, ignorando abrigos de ônibus e elementos promotores de acessibilidade (IPLANFOR, 2015b).

Dentro desse contexto, a pesquisa aqui apresentada busca soluções para elevação da vitalidade urbana no bairro Meireles, com foco no resgate da utilização da cidade pelas pessoas, na redução da segregação entre as diferentes classes sociais e, por conseguinte - tendo em vista a indissociabilidade entre esses fatores (JACOBS, 2000) - na redução da sensação de violência.

Para tanto, faz-se necessário lançar ao bairro Meireles um novo olhar, o qual identifique as potencialidades de suas áreas livres e persiga o equilíbrio entre cheios e vazios em busca de uma sociedade equilibrada em uma cidade mais saudável e vivaz.

O objetivo geral do presente trabalho é elaborar uma proposta de sistema de espaços livres para o bairro Meireles, a partir da identificação de áreas residuais e subaproveitadas. Para alcançar tal finalidade, teve-se como objetivos específicos identificar áreas residuais e subaproveitadas do bairro a partir de mapas e levantamento de campo, selecionar as áreas potenciais para composição do sistema, estabelecer vias de conexão entre as áreas do sistema e realizar plano conceitual para a proposta de sistema de espaços livres em nível de estudo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O componente de maior importância para o urbanismo é a rua. Ela é capaz de associar os diversos outros tipos de componentes do tecido urbano. Este é um objeto bastante estudado por diversos autores consagrados, tais como Jane Jacobs, Kevin Lynch e Jan Gehl.

Para Jacobs (2000), as ruas e as calçadas são os órgãos vitais das cidades e configuram o seu principal espaço público. É importante que as pessoas se sintam seguras ao andar a pé nas ruas ou nas calçadas, sendo necessário, para este fim, que estes locais sejam movimentados. Além disso, os edifícios devem ser voltados para a rua (mantendo os olhos para a rua). É importante que haja uma diversidade para que as pessoas se sintam seguras e tenham contato entre si. Para que isso seja possível, uma das condições é que existam quadras curtas (JACOBS, 2000).

Assim, as quadras curtas geram "diversidade de trajetos, confluência de caminhos, maior oferta e distribuição de pontos comerciais". Quadras longas, pelo contrário, causam sérios problemas, como "vizinhanças isoladas, lojas sem fim e comércio padronizado", o que consequentemente ocasionará uma vida monótona (JACOBS, 2000, p.127).

Lynch (2000, p. 52-53) considera que a rua é um dos diferentes tipos de vias existentes na cidade. O autor classifica-a como "canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove do mundo habitual, ocasional ou potencial".

Gehl (2011, p.12) diz que a rua deve ser o principal elemento que irá configurar o espaço e que as cidades devem ser seguras, saudáveis, humanas e vivas. O autor afirma ainda que "quanto mais espaço é ofertado, mais vida tem a cidade". O autor afirma que a construção de muitas vias é um convite para o uso do carro, o que gera um maior tráfego. Gehl (2013) cita o exemplo de São Francisco, onde em função de um terremoto, uma rua de intenso movimento teve de ser

Coletados pelo Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR) para elaboração do plano de desenvolvimento urbanístico, social e econômico Fortaleza 2040.





fechada. Pouco tempo após o fechamento desta via, a cidade já havia se recuperado: os usuários conseguiram se adaptar e hoje, no local da antiga via, há um bulevar com bondes, árvores e largos passeios.

As calçadas podem funcionar ainda como uma espécie de barreira de combate ao crime (LERNER, 2011). Assim como os demais espaços livres da cidade, são importantes na configuração do caráter e da qualidade do local, bem como do modo de vida dos moradores. Por outro lado, se esses espaços livres não são utilizados pelas pessoas, podem contribuir para a proliferação de violência na cidade, tendo em vista que a ausência de "olhos na rua" desampara esse espaço (JA-COBS, 2000).

Para Jacobs (2000, p.35-36), "uma rua segura precisa ter uma clara separação entre o espaço público e privado, além de não poderem ser misturadas, como o exemplo dos subúrbios ou conjuntos habitacionais". Este último cenário ocorre quando boa parte da população se priva de utilizar os espaços públicos e passa a usufruir apenas das áreas livres de seus próprios condomínios.

Além disso, a mesma autora diz que as calçadas funcionam como um meio de integração entre as crianças e o meio urbano, fazendo com que estas percebam como deve ser o convívio nas cidades (JACOBS, 2000).

Para obtermos urbanização de qualidade em uma cidade, devemos ter uma boa mobilidade urbana, a qual os habitantes pudessem valorizar. A cidade deve possuir uma diversidade de usos; ela precisa ser complexa e densa. Os projetos devem obter relações funcionais ou de uso (GEHL, 2015).

Jacobs (2000) relata a intervenção feita por Ebenezer Howard no planejamento da Cidade Jardim (Garden City); uma alternativa que sugere um tipo de divisão das cidades em comunidades pequenas, que deveriam ser planejadas em regiões internas - ou seja, separar as funções e seus usos, por exemplo, em: residências, comerciais, lazer e industriais. No entanto, a autora descarta essa ideia por acreditar que haveria um fim a vivacidade das metrópoles com essa implantação (SILVA NETO, 2012).

Uma boa relação entre as pessoas nas cidades, acaba acontecendo com a existência de parques e praças com mais vida, onde as pessoas anseiem por frequentá-los. Assim, teríamos, de fato, apropriação de determinadas áreas do bairro, haveria uma maior interação entre as pessoas e, consequentemente, melhoria da qualidade de vida da população, que passaria a usufruir de espaços verdes, e elevação da vitalidade do bairro (MENDONÇA, 2007).

Segundo Jacobs (2000), para obtermos bairros prósperos, devemos pensar nos bairros como órgãos autogovernados, ou seja, os moradores como responsáveis pelo seu próprio bairro, na busca de sempre torná-lo melhor, através de ações coletivas e individuais.

Esse desejável convívio nas áreas públicas parece estar se perdendo ao longo das últimas décadas no bairro Meireles. Se por um lado é o bairro mais bem infraestruturado da cidade, por outro, ainda configura-se como uma região de baixa acessibilidade universal, com seus desníveis intransponíveis para pessoas com deficiência (IPLANFOR, 2015b).

O bairro das contradições reflete seu caráter bipolar até mesmo diante de pequenos avanços: dotado de ciclofaixa e estações de bicicletas compartilhadas, é celebrado por alguns e achincalhado por outros; diante dos clamores por inclusão social, suas elevadas torres residenciais de classe média e alta, solenemente, viram as costas e ignoram a população da comunidade Campo do América (IPLANFOR, 2015b).





MÉTODOS 3.

A pesquisa aqui apresentada foi dividida em oito etapas (Figura 2). Primeiramente foi feita a revisão da literatura sobre espaços livres públicos e sua abordagem sistêmica, bem como sobre a relação entre apropriação de espaços públicos e violência.

Em seguida, foi realizado o estudo dos dados relativos ao bairro de intervenção, assim como levantamento das condicionantes físicas e socioculturais do bairro para melhor compreensão do objeto de estudo.

Posteriormente foi feita a identificação e o mapeamento de espaços livres, residuais e subutilizados do bairro Meireles, através de fotografias aéreas, utilizando o software Google Earth Pro.

Após esta etapa, foi feita uma visita de campo para compatibilização entre as áreas identificadas na fase anterior e a fase atual que o bairro se encontra, com uma predominância nos tipos de uso residencial e comercial. Em seguida, foi elaborada uma seleção das áreas a compor o sistema de espaços livres, bem com a possível inclusão de áreas livres já consolidadas no sistema proposto.

Com isso, foram definidas as vias de conexão entre as áreas escolhidas. Após essa etapa, será realizado o desenho da proposta em nível de plano conceitual (estudo preliminar). Por fim, a redação do artigo científico, fase que seguiu em paralelo a todas as demais etapas presentes no delineamento desta pesquisa.



4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta é conectar a Avenida Dom Luís, um dos limites do bairro Meireles, à praia. Para isso, foram realizadas pesquisas de campo, com o intuito de enumerar os espaços livres e/ou subutilizados com potencial a integrar um sistema de áreas livres do bairro, aumentando a sensação de pertencimento de seus moradores e visitantes.

No decorrer da pesquisa foram identificados também os estacionamentos limítrofes as vias, as calçadas e empenas cegas, com o intuito de interligar os espaços livres, formando, de fato, um sistema. O objetivo foi trabalhar pontos próximos de forma que os usuários realizassem o percurso todo a pé e que toda a sua extensão seria trabalhada de forma a tornar o sistema atrativo, movimentando-o e melhorando, consequentemente, sua sensação de segurança.

Os espaços livres foram escolhidos para tornar o percurso dinâmico, integrando-os facilmente. No mapa de uso e ocupação do solo (Figura 3) pode-se notar que foram identificados todos os espaços livres do bairro, porém apenas alguns deles estarão no percurso.







Figura 3 — Mapa de uso e ocupação do solo do Bairro Meireles Fonte — Malha da cidade de Fortaleza — Edição própria

O início do percurso (Figura 4) dá-se na Avenida Dom Luís, mais especificamente, na Praça Portugal, ponto marcante para o bairro; perpassa por quatro espaços livres e finaliza na Avenida Beira Mar, em frente à praia.





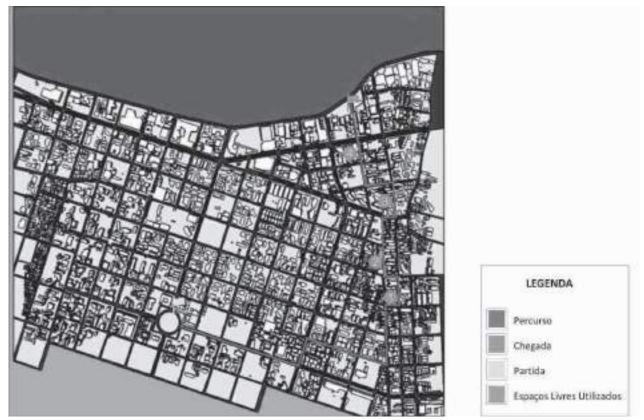


Figura 4 – Sistema de áreas livres - Percurso Fonte – Edição própria

Os primeiros metros percorridos perpassam por duas amplas avenidas - Dom Luís e Senador Virgílio Távora - grandes em dimensão, fluxo de veículos e em atração de pessoas, devido ao seu uso diversificado o que garante uma equilibrada movimentação de pedestre pelas calçadas, proporcionando a vitalidade da região. Depois de percorrer tais avenidas, adentra-se em ruas locais e percebe-se uma simplificação de usos, predominante, residencial multifamiliar - Rua Pereira Valente e José Napoleão - e em outros residências unifamiliares, comércios e serviços - Rua Frei Mansueto e Frederico Borges -, acarretando em uma redução no trânsito de pedestres. O primeiro espaço livre localiza-se na Rua Frei Mansueto (Figura 5, 6 e 7). Para chegar ao segundo espaço livre (Figura 8) e ao terceiro (Figura 9) continuamos o percurso pela Frederico Borges. Em seguida, direciona-se ao último espaço livre (Figura 10), estabelecido na Rua José Napoleão, onde o percurso finalizará na Avenida Beira Mar. Nesses quatro espaços livres foram feitas propostas de praças, como parques de bolso (pocket park), quiosques, espaços de lazer para todas as idades, com o intuito de uma melhoria do convívio social das pessoas, e até mesmo uma tentativa de diminuir a insegurança causada pelo número fachadas altas e cegas que circundam esta região.

Para os padrões de Fortaleza.







Figura 5 – Espaço livre A – Situação atual (Fonte: A pesquisa) Fonte: Acervo pessoal | Edição própria | Google Earth – edição própria

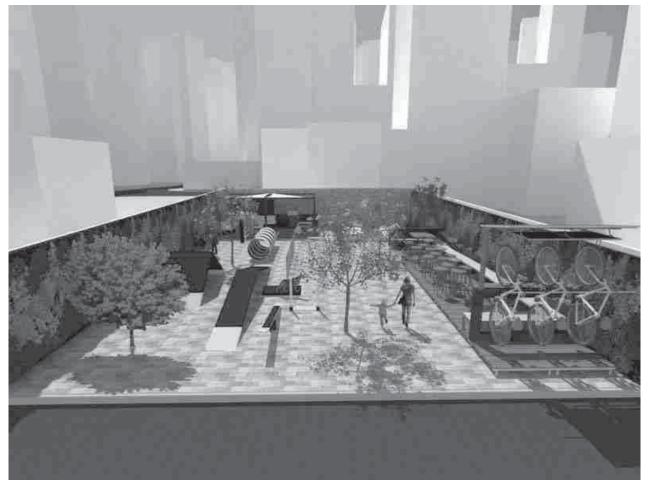


Figura 6 – Proposta para o espaço livre A - Situação proposta (Fonte: Autoras)







Figura 7 – Proposta para o espaço livre A - Situação proposta (Fonte: Autoras)



Figura 8 – Espaço Livre B – Situação atual Fonte: Acervo pessoal | Edição própria | Google Earth – edição própria







Figura 9 - Espaço Livre C - Situação atual (Fonte: A pesquisa) Fonte: Acervo pessoal | Edição própria | Google Earth – edição própria



Figura 10 - Espaço Livre D - Situação atual (Fonte: A pesquisa) Fonte: Acervo pessoal | Edição própria | Google Earth – edição própria







Figura 11 – Proposta para o espaço livre D - Situação proposta (Fonte: Autoras)



Figura 12 – Proposta para o espaço livre D - Situação proposta (Fonte: Autoras)







Figura 13 – Proposta para o espaço livre D - Situação proposta (Fonte: Autoras)

5. CONCLUSÃO

O Sistema delimitado proporciona uma série de melhorias para a área e suas proximidades, através de espaços de estar e integração popular, além de permitir uma melhor interação entre as pessoas, contribuindo para a redução da segregação espacial.

O Sistema confere um uso prioritariamente para pedestres, conferindo ao trecho uma cidade mais humana e interessante. Estimulando o caminhar, o encontro entre vizinhos e conterrâneos, os passeios de bicicleta e skates estimulados por mobiliários integrativos. O fato de mesclar os usos e diferentes possibilidades em um trecho da cidade faz com que mais pessoas se interessem em permanecer e transitar no local. Favorecendo, inclusive, comerciantes a investirem em locais da redondeza diversificando mais os usos e subsidiados pela movimentação gerada por tais espaços.

As repetidas empenas cegas viram telas para que os artistas de rua possam se expressar, além da possibilidade de hortas urbanas verticais, aproximando a comunidade através do compartilhamento de cuidados e de ervas e hortaliças.

Dessa forma, acredita-se, baseando-se na literatura e em diversos casos usabilidade e apropriação da exitosos, que o Sistema proposto teria uma grande população do bairro e seus entornos, podendo, ainda, entrar em uma possível rota turística do bairro.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, T. P. R. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34, 2003.

GEHL, Jan. Cidades para Pessoas. 3ª Edição. Ed. Perspectiva: 2015.

IPLANFOR (a). Revista Fortaleza 2040. Hoje. Versão Preliminar. Fortaleza, 2015. IPLANFOR (b).





Revista Fortaleza 2040. Olhar dos bairros. Fortaleza, 2015.

JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

LERNER, Jaime. Acupuntura Urbana. Sindicato Nacional dos Editores de livros, Rio de Janeiro, 5ª edição, 2011.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MENDONÇA, E. M. S. Apropriações do Espaço Público: alguns conceitos. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 296-306. Ago. 2007.

SILVA NETO, Ednaldo Ferreira; PALÁCIOS, Maria das Graças Lima de Souza. Vitalidade Urbana em Jane Jacobs. Salvador, 2012.





ESTUDO PROPEDÊUTICO DA INFLUÊNCIA ANTROPOLÓGICA DA GRÉCIA ANTIGA EM AÇÕES URBANÍSTICAS E O DESEMPENHO TÉRMICO NAS RESIDÊNCIAS DA PRIENE HELENÍSTICA

Alice Teles de Araújo¹ Rodrigo Márcio Souza Pinto²

RESUMO

É certo dizer que a forma que a cidade agrega é originário de uma sequência de acontecimentos e ideais sociais, físicos, ambientais e políticos. Dessa maneira, as cidades antigas Gregas refletirão suas ideologias na forma e na composição de suas cidades. Com a frequente busca pelo aprimoramento urbanístico, surgiram novas preocupações a serem solucionadas, como por exemplo, de que forma a cidade poderia se desenvolver e relacionar-se melhor e como aliar conjunturas urbanísticas com as práticas constitucionais da sociedade. O artigo faz análise dessas questões com base em estudos historiográficos e teórico e na teoria política de Aristóteles. Também investiga as intenções de planejamento nos ambientes das residências na cidade de Priene, tendo em vista a possibilidade da melhor obtenção de conforto térmico natural nas moradias, esse último estudo foi analisado por análise climática aproximada do local, teorias quanto ao conforto ambiental e por estudos historiográficos. Palavras-chave: Priene. Grécia Antiga. Conforto Ambiental. Urbanismo.

Palavras-chave: Priene. Grécia Antiga. Conforto Ambiental. Urbanismo. Christus, prof.rodrigopinto@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As concepções do espaço na Grécia Clássica se desenvolveram a partir dos preceitos de habitação e cidade, valores que no contexto novo do espaço seriam utilizados para o fomento de projetos políticos pertinentes ao projeto de cidade. O urbanismo, como concepção de espaço, é usado como normatizador deste, dividindo-o e hierarquizando-o, como é o caso de Palácios e Templos, tais edificações são importantes na prática constitucional e moral de uma sociedade ou grupo. Essas costumam se destacar diante da paisagem, como em pontos mais altos da cidade, que é o caso das acrópoles, por exemplo.

Essa relação de formação do espaço eram enfrentados por gregos e romanos basicamente a partir de definições culturais e políticas. Exemplo disso são as expressões culturais mais significativas, nesse período antigo, que são a habitação e a cidade. A polis e oikos, urbs e villa, civis e domus são códigos culturais transgredidos da Antiguidade até os dias atuais. Esses termos advém de uma estruturação de grupos e valores. É certo afirmar que a cultura da delimitação humana em grupos é de certa forma espontânea e segue sendo utilizada atualmente, seja por qualquer formalidade ou informalidade social. Atualmente os mesmos que governam também podem ser governados. Dependendo da complexidade do grupo um líder hierarquiza outro. O caso mais comum de governança advém da unidade familiar, que em sua pequena escala tende a ter como gerenciadores os progenitores. Segue o fato de que de acordo com a complexidade do grupo, esses necessitaram de um líder norteador de seus interesses.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus, alicetelees@gmail.com

² Mestre em História Social, Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário





Então essas expressões supracitadas, oikos, urbs e villa, civis e domus, determinaram uma base de diretrizes a serem seguidas nos projetos políticos pertinentes a cidade. (MARSHALL, 2000).

Toda cidade, no caso a pólis é uma espécie de comunidade que surge a partir da preocupação de união e obtenção de bens. Logo, isso se reflete nos indivíduos que formam essa comunidade.

O oiko simboliza o setor privado da pólis, ele advém de preceitos mais individuais, devido representar a comunidade inicial, a família. A sua composição é formada pelas relações entre marido e esposa, pais e filhos, senhores e servos. E esses vínculos são uma forma de suprimir carências elementares cotidianas. A aldeia ou kome é resultado da união de famílias e moradias, é governada por modelos derivados do poder paterno, que gere o oiko, mas essas satisfazem carências mais complexas que o comando paternal do oiko, por ser oriundo da união de vários oikos. A cidade, resultante da união das *komes,* é autossuficiente (ou, pelo menos, tende a sê-lo) e, por atender a maiores demandas, é gerido por um poder político não paternal. (ARISTOTELES, 2014)

A cidade grega cria formas e normas emergidas de sua cultura pelo poder político e pelo poder religioso. A resolução dos problemas da cidade precisaria ser acompanhada no seu plano urbanístico. Dito isso, surge uma padronização na composição da cidade. Partindo dos mesmos ideais já mencionados, a cidade é possuidora de vínculos familiares, religiosos, políticos e de serventia. Isso é visto até ao longo da baixa e alta Antiguidade, não se limita à Grécia e afins. A partir desses preceitos, a cidade precisaria se ordenar e se edificar, como já citado isso se refletirá na origem dos espaços, dado a sua significação simbólica. O ato de edificar, e toda atividade relacionada a ele, passou a ser identificado como o prestígio de um ato ritual, um rito feito de acordo com modelos ancestrais e celestiais. (ELIADE, 1990).

Logo, visto como um ato de poder, a forma de edificar e organizar a cidade se tornou extremamente significante para os cidadãos. Um exemplo de modelo de desenho urbano, característico de uma linhagem ancestral, como citado, são as cidades do vale do Indo, região que compreende atualmente o Paquistão (especificamente, Mohenjo Dahro e Harappa, civilizações datadas da Idade do Bronze) que possuíam seu traçado urbano ordenado pelo curso do Sol. Nascente e poente definiam os sentidos das vias, das paredes e de suas aberturas, como janelas e portas. Essa forma de ordenação do espaço arquitetônico e urbanístico, originadas de mitos e ideologias acaba por se tornar uma norma cada vez mais específica, unindo os espaços cívicos e religiosos em um traçado lógico. (2000)

Esses preceitos de organização da pólis, extremamente abordada por Aristóteles e ensaiado por Hipodámo importante planejador do período helenístico, estão presentes nos planejamentos urbanos executados por este último citado, seja no projeto de reconstrução do porto do Pireu (Atenas), seja pelos planejamentos das cidades de Olinto, Olbia (colônia de Mileto) e Priene.

Entender como os ideais culturais e políticos poderiam intervir no desenvolvimento e organização da cidade torna-se simples dado sua significância para o estado, como aludido anteriormente. O questionamento e problematização do presente artigo, seria entender se o sistema de estruturação da cidade resumiria seu traçado lógico, sua disposição das edificações cívicas, bem como sua própria disposição dos ambientes das moradias, apenas com base na política grega. O artigo se aterá a cidade de Priene, analisando o questionamento levantado, mediante a Priene helenística, importante colônia planejada urbanisticamente por Hipodamo de Mileto, seguindo a moral grega.





2 REVISÃO DE LITERATURA

A cidade de Priene foi fundada em 334 a.C, concebida seguindo uma malha urbana ortogonal, possuindo ruas nos sentidos leste-oeste, em terreno plano, com cerca de 4,5 metros de largura, já as do sentido sul para o norte segue o desnível inclinado do terreno, essas últimas são no geral mais estreitas. As principais edificações cívicas são locadas na estrutura dessa grade, mas de forma

Transversalmente à ágora, encontra-se uma stoa com três quadras de comprimento; subindo a montanha, alguns quarteirões, localiza-se a plataforma com o Templo de Atenas; um quarteirão depois, porém a leste, havia um teatro. Ainda mais para o norte, onde termina a cidade e começa a íngreme ladeira da acrópole, há um santuário consagrado a Deméter. (CHING; JARZOM-BEK; PRAKASH, 2016) Como podemos ver na figura abaixo:



Figura 1 - Representação da Cidade de Priene, nota-se a declividade da topografia no eixo Norte-Sul (pico eixo Norte), ruas mais largas posicionadas no eixo Leste-Oeste. Fonte: Benévolo (2001)

O planejamento de Priene foi feito de acordo com o plano hipodâmico, como já mencionado. Hipodámo de Mileto, principal planejador urbano do império helenístico, pensava a Cidade, como organismo político, distinguindo os espaços públicos e privados. Tal objetivo torna-se um ponto forte no desenho urbano de Priene, onde edificações cívicas se sobressaem em relação aos





quarteirões de tamanhos convencionais, que permanecem os mesmos quando abrigados pelas edificações destinadas a habitação.

O traçado urbano é representado pela ideologia simétrica e proporcional, fiel a pólis, essa tradição tende a se refletir politicamente sobre a cidade. Os domicílios em Priene são caracterizados por possuírem plantas e elevações semelhantes. Há duas variações de plantas frequentemente encontradas a partir do levantamento historiográfico, ambas as plantas possuem o convencional átrio posicionado ao Sul, e paralelo a um modesto peristilo. As variações no posicionamento dos ambientes permanecem quase idêntica em ambas as plantas, a maior diferença está nas elevações, que na planta representada pela Figura 2 possui pavimento térreo e pavimento superior, enquanto que na planta secundária (Figura 3) a elevação apresenta apenas o térreo.

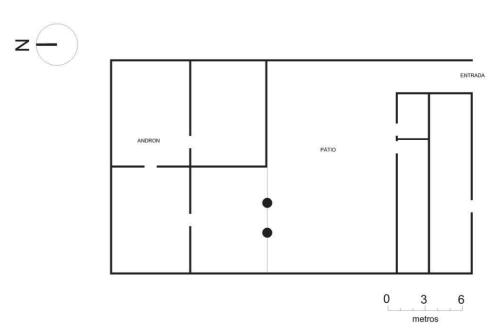


Figura 2 – Planta baixa de casa, Priene. Fonte: Pessoal.

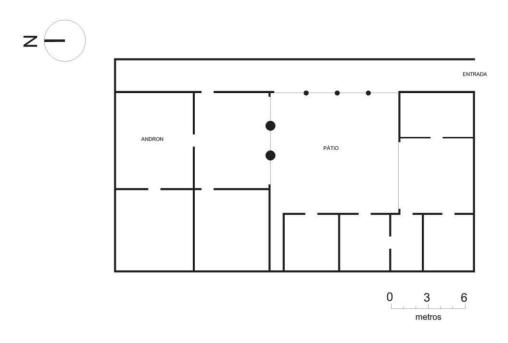


Figura 3 – Planta baixa de casa, Priene. Fonte: Pessoal.





A razão pela qual essa tipologia residencial varia, pode ser analisada com um caso semelhante nas colônias africanas, um exemplo é Timgad e Bulla Regia, ambas as cidades, com desenho urbano em xadrez, tiveram problemas em relação à ampliação ou à sofisticação das moradias dos mais abastados. A adversidade de se possuir quarteirões de mesmas medições limitava os lotes residenciais. Em Timgad e Bulla Regia, o mesmo obstáculo gerou duas soluções diferentes. Em Timgad, os mais ricos, com o intuito de possuírem maiores lotes, alastraram-se nas zonas periféricas, rompendo com o tamanho e formato dos quarteirões originais da área central da cidade. Já Bulla Regia não possuía o mesmo dinamismo que Timgad, então a proposta de movimentação para outras zonas, que não as centrais, não seria uma boa concepção. Tirando partido disso, para solucionar os problemas em relação ao tamanho do terreno, surgiram os pavimentos subterrâneos. Mantendo o traçado original dos quarteirões. (VEYNE, 1995)

Em suma, pode supor-se que o surgimento desse novo pavimento partiu da necessidade do aumento de área construída, gerando um novo aproveitamento do terreno. Pressupõe-se que isso tenha acontecido após a ascensão de algumas famílias na cidade. Dito isso, a análise do conforto térmico das casas de Priene será analisada a partir da planta da Figura 3, que provavelmente representa as primeiras etapas de reconstrução helenística, formuladas pelo urbanismo de Hipodámo.

Como já citado, a cidade sofre inevitavelmente constantes mudanças de acordo com o cenário político e social da época e das expressões de ritos religiosos e culturais. Dessa forma, pode-se analisar a cidade na Grécia helenística por meio de suas conjunturas. É cabível salientar que se tratava de um império que estava em constante expansão, sendo presumido dizer que o exército possuía forte relevância para esse exercício expansionista. Isso, ainda, encontra fundamento na teoria política de Hipodámo, que possui três hierarquias de classes sociais: uma de artesãos, outra de agricultores e outra de guerreiros. Ainda concernente ao cenário da época e a preponderante importância da ritualidade e da política para os gregos, o espaço de seus templos e prédios públicos refletem tais influências em sua estrutura. A proporcionalidade era usada como a razão ideal, cada parte da pólis precisava se relacionar com seu ideal politizado, assim a ordem e a simetria estavam presentes em suas edificações, além também do seu desenho urbano.

2 MÉTODOS

Analisando melhor o exemplo da cidade de Priene, que é o estudo de caso desse artigo, essa cidade refletiu os demais ideais gregos e aos de Hipodámo, como pode ser visto por sua organização espacial, pela precisão no tamanho dos quarteirões e pela integração das edificações públicas na cidade. De acordo com o autor Morris (1988), a cidade também atende a maioria dos elementos básicos compositivos de uma cidade grega, que são: a acrópole, a muralha, a ágora, os bairros residenciais, uma ou mais áreas destinadas a fins recreativos e culturais, um recinto religioso, o porto, as docas e a possibilidade de um bairro industrial. Priene, por sua vez, não possuía apenas as duas últimas citadas.

A organização e a manutenção da malha ortogonal segue regular nas áreas residenciais, essa retícula se abre para abrigar a ágora, o mercado, os teatros, as termas e os templos. A ágora, como lugar de reunião e encontro, é a principal edificação que mantém a relação social e política na Grécia. Morris define-a como o centro nevrálgico da cidade, onde se encontraria uma intensa e contínua concentração de atividades.

A particularidade das áreas centrais de manterem uma maior interação, seja populacional ou comercial, não era por acaso, permitia-se ao zoneamento grego definir a locação das ágoras com um melhor acesso para as áreas residências, onde se encontrariam o maior público. Em Prie-





ne, assim como na maioria das cidades helenísticas planejadas, a ágora localizava-se próxima a outros prédios públicos e religiosos. A cidade em comento, possuía sua ágora próxima ao Templo de Atena, ao Templo de Asclépios, a stoa e ao teatro (que se encontrava mais acima, com vistas a aproveitar a topografia do eixo norte). Segue abaixo a espacialidade desses ambientes:

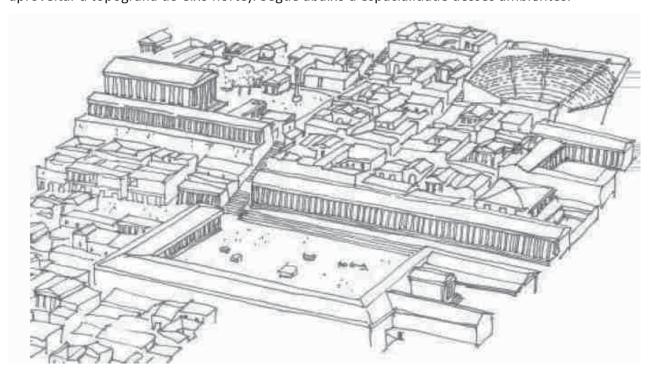


Figura 4 – Centro de Priene. Da esquerda para direita: Templo de Atena, ágora e Templo de Asclépios. Acima o teatro. Fonte: Benevolo (1982)

O traçado ortogonal dos lotes em Priene tende a sair da escala padrão para abrigar os prédios públicos, enquanto que as edificações residenciais se espacializam em lotes padrões, limitados pelos quarteirões convencionais. Esse fator minimiza a dinâmica e a possibilidade de modificações nas moradias, como já dito na discussão do artigo, as plantas das residências demonstram os mesmos carácteres compositivos essenciais, como o átrio (uma espécie de pátio aberto) e o peristilo. Esses ambientes podem ser analisados como um dos responsáveis pela regulação de temperatura nessas edificações e contribuem com a higienização do ar, por permitirem trocas de ventilação. O átrio tende a repetir sua posição no eixo central da planta, direcionando-se ao sul. Essa disposição pode significar que o posicionamento deve ter relação com o aproveitamento de maiores potenciais de iluminação e ventilação.

Dito isso, surge a necessidade de ser feita a análise do clima local da época e condicionantes relacionados, mas por meio de medições aproximadas e circunstanciais por conta da ausência de dados historiográficos comprovando a exata localização e condições atmosféricas locais da época. Em decorrência disso, a proposta de estudo de caso do artigo levará em consideração esses meios e medições aproximados, para uma melhor percepção de análise do conforto térmico das residências em Priene. A partir das particularidades meteorológicas das cidades próximas, pode--se ter uma predição do comportamento climático, dos níveis de umidade do ar e do potencial de capacitação de radiação solar. Essa análise norteará algumas determinações físicas e geográficas que possam contribuir com o diagnóstico de Priene e se as necessidades de regulação térmica das residências sofrem influência no posicionamento dos ambientes e das aberturas.

Priene era uma cidade grega localizada no vale do Rio Meandro em frente a Mileto (ou





Miletus, pela língua inglesa), atualmente território da Turquia. (LABECA, 2017). É cabível que a localização das ruínas de Priene não consta exatamente a mesma localização da cidade há 2400 anos, visto que os continentes mudam de posição continuamente. Por exemplo, o continente Sul--americano se afasta do esses valores mínimos de movimentação também exercem influências semelhantes no continente Euro-Asiático (continente que loca a cidade helenística). Há também outras questões que se transmutam com o decorrer do tempo, como mudanças climáticas, geográficas e topográficas.

Na figura abaixo são indicadas as cidades de Güllübahçe e Miletus, que são cidades que possuem estreita proximidade territorial com as ruínas de Priene, ambas cidades se localizam no extremo oeste da Turquia. Güllübahçe, a cidade mais próxima dista em média 2,88 km das ruínas e Miletus, 14,62 km. (Fonte: Google Earth, 2016)



Figura 5 – Mapa geográfico da Turquia. Percebe-se que Güllübahçe, Mileto e as ruínas de Priene estão localizadas no Oeste da Turquia. Fonte: Google Earth, 2016.

A Turquia se localiza no Hemisfério Norte e é um país Euro-asiático. Sua latitude associada a determinada época do ano vai determinar o ângulo de incidência dos raios de sol com relação a seu plano horizontal local. (FROTA; SCHIFFER, 2001)

Dito isso, a Turquia é atingida pelo Solstício de verão no dia 21 de junho. Assim, tem-se início o verão nessa mesma data e em 22 de dezembro é atingindo pelo solstício de inverno, caracterizado pelo início do inverno. (2001)

Em Güllübahçe, por exemplo, o clima é quente e temperado e a pluviosidade é recorrente no inverno. Com temperatura média de 17.6° e a pluviosidade média anual é 714 mm. Segue gráfico climático (Figura 6) e o gráfico de temperatura anual. (Figura 7)





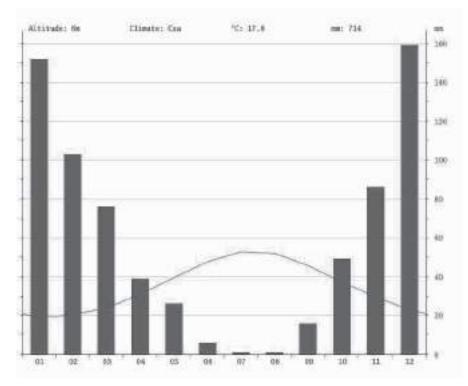


Figura 6 – Gráfico Climático da cidade de Güllübahçe, onde os números dispostos horizontalmente abaixo das colunas representa os meses do ano e os números dispostos verticalmente às colunas representam a milimetragem pluviométrica. Fonte: Merkel, 2012.

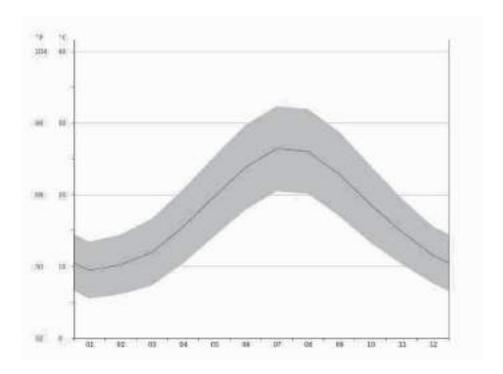


Figura 7 – Gráfico de Temperatura da cidade de Güllübahçe, onde os números dispostos horizontalmente abaixo das colunas representa os meses do ano e os números dispostos verticalmente às colunas representam a temperatura. Fonte: Merkel, 2012.





A característica de clima quente e úmido da cidade de Güllübahçe viabiliza a predição de que o clima de Priene se assemelha a essa. Considerando isso, julga-se relevante a relação desse tipo de clima com a designação dos espaços na cidade, e especificamente na residência. Frota e Schiffer explicam que esse clima exige um maior aproveitamento da ventilação noturna, que tende a possuir temperatura amena se comparada a diurna, sendo ideal prever aberturas suficientemente grandes para permitir ventilação nas horas do dia em que a temperatura externa está mais baixa que a interna. Do mesmo modo, deve-se proteger as aberturas da radiação solar direta, mas sem causar barreira para os ventos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os ventos que sofrem maior influência na região estudada (oeste da Turquia) são: o Imbat, ventilação vinda do mar Egeu; o vento seco Gundogusu, que advém do leste da Turquia; e o Etezyen, que é a ventilação dominante no país e atinge o eixo norte da Turquia. (KOSLU, 2016) Dessa forma, pode-se analisar as particularidades das residências em Priene. O posicionamento do átrio no eixo central-sul permite que a ventilação brisa-mar, vinda do mar Egeu (oeste), seja melhor aproveitada, e o eixo propriamente central amplia o perímetro de distribuição dessa ventilação para os outros ambientes. O corredor coberto estruturado por colunatas (peristilo) também permite que a ventilação se prolongue pelos espaços.

O estudo de caso prevê uma análise de insolação das residências de Priene, investigação que será objeto de estudo do presente artigo. Essa análise poderá ser feita utilizando o equipamento Heliodón, que simula o movimento aparente do Sol, tendo em vista o estudo das fachadas, aberturas e disposição dos ambientes.

4 CONCLUSÃO

Pode-se constatar que a influência da política e cultura grega realmente foram norteantes para o urbanismo nas cidades gregas, isso se aplica ao caso da Priene helenística. E embora não haja estudos sobre o comportamento térmico das residências que seguem essa mesma influência por intermédio do urbanismo, pode- se analisar possíveis intenções que privilegiam a ventilação e manutenção da qualidade térmica do ambiente na disposição e tamanho dos ambientes.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Pedro C. Tolens. 6ª. ed. [S.I.]: Martin Claret Ltda., 2014. 283 p.

ARISTÓTELES. Política. Tradução de Mário da G. Kury. Política. Aristóteles. 3ª. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1997. 321 p.

BENEVÓLO, Leonardo. História da Cidade. 1. ed. [S.l.]: Perspectiva, 2001. 728 p.

CHING, Francis D.K; JARZOMBEK, Mark; PRAKASH, Vikramaditya. História Globa da Arquitetura. 1. ed. São Paulo: Senac, 2016. 848 p.

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. . Tratado de história das religiões. Lisboa: Ed. Cosmos, 1990 [Paris: Payout, 1970].

FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. Manual de Conforto Térmico. 5ª. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 243 p.





KOSLU, Luciane da Silva. Repostando postagem antiga - Tratado geral sobre ventos e friagem na Turquia. Disponível em:https://turquiapontocom.blogspot.com.br/2016/10/repostando- postagem-antiga- tratado.html>. Acesso em: 08 mar. 2017.

LABECA, Priene. Disponível em : http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/74/. Acesso em: 08 mar. 2017.

MARSHALL, Francisco. Habitação e cidade: Ordenação do Espaço no Mundo Clássico. 2000. 113 a 133 f. UFRGS, Porto Alegre, 2000.

MERKEL, Alexander. CLIMA: GÜLLÜBAHÇE. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/ location/288317/>. Acesso em: 08 mar. 2017.

MORRIS. A. E. James. História de la forma urbana: Desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial. Barcelona: Gustavo Bili, 1998.

OLIVA, Jaime Tadeu . Se os continentes mudam de posição continuamente, muda também a nossa posição no GPS?. Disponível em:http://acervo.novaescola.org.br/geografia/pratica- pedagogica/se-continentes- mudam-posicao-continuamente-muda-tambem-nossa-posicao-gpsplacas- tectonicas-539177.shtml>. Acesso em: 08 mar. 2017.

VEYNE, Paul (org.). História da vida privada I – do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.





ANÁLISE DA FORMA ARQUITETÔNICA: O CASO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

Sainte Honório Araújo, autor¹ Larissa de Carvalho Porto, Professora orientadora² Rodrigo Marcio Souza Pinto, Professor supervisor³

RESUMO

O presente estudo trata de uma análise da forma de uma obra de relevância para a arquitetura cearense. A igreja Nossa Senhora da Glória, inaugurada no ano de 2005, no bairro Cidades dos Funcionários, foi projetado pelo arquiteto cearense Roberto Castelo, transformando-se em um marco para aquela região. O estudo segue uma linha de análise com base no autor Simon Unwin em seu livro "A análise da arquitetura". Essa análise se desenvolve a partir da escala do terreno à escala do detalhamento.

Palavras-chaves: Arquitetura, Análise da forma, Igreja Nossa Senhora da Glória, Roberto Castelo.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo a Igreja Nossa Senhora da Glória, localizada no bairro Cidades dos Funcionários. Tendo, aproximadamente, 12 anos de existência, o edifício projetado pelo arquiteto Roberto Castelo foi a reforma da primeira capela do bairro, sendo feito no final dos anos 1960 com ajuda da comunidade, onde apresentava um espaço simples de "(...) de chão batido e com bancos de carnaúba (...)" (BRAGA et al., 2016, p.33) e um formato de cruz como pedido pela arquidiocese (Figura 01 e 02). Após o aumento demográfico da região, a igreja precisou ser ampliada. A mesma expressa linhas modernistas e, devido à sua forma, contrasta com a paisagem urbana servindo como referência para o bairro. A igreja ocupa uma grande área de terreno próximo a avenidas importantes da região, por isso torna-se destacável. No trabalho, usa-se a linha de análise feitos por Simon Unwin (2013), sendo a principal base para o desenvolvimento da mesma. Também foram usados como referência outros autores a qual puderam levar a análise adiante. Para esses objetivos, também são relacionados os conceitos – os quais condizem bastante com a obra escolhida – com croquis disponibilizados pelo Arquiteto autor da obra em estudo. O motivo para tal pesquisa é o poder de redarguir sobre a arquitetura cearense e as obras que fazem parte desse legado, como essa igreja.

Foi pretendido pelo presente estudo realizar uma análise formal da Igreja Nossa Senhora da Glória com base nos conceitos introduzidos por Simon Unwin (2013). Portanto, tornou-se conveniente relacionar tais conceitos com a condição formal assumida pelo edifício. A oportunidade de estudar uma obra é justamente demonstrar o edifício tanto em sua forma, quanto em sua respectiva função e nas demais particularidades comuns a este.

Os métodos utilizados para analisar o edifício se compõem, em geral, por pesquisa de campo, entrevistas e revisão bibliográficas. Desse modo, houve encontros com a equipe do setor patrimonial da igreja para se adquirir informações necessárias para pesquisa e junto a isso houve também registros de fotos. A coleta de informações foi necessária para desenvolver a análise e para seguir com a entrevista.

Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS), Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, e-mail honoriosainte@ gmail.com

MBA em gestão de projetos, e-mail larissaporto@hotmail.com

Mestre em história, prof.rodrigopinto@gmail.com





O espaço da igreja pode concentrar 800 pessoas sentadas, onde todas as poltronas são dispostas no sentido do altar, dando a este lugar o destaque, sendo visto logo na entrada principal. Com corredores largos é possível colocar mais fileiras de cadeiras para suportar um dia de lotação. Os corredores também levam o usuário para ala administrativa onde gira a gestão do local e também conduzem para a segunda ala, que é a de trabalhos sociais a qual não é anexada a igreja. Nessa pequena e sucinta caminhada, percebe-se que a igreja tem plena organização de setores, podendo ser visto que o projeto foi feito de maneira racional e atendendo à função.



Figura 01 e 02

Ao lado esquerdo, temos a igreja em formato de cruz vista por fora. Ao lado direito, temos uma vista do espaço interior, como o altar. Fonte: Acervo Nossa Senhora da Glória

2 JUSTIFICATIVA

O presente estudo se justifica pela necessidade de se analisar obras relevantes do legado modernista cearense. Ao se propor uma análise da forma, reforçam-se aspectos projetuais e compositivos da linguagem modernista inseridas num contexto contemporâneo. O objetivo geral do presente estudo é analisar a forma, a fim de demonstrar as qualidades intrínsecas existentes na volumetria para um projeto comum na Capital. A intenção da pesquisa é propor uma aproximação do conhecimento das obras cearenses, e "(...) também na sua capacidade de enriquecer a vida humana, gerando possibilidades de conhecimentos e transformação. " (JULIÃO,2008, p.80). Sendo uma obra de símbolo arquitetônico moderna, a mesma atua do mesmo modo como marco na escala do bairro – dentro dos conceitos de Kevin Lynch (2016). São reunidas, também, linhas de exploração de análises do autor citado nos objetivos da pesquisa, assim como o próprio autor da edificação.

2 MÉTODOS

O método a qual foi conduzido o estudo se desenvolveu em cinco etapas que são: a entrevista, o levantamento histórico, visitas ao campo de pesquisa, registros de imagens e revisão bibliográfica. Para cada etapa foram usados materiais diferentes: na entrevista com o arquiteto houve o auxílio de um gravador; o levantamento histórico contou com a participação de livros diretos do acervo da Igreja; nas visitas ao campo de pesquisa foram colhidas informações sobre fatos históricos, além de uma visita guiada pela edificação e o registro de imagens; e, por último, a revisão bibliográfica onde foram utilizados livros e artigos com a finalidade de desenvolver resultados, tendo como principais livros: " A análise da arquitetura" de Simon Unwin; "Arquitetura: forma, espaço e ordem" de Francis D. K. Ching; "Uma introdução à arquitetura" de Silvio Colin; "A imagem da cidade" de Kevin Lynch. Além do artigos: "Um moderno convicto" de Beatriz H. Diógenes e Ricardo A. Paiva; "Análise da forma e do sentido em arquitetura – o caso do Memorial da América Latina" de Raquel M. Julião.





3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de forma estudada pela arquitetura é aquele que segundo Gomes Filho (2009) só é definido como limites externos do objeto quando se constituem por um corpo, ou seja, "uma ideia de massa e volume tridimensional (...)" (CHING, 2013, p.34), mas a pesquisa vai além da superfície externa, também insiste na área interna da forma. O trabalho é analisar um projeto. Em projetos frequentemente denota-se a estrutura formal de uma obra de modo a organizar os elementos para produzir uma imagem, afirmando Ching 2013. Portanto, as seguintes descrições serão compostas por três conceitos introduzidos por Unwin: identificação do lugar, espaço e estrutura e geometria da construção.

A Identificação do lugar

Como identificação de lugar entendemos que é aquilo que descreve o entorno e seu relacionamento com os demais. É a caracterização sucinta da obra; é o sentido que a edificação apresenta para aquele lugar, como também "podemos explorar e ilustrar melhor a ideia de que a identificação de lugar está no núcleo gerador da arquitetura. " (UNWIN, 2013, p.22) ou bem como "(...) por meio da familiaridade e do uso, passaram a combinar muito bem com as percepções e expectativas dos usuários. " (UNWIN, 2013, p.23).

A igreja está localizada nas principais vias da região, são as avenidas Oliveira Paiva e Desembargador Gonzaga. A volumetria singular se destaca na paisagem urbana pelo o contraste da localização, idade e escala dela, torna-a uma imagem identificável, transformando-a em um marco no bairro por apresentar uma forma bem clara, por apresentar elementos marcantes e sendo mais fáceis de identificar, isto é, se localizam especialmente num local, de acordo com Lynch (2016). (Figura 03).

Como características fundamentais, a obra apresenta um agrupamento de formatos, provando ser dois semicírculos assimétricos, porém com harmonia complementares. Onde o maior tem uso para as missas, ou seja, é o espaço da nave, e o menor semicírculo tem uso para administração da igreja. Um segundo elemento seria a volumetria comum que está atrás e que tem desempenho das atividades sociais da igreja.



Figura 03

Vista de topo do formato da composição dos arcos.

Fonte: Google Earth





A relação da paisagem urbana com a edificação torna-se marcante devido ao entorno, que se apresenta, predominantemente, de uso misto (residencial e comércio local). Com base nesses fatos, quando se trata de significado, encontramos uma função semântica consistindo em que "(...) o edifício sempre significa alguma coisa para a sociedade (...)" segundo Colin (2000, p.41).

O caráter religioso do edifício, por si só, gera atividades no entorno, ou seja, encontramos outra função, que seria a pragmática onde "(...) o edifício abriga uma atividade; deve ser dimensionada para tal, situar-se em local adequado, atender às exigências da função (...)" (COLIN, 2000, p.41).

A igreja apresenta espaços internos com escalas diferentes, no que diz a respeito ao pé direito. Ao se acessar a entrada principal, a sensação de amplitude do lugar é expandida, tendo-se uma percepção de aproximadamente 4 a 5 metros de altura, que, segundo Barros, amplidão apresenta "iluminação abundante, cor clara dos materiais de acabamento, pé direito alto (...) e/ou fechamentos laterais conduzem à sensação de amplidão" (2005, p.137). (Figura 04). Mas após uma caminhada para a ala administrativa (que além da área administrativa, tem a sacristia, uma pequena capela, banheiros e um escritório), a amplitude se acaba, e tendo um novo pé direito, que se aproxima de 2 a 3m de altura. (Figura 05).



Figuras 04 e 05

Ao lado esquerdo, temos a vista da amplidão e pé direito alto da nave. Ao lado direito, vemos o pé direto baixo e jardim próximo a ala administrativa. Fonte: Autoral.

E, além disso, apresenta um jardim de inverno que circunda o corredor, o qual contribui para compor o semicírculo menor. Todos os acessos da igreja se encontram na área central, isto é, ao sair da igreja temos no mesmo nível uma entrada que dá para a segunda volumetria, onde acontece as atividades sociais.

O espaço e estrutura

Na volumetria de maior espaço e importância, a nave, ao entrarmos já é visto um ponto de fuga para o altar, onde as poltronas se posicionam em direção a ele. Segundo Castelo, um dos pontos principais para renovar o recinto sagrado foi aumentar a quantidade de mobiliários, ou seja, assentos.





De acordo com as palavras do Arquiteto: "Comecei a pensar na possibilidade desde você ter um leque, onde eu concentrava o altar aqui, e colocava as pessoas em volta desse altar (...), mas é o seguinte, há uma participação de você ver o altar e você ver os outros participantes.". A consequência gerada foi "sentido de comunidade" pois "os próprios fiéis agora são parte integrante da liturgia, nesse caso eles passam a se ver, as pessoas veem as outras e veem também o altar", assim concluindo Roberto Castelo.

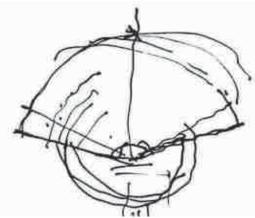


Figura 10 Croqui da planta com disposição de mobiliário e centro do altar. Fonte: Croquis do Arquiteto Roberto Castelo.

Como a igreja apresenta dois movimentos acústicos - o altar e o coro - a solução foi pôr o coro atrás dos fiéis, e ainda, no nível superior ao do piso, como explicou o autor. Para a visualização dos fiéis a ideia era conforto, diz na entrevista. Então o altar fica em destaque, o que normalmente se faz em auditórios, afirma Castelo. (Figura 11).

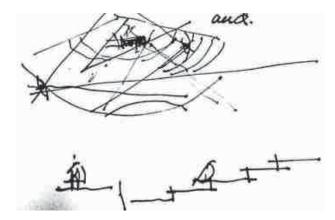


Figura 11 Croqui da planta com ângulos de visualização, acima e abaixo o corte como comporta o espaço de auditório. Fonte: Croquis do Arquiteto Roberto Castelo.

A maneira de refrigerar o espaço foi fazer uso excessivo de esquadrias para que houvesse ventilação cruzada. Nota-se que os vitrais estão presentes na igreja de piso a teto e a esquadria tem como função iluminar e ventilar em todas as alturas. Os materiais dessa esquadria basculante são ferro, vidro colorido e a báscula. No lado oposto vemos recortes na vedação que se compõem de esquadria do mesmo material dos vidrais. Já em uma altura mais baixa é encontrado pequenas esquadrias para que o vento possa cruzar, mas que cruze quando o usuário estiver sentado. (Figura 12). Mas o uso dessa ventilação torna-se pouco utilizado, devido as escolhas da administração da igreja que preferiu a ventilação artificial.







Figura 12 e 13 Ao lado esquerdo, temos os vitrais que vão de piso a teto gerando iluminação e ventilação. Ao lado direito, temos os recortes na vedação para cruzar a entrada de luz e vento. Fonte: Autoral

A geometria da construção.

A geometria da construção é o tema que se estuda a estrutura da edificação, que é a igreja Nossa Senhora da Glória. "A geometrias reais, no que se refere à "geometria da construção", a estrutura costuma ter geometrias próprias" (UNWIN, 2013, p. 167).

Ao entrarmos na igreja a primeira sensação que vem é a amplitude do lugar. Isso acontece devido ao vão que, de acordo com Roberto Castelo "tem um pouco mais de 16 metros". Segundo o autor, na coberta encontramos uma treliça, como estrutura principal, sustentada por pilares para vencer o vão. No meio da estrutura tem-se uma grande calha suportada pela treliça, e logo acima da calha, também há um telhado que se inclina para o centro (Figura 06). Depois, o autor reafirma a grandeza da estrutura de coberta que "tem uma altura de aproximadamente 2 metros, um homem pode andar aqui em cima. "

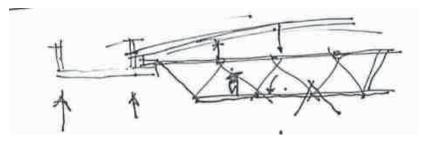


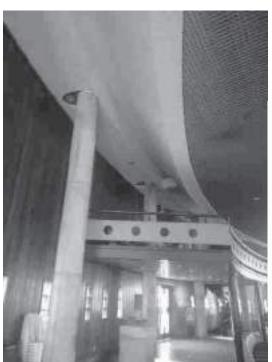
Figura 06 Estrutura de treliça, calha e telhado. Junto com a escala humana. Fonte: Croquis do Arquiteto Roberto Castelo.

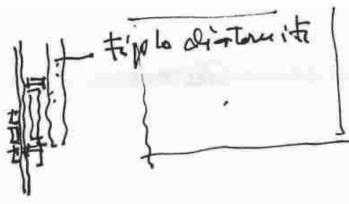
Logo abaixo da treliça, como diz o arquiteto, "Tem a colmeia, e sobre a colmeia é colocada essa manta entre o teto e o forro". A manta a qual o arquiteto se refere é a manta de fibra de vidro (Figura 07). Depois da forração vamos para a vedação. Sobre as paredes, como relata Castelo, "A propagação do som quando vai para as paredes, morre nas paredes. Por que foi feito um esquema de isolamento. É o seguinte, você tem a parede e aqui entre uma peça de madeira e outra tem o





que chamam de manta, é uma manta de fibra de vidro, essa manta é importante por que isola o calor e ao mesmo tempo o som (...) essas paredes são ótimas! Por que a parede é feita com tijolo de diatomito, esse diatomito é um material que é isolante térmico (...)". (Figura 08). Por consequência a igreja não apresenta sinais de reverberação, como a maioria tem como o autor fala "A coisa que me gabo, você não vê reverberação nenhuma na igreja".





Figuras 07 e 08

Ao lado esquerdo, temos a mostra do forro colmeia logo acima com cor cinza e quadriculado. Ao lado direito, foi uma forma de representar do arquiteto o detalhamento da parede. Fonte (f.07): Autoral.

Fonte (f.08): Croquis do Arquiteto Roberto Castelo.

Sobre a materialidade, pode-se destacar o uso, como revestimento externo da edificação, de uma pastilha branca 10cmx10cm e, como justificativa, o arquiteto revela que "ela tinha que ser branca e pintura estava descartada, e quando você coloca uma pastilha próxima da outra, que são tão pequenas que olhando distante você ver como uma cor só, a ideia era essa, uniformizar (Figura 09). O material de construção é o concreto - onde está na maior parte de suas obras por "ser um "moderno empedernido". " (DIÓGENES; PAIVA, 2007) – e um pouco de estrutura metálica. O concreto torna-se presente e exposto na área interna da igreja, já a estrutura metálica vemos acima da entrada principal, onde comporta o coro da igreja e tendo acesso por uma escada helicoidal (no espaço interno), e também na fachada oeste como função de proteção horizontal solar (Figura 09).







Figura 09 Fachada oeste. Amostra do revestimento e estrutura metálica. Fonte: Autoral.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que a abordagem de Roberto Castelo é bem simples, onde na necessidade do projeto, ele configura do modo mais racional para atender a demanda. É possível observar que todos os espaços foram pensados, como na área externa da edificação, também foi projetado para ser um lugar que complementasse a proposta de volumetria sugerida pelo o arquiteto. Sendo uma grande praça onde houvesse uma igreja no centro dela e sendo possível o livre acesso o lugar, afirmando o autor da obra. Tendo pensado, também, na relação social do edifício com o entorno. A relação interna com a externa, também, é uma maneira forte da caraterística dos projetos de Castelo, principalmente nessa obra, fazendo que a iluminação e ventilação sejam fatores de alta potencialidade.

Outro fato que Castelo apresenta nas suas obras, em geral e especialmente nessa, é a forma de encaixar um edifício pesado que se adapte à realidade do lugar, de maneira detalhista, justamente, para acomodar o conforto para os usuários, usando de bens naturais que o externo oferece, como a direção de ventos, posição solar, espelhos d'água e outros, tudo isso a seu favor e do projeto.

Porém, por não seguir o projeto original, foram encontradas falhas posteriores. A volumetria apresenta três formatos: em um acontece a missa; no outro, a administração do lugar e, por último, o terceiro que concentra as atividades sociais. Na terceira volumetria é perceptível uma caixa que não cria nenhum vínculo com a igreja, pois se distorce das curvas criadas na mesma. Pois vemos que tal caixa se camufla com a paisagem urbana, por apresentar as mesmas caraterísticas. Outra razão do projeto ter falhas, é na ventilação, pois não ocorre a ventilação cruzada, uma vez que foi tampada uma minoria de esquadrias para ser substituídos por ar-condicionado. A visto disso, a igreja se submete apenas a ventilação artificial nas horas de uso de missa, já no restante do dia poucas esquadrias são abertas, justamente para manter o conforto de alguns fieis.





REFERÊNCIAS

BARROS, Raquel R.M. Paula; PINA, Silvia Mikami; KOWALTOWSKI, Doris C.C.K; FUNARI, Teresa B.; ALVES, Silvana; TEIXEIRA, Carla; COSTA, Angelina. Conforto e psicologia ambiental: A questão do espaço pessoal no projeto arquitetônico. Maceió. 2005.

BRAGA, Edson. Uma caminhada de fé e serviço: 40 anos de Paróquia do Nossa

Senhora da Glória da Cidade do Funcionários. Fortaleza. Print Color, 2016. COLINS, Silvio. Uma introdução à arquitetura. Rio de Janeiro. UAPÊ, 2000.

CHING, Francis D.K. Arquitetura: forma, espaço e ordem. 3ª ed. Porto Alegre. 2013.

DIOGENES, B. H.; PAIVA, Ricardo Alexandre. Um moderno convicto. In: Revista Arquitetura e Urbanismo, edição 156. São Paulo, Pini, 2007. Disponível in: < http://www.au.pini.com. br/arquitetura-urbanismo/156/documento-ricardo-paiva-e- beatriz-diogenes-escrevemsobre-a-44394-1.aspx >. Visitado em 17 de março de2017.

GOMES FILHO, João. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual. São Paulo. 9ª ed. 2009.

JULIÃO, Raquel M. Análise da forma e do sentido em arquitetura – o caso do memorial da américa latina. In: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo. Vol. 15. Nº 16. 2008. Disponível in: http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/992/1009 Visitado em 21 de junho de 2017.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Edições 70. Lisboa. 2016.

UNWIN, Simon. A análise da arquitetura. 3ª ed. Bookman. Porto Alegre. 2013.





SELVA DE PEDRA E FLORES



Mário Maia Costa Neto1 Viviane Sales Furtado²

RESUMO

O artigo trata-se da relevância das abelhas no nosso mundo contemporâneo e como essa espécie atinge a população. No entanto o benefício trazido por elas não é tratado com o devido respeito pela sociedade o que acaba pondo em risco sua existência no planeta. Sua exterminação seria um grande infortúnio para humanidade, tanto na questão alimentícia, quanto em outros aspectos. O texto é desenvolvido através de pesquisas bibliográficas e da narrativa de contos, afim de trazer uma dramaticidade, fazendo com que o leitor se identifique e se emocione com a história, ilustrando a eventualidade de um possível futuro caso a humanidade não comece a investir e a agir de forma para reverter tal situação. O artigo estrutura-se entre o futuro e o presente, onde a narrativa se apresenta em itálico representando sempre as consequências das ações do homem embasadas no levantamento bibliográfico, que se tange em livros antigos e até palestras que são considerados atemporais.

Palavras-chave: Abelhas. Polinização. Alimentação. Economia. Saúde-mental.

1 INTRODUÇÃO

A humanidade sobreviveu ao mundo através do hábito de temer o declínio da sua própria espécie. Se escondendo, reproduzindo-se ao máximo e reutilizando-se dos restos de outros animais, respeitando assim o curso da natureza. Apesar de todo esforço humano, nada supera as grandes obras naturais, sobrevivendo a espécie que mais se adapta a mãe terra (DARWIN, 1859, p. 76).

O tempo passou de forma sensível e o homem começou a se multiplicar de maneira agressiva, os alimentos gerados de forma natural, já não eram mais suficientes para suprir toda a demanda humana. "Não há exceção nenhuma à regra: todo o ser organizado se multiplicasse naturalmente com tanta rapidez, e não fosse destruído, a terra em breve seria coberta pela descendência de um só par.... O próprio homem..." (DARWIN, 1859, p.78.)

A preocupação ligada a superlotação não está relacionado somente à alimentação, mas traz consigo a hierarquia do espaço ocupado e a economia que vive em constante decadência. A sociedade trouxe diversas soluções ilusórias que acabaram por virar uma grande bola de neve coberta

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus | mariomaiacosta@hot-1

² Arquiteta e Urbanista, especialista em Paisagismo, professora do Centro Universitário Christus | prof.vivianefurtado@gmail.com





por problemas. "É [...] um problema reservado inteiramente ao futuro, supondo mesmo que o futuro pode tomar conta dele". Alguns atos realizados acabaram por ativar uma espécie de carma³. No intuito de produzir mais alimentos, o uso do agrotóxico foi largamente implementado junto ao hábito da monocultura, por ser a forma financeiramente mais lucrativa, mas com severos prejuízos ambientais. Um dos primeiros pontos a serem afetados foi a biodiversidade, ato hipócrita por estar diretamente ligado a produção de alimentos⁴. Esse sistema é uma pirâmide de cartas, todas as peças têm que estar em equilíbrio ou tudo ruirá.

As abelhas são responsáveis por cerca de 75-90% do abastecimento da alimentação mundial, abrangendo a maioria do leque de vegetais e frutos por meio da polinização. Além do aumento no número de frutos produzidos pelas plantas, esse feito aprimora a qualidade e escasseia o índice de má formação. Contudo, desde 2007, é observado a drástica redução no número desses insetos, consequência de uma série de questões, mas tendo como a de maior relevância o uso de pesticidas tóxicos, com ênfase no neonicotinóide. Produto usado para eliminação de pragas "Independente da forma de exposição todos os inseticidas testados ocasionaram a morte de 100% das abelhas" (SOARES, 2016, p. 9) No caso de agrotóxicos não tão afetivos em abelhas, os efeitos são menos letais, mas ainda bem drásticos, contribuindo para a redução da espécie. Relatos comprovam que as exposições sucessivas desses compostos químicos afetam sua resistência, tornando-as mais propensas à infecção parasitária. (CORNÉL; CRISTINA; OSMAR et al, 2010, p. 201) Além de causar a morte das abelhas podem provocar um comportamento antinatural tanto na colmeia quanto fora, deixando esses insetos desnorteados, fazendo com que eles se percam, causando assim a decadência do enxame.

Estimasse um valor em volta do trabalho que a natureza (as abelhas) nos fornece é de 153 milhões de euros, serviços da qual precisamos para viver. (POLACOW, 2013, p. 121)

Com mais de 70 milhões de anos de evolução e sobrevivência, foi necessário menos de um século de produtos tóxicos para pôr a espécie, e todos que dependem dela, em risco.

2. REVISÃO LITERÁRIA

Os textos foram embasados com foque maior no livro de Darwin "A Origem das espécies" que serviu como alicerce ao desenvolver do artigo, assim como livros e artigos contemporâneos que se tratam de questões urbanísticas e psicológicas que servem de forma indireta do foco maior. Para tratar do assunto principal, as abelhas foram utilizados artigos de várias áreas.

3. METODOLOGIA

O artigo foi estruturado embasando-se em artigos científicos, escritos de Darwin, livros e audiovisual, sempre com o enfoque nas preocupações relacionadas a vida e sobrevivência da humanidade.

4. NARRATIVA, DISCUSSÕES E RESULTADOS

Como comentado anteriormente, o alimento não é o único atributo beneficente trazido à sociedade pelos pequenos polinizadores. A maioria dos vegetais dependem da polinização e com a ausência desses insetos a existência de matérias prima como o algodão estariam comprometidas,

Na física, essa palavra é semelhante a lei: "Para toda ação, existe uma reação de força equivalente em sentido contrário"

Humano e dos diversos polinizadores.





prejudicando a produção de tecidos de forma avassaladora. Observando de forma abrangente, esse não seria o maior dos problemas, pois grandes áreas verdes também precisarem do auxílio dos polinizadores, afim de não sucumbirmos pela falta de oxigênio. (BAGGINI; BOEMER, 2013, MEIO AMBIETE)

Terra após o colapso das abelhas. - Início do fim.

"Minha garganta estava seca e pingos de um suor frio brotam dos meus poros. Abro os olhos e percebo que a máscara de oxigênio não estava em seu devido lugar. Ainda não amanheceu, levando-me a olhar para o despertador que mostrava ser mais cedo que meu horário habitual de levantar. Sento na cama, espreguiçando-me enquanto calço minhas sandálias e olho ao redor, avisto minha avó Flora adormecida em sua cama. Ela tinha uma expressão tão serena que não me permiti acordá-la. Aproximo-me dela, fazendo um leve carinho sobre seus cabelos ralos e grisalhos.

Caminho até a cozinha e resolvo preparar um chá. Pego um pacote solto no armário antigo, onde não havia muitas opções, e coloco-o para ferver. Enquanto não ficava pronto, me pego pensando nas histórias que minha avó contava, sobre os inúmeros sabores de ervas que tínhamos e como tudo foi se perdendo, com toda a ganancia das gerações passadas.

Desperto dos meus devaneios ao ouvir o agudo apitar do bule, provo da bebida e sinto um gosto amargo com aspecto artificial. Embora o produto prometesse ser tão bom quanto o natural, sabia de longe que não era verdade, pois produto de boa qualidade só era desfrutado em raras ocasiões. Com exceção da folha e da fruta maracujá amarelo, este que consegue ter uma produção manual eficaz, já tentamos plantar outras frutas, mas nenhuma com muito sucesso.

Tomo o resto do liquido desgostoso e arrumo a mesa para um café da manhã improvisado para minha avó. Mantínhamos esse nome apenas por costume, já que não se produzia mais café. Ajeito a mesa colocando o chá e um pedaço de pão retirando uma pequena parte da massa para me alimentar, contudo não fora o suficiente para silenciar minha fome. Sabia que não poderia comer além disso, caso contrário, faltaria para o resto da semana, que estava apenas no começo.

Checo a gaveta dos remédios e percebo que está quase vazia, isso me apertou o coração, me motivando a trabalhar mais arduamente.

Visto meu uniforme de trabalho, uma blusa e calça de coloração acinzentada que são feitas de tecido sintético, do tipo que arranha e faz barulho ao andar tornando-se quase um instrumento musical. Tento sair de fininho para não acordar minha avó, mas minha roupa já tinha estragado o plano.

Sua feição era melancólica, sabia que não gostava de me ver naquele uniforme.

– Sabe que seus pais teriam orgulho de você, não é, Ápis?

Meus olhos sempre se enchiam de lagrimas ao ouvir falar deles. O amor era visto como fraqueza aos soberanos que comandavam o país, uma perca de tempo, e tempo é trabalho, então meus pais foram separados em distritos longe daqui.

- Por que acordou tão cedo, teve outro pesadelo? Perguntou minha avó.
- Não me assusto mais com pesadelos, já vivemos em um. Vou para a feira hoje. A senhora vai querer alguma coisa?
 - Fiz uma lista. Ah e não se esqueça de comprar nossos remédios!

Dou um abraço de despedida, pego a lista, guardo no bolso e sigo ao meu destino diário..."





ESTILO DE VIDA PRECÁRIO

No intuito de comportar um número tão alto de pessoas, é comum presenciar as construções das cidades cada vez mais rápidas e desgovernadas, desencadeando assim diversas transformações na vida urbana, sendo uma das principais a brusca redução das áreas verdes devido à especulação imobiliária. (IVO, 2012, p. 02)

Cidades que utilizam em grande quantidade o uso do concreto e asfalto formam ilhas de calor tão potentes, tornando-se indispensável o uso de arvores e outros elementos vegetais pela sombra que geram, as águas que absorvem e os ventos que estimulam a circular. O verde urbano também auxilia na purificação do ar pela fixação de poeiras, diminuição de gases tóxicos com seu mecanismo fotossintético; abrigo da fauna, que proporciona equilíbrio na cadeia alimentar, além de e um bom balanceamento hídrico, por meio da drenagem, da evaporação e da absorção pelas raízes. (CECCHETTO, 2014, p.02)

Ao longo da história as áreas verdes eram caracterizadas por sua relevante importância: políticas, econômicas, ambientais e/ou sociais. Geralmente se limitava a espaços vastos, na medida em que precisavam para cumprir tais funções, mas uma vez em que o espaço urbano é visto como um dos principais sistemas de economia, esse verde é reduzido a pequenas praças e o público colocado para escanteio, limitando esses locais a áreas geralmente exclusivas a um número reduzido de pessoas, que possuem acesso livre e facilitado a shopping-centers, condomínios residenciais e edifícios poli funcionais (CARBONERA, 2014, p. 01)

De acordo com o filósofo e escritor inglês Roger Scruton "A bela obra de arte traz consolação na tristeza e afirmação na alegria. Ela mostra que a vida humana vale a pena". O belo tem como sua natureza, o poder de fazer o homem apreciar o mundo em sua essência ideal, ou seja, a finalidade estética das paisagens urbanas tem o intuito de transmitir um efeito de bem-estar para as pessoas. Esse conforto está diretamente ligado à sua maneira de vida, características do meio em que vive e a sua saúde mental e física. (CARNEIRO, 2009, p. 63 – 78)

> I - o bem-estar estético, cultural e ambiental da população; II - a segurança das edificações e da população; III - a valorização do ambiente natural e construído; IV - a segurança, a fluidez e o conforto nos deslocamentos de veículos e pedestres; V - a percepção e a compreensão dos elementos referenciais da paisagem; VI - a preservação da memória cultural; VII - a preservação e a visualização das características peculiares dos logradouros e das fachadas; VIII - a preservação e a visualização dos elementos naturais tomados em seu conjunto e em suas peculiaridades ambientais nativas; [...] XI - o equilíbrio de interesses dos diversos agentes atuantes na cidade para a promoção da melhoria da paisagem do Município." (A Lei Municipal nº. 14.226/06, em seu artigo 3º)

Mundo após as abelhas – Cidades nas cinzas.

"O mundo fora da minha casa, tem um odor forte e carregado com bastante fumaça expelida das engrenagens de diversas fábricas distribuídas no quarteirão, junto com uma espécie de poeira densa que paira pelo ar, dificultando a respiração. As casas são todas muito parecidas, o desanimo na época atual, fez os moradores optarem por manter a coloração do cimento, sem nenhum esforço para dar identidade, apenas com o objetivo de suprir suas necessidades básicas de abrigo. Antigos outdoors de produtos fora de circulação estampam boa parte das avenidas.

Pessoas frenéticas passam por mim andando rápido, a maioria vestida com o mesmo uniforme cinza da POLI, a empresa de polinização manual. Todos estão seguindo o mesmo rumo, uma onda cinza de pessoas em um oceano de casas cinzas. Não poderia existir cena mais monótona, infelizmente, faço parte deste grupo de pessoas.





Às vezes, me pego imaginando que tipo de vida essas pessoas tem. Li em um livro uma vez a seguinte citação: "quanto mais perto do fim, menos sanidade sobra nas pessoas". Nada mais coeso de se dizer, já que hoje vejo mais hospícios do que hospitais, onde presencio um mundo com ar escasso, pouca alimentação; quando discuto ideias de como poderíamos mudar tal cenário, sou rapidamente freada por uma possível insanidade. Fecho meus olhos e tento respirar profundamente e meditar, pensar em minha situação que, normalmente, me deixa desacreditada e acabo por ser empurrada pela multidão acelerada atrás de mim, resultando em uma queda dolorosa na calçada de concreto. Não tenho muitas forças para levantar, talvez seja consequência da falta dos nutrientes essenciais. Olho para o lado esperando estimulo afim de erquer meu corpo por inteiro, mas é aí que meus olhos se arregalam de surpresa, vejo uma flor amarela, em plena cidade. Como ela conseguiu sobreviver? O calor, a falta de oxigênio e a infertilidade do solo não foram suficientes para que ela se esvaísse. Com isso me vejo mais animada e contente ao ponto de consequir me levantar e continuar meu trajeto.

– Oi, Ápis. – Ouço uma voz familiar.

Uma amiga de infância que sempre me acompanha a monocultura, me chama próximo dali

- Lavanda, você não vai acreditar no que eu encontrei. Falei animada, ao lembrar da flor que vi.
- Um bolinho de caju? Bolinho de caju era uma especiaria muito rara no nosso vilarejo, já que o caju era um fruto bastante dependente da espécie extinta. – Falou mais animada do que o esperado, com um brilho nos olhos.
 - Não, Lavanda. Encontrei uma flor.
 - Aaa..ta, mas isso não se dá pra comer.

Revirei os olhos com sua resposta e continuamos o percurso, mas aquela flor realmente fez meu dia um pouco menos cinza. Lavanda poderia nem se interessar, mas o sorriso brotado em meu rosto indicava o quanto aquilo importava. "

POLINIZAÇÃO MANUAL

A substância alimentícia do homem é, em boa parte, gerada pelas abelhas. Quando se é falado de alimento e abelha na mesma frase, nós logo interligamos ao mel, porém esse adoçante natural não é a única produtividade oferecida para o homem. Estima-se que o mel tem o valor global de US\$ 1,5 bilhões como material exportado, já os outros serviços como o de polinização têm como remuneração US\$ 212 bilhões. (FONSECA,2012, p. 103)

Em lugares escassos de flores ou que as flores não são tão atrativas às abelhas, produtores tem que tomar outra medida e polinizar as plantas com as próprias mãos. Enquanto uma abelha campeira visita 10 flores por minuto, totalizando em um dia todo 40 mil, as mãos humanas, em uma carga de trabalho abusiva de 8 horas, conseguiriam atingir apenas 12 mil flores diárias. (SPI-VAK,2013)

Normalmente essa polinização artificial é feita com as pontas dos três dedos médios ou com pinceis, mas há alguns frutos específicos que é necessário outro tipo de artefato para ser efetuado essa "fecundação", como é o exemplo do tomate, que tem como auxiliador o zangão. O pólen está tão fixo ao órgão masculino que o inseto precisa se fixar a flor e fazê-la vibrar em uma frequência similar a nota "dó" para desprender (uma verdadeira orquestrar natural) e polinizar as flores circundantes. No caso da polinização artificial é utilizado um vibrante aparelho que "sacode" com o intuito de cumprir o mesmo papel, mas os resultados não possuem a mesma qualidade. (SPIVAK,2013)





Quando não se há um número relativamente palpável de abelhas para cumprir o seu papel polinizador, claramente a polinização artificial será essencial e complementar ao trabalho dos pequenos insetos. Um exemplo real é o maracujá, que ao ser polinizado artificialmente apresenta uma diminuição na espessura da casca e aumento da polpa. (KRAUSE, 2012, p. 02)

O auxilio humano nesse serviço possui certa eficiência, porém para se tornar tão efetivo quanto deve ser, revelaria um o custo da mão de obra altíssimo, considerando a necessidade de 200 horas de trabalho para abranger um hectare de vegetação no período de florada (ROSA, 2002, p. 03). Foi descoberto pelos estudos desenvolvido por Nietsche et al (2002) que em determinadas horas do dia, se tem uma polinização mais efetiva se realizada no período das 07:00 às 10:00 da manhã, tal recomendação influencia no peso, na polpa e na casca da fruta. Vale ressaltar que quanto mais pesado o fruto maior será o seu preço no mercado.

Apontando mais uma desvantagem da polinização artificial, temos a perceptível diferença entre a escala humana e a do inseto. O espaço entre as espécies é ampliado, consequentemente precisando de mais hectares para suprir essa necessidade, aumentando assim o número por metro quadrado de plantio. É inegável que as abelhas ganham em praticidade e locomoção, diferente da forma não-natural exercida pelo homem.

Mundo após as abelhas – POLI

"Os primeiros sinais a informar que estamos chegando a monocultura são os grandes portões e guardas, sempre bem armados, onde se organizam linearmente. Para entrarmos, passamos por uma vistoria rotineira, onde checam se não entramos com ou saímos com nada indevido. A POLI mantém a segurança elevada, já que guarda dentro de seus muros aquilo de mais precioso na cidade: a comida. Lavanda e eu somos separadas por funções, que foram estabelecidas desde o primeiro dia de trabalho. Aceno em despedida e sigo em frente, designada a colheita, enquanto minha amiga fica na separação das sementes.

Normalmente são determinados um grupo de 100 pessoas encarregadas de fazer o serviço de recolhimento dos frutos, mas esse número foi reduzido drasticamente para menos que a metade. Pude contar uns 27 restantes, engulo a seco só de imaginar perder o trabalho.

A safra de maracujás foi bastante escassa dessa vez, e parece que a de amêndoas fora ainda pior, isso tudo indica o quanto tudo vai ficar mais caro. Me cerco de apreensões, ao lembrar da lista de compras que trago no bolso. Pela primeira vez em toda minha vida, penso em furtar aquele maracujá que está a poucos centímetros de mim. E se ele escorregasse em minha bolsa, ao invés de cair na cesta não seria minha culpa, seria?

"Onde está meu juízo?" – Penso balançando a cabeça. – se por ventura eu for pega, as consequências seriam terríveis. Ou sou destinada a trabalhar com agrotóxicos pelo resto da vida (o ultimo que ficou encarregado disso morreu antes dos 30), ou pior, seria banida da cidade por roubo. Os suprimentos já estão tão escassos, que a cidade não investe mais em prisões, banindo qualquer um que infrinja as leis estabelecidas pelos novos comandantes.

Um homem magro e pálido que está bem próximo de mim tem a mesma ideia que eu, mas infelizmente não foi astuto o suficiente para não ser pego, e foi abordado violentamente pelos guardas que estavam ali e levado para longe. Seria a minha chance? Noto que nenhum guarda está por perto e em um pico de coragem, me impulsiono até o fruto, com suavidade para não fazer barulho, direciono-o à minha bolsa.

Eu não faria isso se fosse você.
 Uma voz grave é pronunciada bem perto do meu ouvido e





uma mão segura meu braço firmemente, limitando meus movimentos.

Naquela hora, não conseguia pensar em nada, meu estômago estava embrulhado e meu rosto estava pálido. Olho para trás e vejo um jovem que aparenta ser da mesma faixa etária que eu, indicando que é novo demais para ser um guarda. Deixo o fruto cair.

- Aconteceu alguma coisa, Senhor Lírio. Um guarda fala em nossa direção, com uma entonação respeitosa.
- Não aconteceu nada. Sem querer chamei atenção da moça, que deixou cair o maracujá. Foi minha culpa. – Falou firmemente para o guarda.

Fiquei incrédula ao perceber sua proteção. Observo suas vestes e noto nossa diferença de classe. Ele aparenta ser um nobre, mas não perguntarei isso diretamente. – Por que você me ajudou? Nem me conhece.

- Simpatizei com você. Disse observando algumas folhas secas, desviando seu olhar do теи.
- Estava tudo sob controle.
 Voltei meu rosto para a plantação, evitando que notasse meu leve rubor.
 - Entendi. Concluiu com um leve sorriso transparecido em sua fala. Como se chama?
 - Aprendi que não posso falar com estranhos.
 Finalizo tentando tirá-lo do meu encalço.
 - De nada, gatuna de maracujás. Disse como um sussurro, fazendo-me parar imediatamente. Suspiro e aceito o fato de que eu estava em suas mãos. – Ápis.
 - Como disse? Pergunta visivelmente confuso.
- Me chamo Ápis. Digo um tanto exasperada, mas logo corrigindo meu tom de voz. Obrigada por me ajudar!
- Ápis. Pronuncia um tanto pensativo, sorrindo em seguida e dando algumas passadas para trás. – Até mais, Ápis.

ESCASSEZ DE ALIMENTOS

É plausível se dizer, que a natureza é o nosso alicerce. É ela que nos faz ficar de pé, dando todo o apoio e recurso necessário. Nos fornecendo: água, alimento, madeira para construirmos nossos abrigos e, até mesmo, o oxigênio que faz a vida na terra possível. (AEM, 2001. P.03). Estipula-se que quase 2/3 desses serviços advindos da natureza para a humanidade estejam com o prazo de validade extrapolado em todo o mundo. Propiciando assim, um planeta com uma pequena variedade de espécies e com poucos recursos para quem o habita, reduzindo ou inviabilizando a possibilidades das gerações futuras. (AEM, 2001. P.04).

A polinização pode ser considerada um desses presentes que recebemos da natureza. Este método consiste na origem de novas plantas a partir da produção de sementes e frutos, ou seja, o pólen masculino, produzido nas anteras dos estames, é transportado até os óvulos femininos, produzidos nos ovários dos pistilos, formando as sementes. As plantas produzem sementes nos próprios pistilos com o pólen de outras plantas, todavia este recurso não é usado apenas para reprodução, atribuindo características alimentícia às plantas. Um dos principais agentes dessa reprodução são as abelhas, encarregadas de 73% da polinização, porém não são as únicas nesse ramo, sucedidas por borboletas, morcegos, pássaros e homens. Elas, as abelhas, tem sua parcela





de benefício alimentando-se do pólen e do néctar. (BACAXIXI, 2011, p. 01).

Ao se alimentar as abelhas contribuem com cerca de 90% do sistema de polinização das arvores tropicais que necessitam deste trabalho, para ter um bom rendimento de safra. Essa produção de frutos está na base da cadeia alimentar, ou seja, de fundamental importância para o equilíbrio do ecossistema. (FONSECA, 2010)

Caso tal polinização fosse interrompida, a produção de frutos e verduras decairia drasticamente e com elas toda a gama de vitaminas e minerais, nos quais são indispensáveis para o funcionamento do organismo. Esses atributos são potencializados em contato com a natureza pura, através de iluminação e ventilação natural. (BATTELO,2016, p.7)

A mediocridade do homem em visar somente o poder, transformou o alimento, em crucial, em algo secundário, agravando exponencialmente os problemas relacionados à nutrição. Focando apenas na produção em massa e no afas-



tamento das pragas, os solos estão cada vez mais pobres em nutrientes e repletos de pesticidas que afetam a vitalidade e salubridade dos alimentos. A principal estruturação dos adubos, que consistia em produtos naturais, como trevo e alfafa (que também são alimentos nutritivos para as abelhas), fora quebrada após a Segunda Guerra Mundial, gerando composições a base de NPK (sódio, potássio nitrogênio), simplificando diversos nutrientes à apenas três. (BATTELO,2016, p.7)

A nossa alimentação tem que estar em constante equilíbrio, onde precisa-se achar a balança entre o vegetal e a carne, salientando que todas as plantas que possuem flores, necessitam do processo de polinização, incluindo os vegetais que alimentam os animais, aderindo assim a carne à lista de escassez. "O médico do futuro não receitará remédios e sim alimentos". Thomaz Alva Edson (1847-1931)

Mundo após as abelhas – FOME

Após horas de trabalho, finalmente chega a hora tão esperada.

- Número 232.
- Aqui. Sinalizo me aproximando do balcão onde estavam os pratos feitos dos operários. Minha senha.

Pego minha refeição e me direciono rapidamente até alguma mesa livre, contando os segundos até poder finalmente comer. Noto um rosto familiar em meio à multidão, arrancando-me um sorriso por se tratar de uma amiga próxima.

- Áster você não apareceu na colheita hoje. Falo sentando de frente para ela, que não tinha uma expressão muito feliz. – Aconteceu alguma coisa?
- O conselho me chamou. Inicia, levando sua última colher de comida à boca. Eles me dispensaram.

O gosto da comida se fez levemente amargo por esse choque de realidade. – Mas, por quê? Você é uma das pessoas mais dedicadas à colheita.

– Eles disseram que estão fazendo cortes. Esse é meu último dia aqui. – Suspirou em desistência. – Eu preciso ir agora.





Antes que eu pudesse dizer algo, ela levanta e caminha em direção a saída, tombando em algumas pessoas no caminho, sendo uma delas facilmente reconhecida por mim.

Viro meu rosto a fim de escondê-lo, mas ele já havia me visto.

- Olá, Ápis. Fala, sentando do meu lado.
- Não tinha nenhuma mesa de ouro disponível hoje? Pergunto sarcástica.
- Infelizmente todas ocupadas. Entra no jogo de palavras. Por que você é tão rude comiqo?
- Por que não seria?
 Volto meu olhar para o prato, destampando-o e notando a pouca quantidade de alimentos. – Você tem tudo de bom e do melhor. O que faz aqui?
- Parecia o certo a se fazer. Responde, observando em seguida minha cara de confusa. No final estamos todos no mesmo barco, Ápis. Poucos sabem o realmente motivo desse desastre alimentício. – Conclui observando as pessoas ao redor.
- Que não se tira leite de pedra, as pessoas já sabem, mas parece que não sabiam que dela não se tira pólen também. – Falo aérea, tentando degustar cada parte daquela refeição.
 - Onde você ouviu isso?
 - É uma coisa que minha avó costumava dizer.
 Suspiro ao lembrar.
- Ela também te disse que Ápis significava abelha? Exclama, fazendo-me olhar para seu rosto, que trazia um sorriso inocente consigo.
 - Como você sabe disso?
 - Eu gosto de saber o motivo das coisas. O porquê.
 - Você sabe o porquê de termos chegado a tal ponto?
- Talvez a explicação esteja no seu nome. Observo-o confusa. As abelhas carregaram a humanidade nas costas por vários anos, mas o homem não foi capaz de carregar uma flor se quer.
- O que aconteceria se voltássemos a ter mais flores? Questiono interessada, lembrando de hoje cedo.
- Isso resultaria em várias mudanças, mas certamente seriam boas. Finaliza se levantando. – O horário do almoço acabou, preciso ir.

Essa era a minha oportunidade de obter respostas sobre aquela flor. – Nós podemos voltar a ter abelhas?

– Você sabe do que é preciso para chamá-las. Resta acharmos esse recurso. – Sorri e se despede, deixando-me ali totalmente atordoada em pensamentos.

O resto do dia passou mais rápido do que imaginei e todas aquelas horas de trabalho exorbitante tinham cessado. Pequei o resto de energia armazenada em meu corpo e utilizei para ir à feira. Já estava fora dos portões quando sinto um suave toque em meu ombro.

- Esqueceu isso, Ápis. Falou Lírio, o mesmo menino que me cercou o dia inteiro, me entregando um maracujá,
 - Que nome doce esse meu. Digo com um sorriso sarcástico, enquanto recebo o fruto.
 - Doce como mel. Retruca com fluidez, tendo a resposta na ponta da sua língua.
 - Estou com pressa. Preciso ir à feira dou uma checada no céu, vendo que já está escurecendo.





– Não se importaria de ter uma ótima companhia até lá, importaria? –Disse posicionando-se ao meu lado. Suspiro e mantenho meu percurso.

Nossas conversas foram reduzidas a seu estilo de vida e sobre seu recém falecido gato. Ao chegarmos na feira, o clima de melancolia era gritante. A escassez de produto tinha chegado a um nível que nunca pensei. Pouquíssimas verduras eram expostas ali, sua cor verde mal era vista; frutos pobres preenchiam os vazios entre uma caixa e outra, tendo como predominância barrinhas de ração, produto desenvolvido por nutricionistas da época na tentativa de suprir a ausência de algumas vitaminas.

COLAPSO DA ECONOMIA

Crises ligadas a economia, alimentação, falta de emprego não é algo inédito na história do mundo. No Séc. XX presenciou-se impasses rigorosamente ligado ao sistema de capital, cujo impacto é transparecido em uma escala global.

A crise de 1929 nos Estados Unidos chegou em um momento posterior ao seu auge econômico, onde não se poupava investimentos na produção em massa de todos os produtos que predominavam naquela época, incluindo a superprodução agrícola. Contudo, a crise fez-se por conta da pouca demanda comparada à pilha de produtos executados, ocasionando a falência de várias empresas. Por conta dessa escassez de empresas, a produção começou a ser desvalorizada assim como a necessidade de funcionários, levando muitos dos trabalhadores ao desemprego. A inevitável procura por capital instigou tais pessoas a fazerem empréstimos em bancos, porem a crise alastrou-se por tanto tempo que o estado se viu em colapso, por fim ocasionando a quebra na bolsa de valores. Com essa maré de azar, onde reinava desemprego e falência, o medo imperava gerando atos extremos na população como furtos e homicídios, destacando também o alto índice de suicídios. (SOARES, 2009, p. 105)

Esse déficit econômico tem uma ligação direta com a saúde mental, devido a várias questões sociais, políticas e psicológicas. A crise traz consigo uma desordem de investimento aplicado a diversas áreas diferentes, prejudicando os setores que julgam menos necessários à cidade, a começar pelos espaços públicos. As desvalorizações desses ambientes acometem a ausência de interação entre as comunidades, a segurança do meio, e o lazer dos seus usuários. A indispensável dependência torna clara a ligação entre o bem-estar da sociedade com o bom funcionamento da mesma, ou seja, para o estado funcionar a população precisa estar em primeiro lugar. (BALOGH,2011, p. 06)

Levando como enfoque a família, as preocupações em se manter, agravam doenças físicas e contribuem com as mentais. O sentimento de manter-se com uma garantia fixa de emprego, pressiona o trabalhador às exigências do mercado, tornando o convívio social voltado a pressão vivida diariamente, colaborando para uma tensão psicológica tanto na pessoa quanto no seu entorno.

Mundo após as abelhas – PÂNICO.

- Maçã... começo observando as opções. Não. Risco essa opção da lista. Pêssego. Volto meu olhar para as frutas, avistando uma, acelero o passo para comprar a última unidade, mas alguém chega primeiro. Resmungo frustrada. – Próximo... Queijo, pão e ovo. – Olho ao redor, achando-os em uma tenda próximo dali.
- Achou o que procura? Ouço uma voz familiar do meu lado, constatando, por fim, ser a do Lírio, lembrando-me que ele estava me fazendo "companhia".
 - Não tudo. As opções estão cada vez mais escassas.
 Concluo, procurando o próximo item,





no qual seria amêndoas, contudo noto sua inexistência, lamentando-me.

- Precisa de ajuda para encontrar algo?
 Olha-me atento.
- -Tente achar laranjas, eu vou procurar meus remé pauso abruptamente, evitando tocar nesse assunto. – Eu vou procurar algumas... Cebolas.

Nos separamos e eu volto à procura. Constato que ainda faltam alguns itens da lista, mas meu dinheiro só custearia mais algumas poucas unidades.

- Custa R\$ 7,10, dona.
 Questiono por ser somente 3 cebolas o meu pedido, fazendo-o repetir o valor e ele não ligando para o que eu acabara de falar.
 - Algum problema aqui? Lírio surge ao meu lado indagando o vendedor.
 - As cebolas estão o dobro do valor da semana passada. Falo exasperada.
 - É a inflação, dona, não posso fazer nada.
 Disse com sinceridade.

Antes que eu pudesse pensar em algo, Lírio saca algumas notas do bolso, dando ao homem em troca das cebolas. Olho atônita para aquela negociação, observando-o direcionar a sacola para mim. Por meio segundo penso na possibilidade de recusar aquela oferta, mas eu precisava levar suprimentos para casa.

-Eu.... Eu pago você depois. - Pego o pacote um tanto envergonhada, caminhando até a próxima opção da lista.

Dos 15 itens, encontro 7, alguns quase em estado de putrefação, frustrando-me a procurar por mais opções, todavia um tumulto me chama a atenção. Aparentemente um homem está discutindo com o vendedor de cebolas. Sinto Lírio indicar para que saiamos logo dali, aumentando meu sentimento de aflição ao pensar nos possíveis desfechos que aquela situação poderia tomar.

Surgem gritos e barulhos de coisas se quebrando, boa parte das pessoas que antes observavam as frutas, começam a acelerar o passo, iniciando e evoluindo de uma leve corrida, para empurrões e conflitos diretos.

 Nós precisamos sair daqui.
 Lírio segura firme no meu braço, puxando-me para longe, contudo, somos acometidos por três homens nos rodeando.

Algo semelhante a um arrastão se inicia. Esbarrões e apertos mesclam o estado que aquele lugar se encontrava, regido por uma gritaria ensurdecedora, capaz de enlouquecer qualquer um. Esgueirando-se no meio de todos, sou acometida por várias pessoas que insistiam em colidirem comigo, dentre uma delas, eis que surge alguém puxando minha bolsa, fazendo-me puxá-la fortemente rente ao meu corpo, mas não tive êxito, sendo arrastada no meio daquela multidão. Lírio tenta alcançar o responsável pelo furto, mas o mesmo sai despercebido entre as pessoas, deixando para trás somente a lista de compras.

Conseguimos finalmente sair daquela situação, mas minha mente continua naquele meio minuto que roubaram minha bolsa. Eu estava transtornada para poder reagir a algo, pedindo assim, que Lírio me acompanhasse até em casa, no qual ele aceitou de bom grado.

Chegando em casa, ainda mais revolta do que durante aquela confusão, encontro minha avó lendo um livro.

- Ápis, querida. Inicia calmamente. Como foi na colheita?
- − O de sempre. − Começo um pouco impaciente, mas sem deixar transparecer meu maior sentimento.
- Você não está com sacolas.... Não passou na feira? Indaga confusa.





- Teria sido melhor não ter ido. Finalizo tentando acabar com aquela conversa.
- O que aconteceu? Fecha o livro e aproxima-se de mim, acariciando de leve meu rosto, onde se encontrava uma lágrima que ousara sair dos meus olhos.
- Por que que tínhamos que chegar a esse ponto? Início chorosa. Vocês nunca pensaram no que aconteceria depois? De se apropriarem de toda a natureza?
- Nós parecíamos viver dentro de uma bolha... Uma bolha que nunca estouraria, totalmente inertes ao que acontecia ao redor. – Olha-me com os olhos marejados. – Mas essa bolha estourou, e com ela todos os problemas que tínhamos tentado evitar.
- Todos acreditariam que o fim chegaria com um som tão estridente quanto uma explosão, mas veio silencioso feito um zumbido.

5. CONCLUSÃO

O artigo retrata através de contos um perigoso presente que pode nos levar a um futuro incerto. A natureza quando pura e completa nos rodeia de presentes e dádivas, mas sem o seu auxilio, podemos ver que teremos como consequência diversos problemas, afetando não somente essa geração, mas também as gerações futuras. Sugestões ao longo do artigo, abordam como seria a preservação desses bens: como a moderação do uso desses recursos, visando somente a necessidade e não a exorbitância; plantando o que colher e não visando apenas os altos lucros, pois seus custos podem ser impagáveis em um dado momento.

REFERÊNCIAS

AEM, Avaliação Ecossistêmica do Milênio, VIVENDO ALÉM DOS NOSSOS MEIOS O CAPITAL NATU-RAL E O BEM-ESTAR HUMANO, 2001

BACAXIXI, BACAXIXI, P.1; BUENO, C.E.M.S.2; RICARDO, H.A.2; EPIPHANIO, P.D.2; SILVA, D.P.2 ;BARROS, B.M.C.2; SILVA, T.F.2; BOSQUÊ, G.G.2; LIMA, F.C.C. A IMPORTÂNCIA DA APICULTURA NO BRASIL. REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE AGRONOMIA, 2011

BAGGINI; BOEMER, Marcela Baggini e Tauana Boemer, Campanha mostra efeitos de agrotóxicos em abelhas, Serviço de Comunicação Social da Prefeitura USP do Campus de Ribeirão Preto, 2013

BALOGH, Zoltán Balogh. Impact of economic crises on mental health, World Health Organization . 2011

BATTELO, Celso Battello. Alimentação: um segredo pra saúde. 3ª Edição. Local de publicação: Editora Celso Battello (Livros Digitais), 2016.

CARBONERA, Sandra Carbonera Yokoo . O PAPEL DAS PRAÇAS PÚBLICAS: ESTUDO DE CASO DA PRAÇA RAPOSO TAVARES NA CIDADE DE MARINGÁ. NUPEM, 2014

CARNEIRO, Ivan Carneiro Castanheiro. A POLUIÇÃO VISUAL: FORMAS DE ENFRENTAMENTO PE-LAS CIDADES, Revista Internacional de Direito e Cidadania, n. 4, .2009)

CECCHETTO, Carise Taciane; Samara Simon2; Tarcísio Dorn. ARBORIZAÇÃO URBANA: IMPORTÂN-CIA E BENEFÍCIOS NO PLANEJAMENTO AMBIENTAL DAS CIDADES. Seminário Internacional de Educação no Mercosul, 2014.

CORNÉLIO, Roberta Cornélio Ferreira Nocelli ; Thaisa Cristina Roat; Elaine Cristina Mathias da Silva Zacarin ; Osmar Malaspina. Riscos de Pesticidas sobre as Abelhas. 2010





DARWIN, CHARLES DARWIN. Origem das espécies. 1º Edição . Local de publicação: Editora Martin Clare, 2014.

FONSECA, Vera Lúcia Imperatriz Fonseca, Dora Ann Lange Canhos & Denise de Araújo. Polinizadores no Brasil: Contribuição e Perspectivas para a Biodiversidade, Uso Sustentável, Conservação e Serviços Ambientais. 1ª Edição. Local de publicação: Editora Edusp, 2012.

FONSECA, Imperatriz-Fonseca, V.L. & Nunes-Silva, P. As abelhas, os serviços ecossistêmicos e o Código Florestal Brasileiro, lBiota Neotrop. 2010

IVO, Pedro Ivo Decurcio Cabral. ARBORIZAÇÃO URBANA: Problemas e Benefícios . Tinstituto de Pós-Graduação - IPOG, 2012.

KRAUSE, Willian Krause, Leonarda Grillo Neves, Alexandre Pio Viana, Carlos Antônio Távora Araújo, Fábio Gelape Faleiro. Produtividade e qualidade de frutos de cultivares de maracujazeiro-amarelo com ou sem polinização artificial. EMBRAPA, 2012

POLACOW, Cecília Polacow Herzog. Cidades Para Todos:(Re) Aprendendo a Conviver com a Natureza. 1ª Edição. Local de publicação: Editora Mauad, 2013

ROSA, Marcelo Rosa Melo; Celso Valdevino Pommer; Ryosuke Kavati. Polinização artificial da atemóia com diversas fontes de pólen comparada com a natural. Bragantia vol.61 no.3 CampinaS, 2002.

SOARES, Otavio Soares Dulci. **Economia e política na crise globa**l. Estudos avançados,2009.

SPIVAK, Marla Spivak, TEDGlobal, numeração, 2014, Escócia Edimburgo. Why bees are disappering (Palestra). Local de publicação: TEDtalks, junho de 2014.





HARMONIA E COSMOS: ARQUITETURA E MÍMESIS NA **RENASCENÇA ITALIANA**

Hanna Clara Noqueira Costa¹ Orientador: Mateus de Medeiros²

RESUMO

Neste artigo científico será abordada a arquitetura renascentista, reconhecendo que ela é fundamenta e executada de acordo com os princípios sociais e culturais do homem do quattrocento. Serão realizadas comparações com o período medieval para uma melhor constatação de suas divergências e convergências, devido ao fato da sociedade greco-romana ser bastante ressaltada pelos renascentistas. Buscaremos ainda reconhecer os aspectos físicos e filosóficos que caracterizam as edificações dessa época e nos aprofundar em como, por meio da análise do edifício, podemos perceber a mímesis da natureza na construção, por meio de elementos que, quando aplicados, remetem a harmonia que caracteriza o cosmos e representa o belo no renascimento.

Palavras-chave: Renascimento. Mímesis. Cosmos. Harmonia. Arquitetura

1 INTRODUÇÃO

Uma importante premissa desta pesquisa é a de que no movimento renascentista podemos reconhecer uma sociedade que, não somente começa a se desvincular da autoridade da igreja católica, mas que proporciona uma nova leitura da natureza, ainda espiritualizada, mas com fortes bases na razão³. No final do século XIII é notória a percepção de mudanças nos valores que foram estabelecidos no período medievo da sociedade europeia. Essas mudanças não tiveram somente caráter cultural, mas também político, social, econômico e ideológico. Neste trabalho daremos ênfase a algumas alterações relativas à cultura e à ideologia deste momento histórico.

O objetivo principal deste artigo está na investigação do conceito de mímesis presente na arquitetura renascentista. Apesar do conceito de mímesis ser bastante empregado nas interpretações sobre a pintura dessa época, iremos focar na aplicação desse conceito na leitura e interpretação das edificações, tendo em vista que, durante esse momento histórico, a arquitetura busca seguir uma ordem matemática que o homem da renascença acreditava ser a ordem regente do cosmos (BRANDÃO, 1999). "Enquanto o homem medieval percebe visualmente na catedral a lógica hierárquica e os pressupostos metafísicos e religiosos que comandavam o seu cosmos, o homem

Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus, hnnngr@hotmail.com 1

² Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, mateusgoncalves@gmail.com

Ernst Cassirer em sua obra Individuo e Cosmos na filosofia do Renascimento toma Nicolau de Cusa como expressão de uma nova atitude metodológica perante o conhecimento: o questionamento de saberes até então dogmáticos. Isso indica uma mudança no modo de pensar que inauguraria a Era Moderna. Ademais, não se trataria de uma ruptura brusca, uma vez que o próprio Cassirer, citando Guilherme de Ockham e a doutrina do nominalismo, se refere a essa orientação de pensamento como um antepassado, ainda medieval, de uma atitude racionalista antidogmática. Cassirer afirma, ao falar da obra De Docta Ignorantia, que as "frases iniciais de De docta ignorantia, porém, revelam que já se processou uma mudança decisiva, pois o laço que até então unira a teologia e a lógica da Escolástica é cortado de um só golpe. A lógica, na forma que assumira até então, deixou de ser um organon da teologia especulativa. É bem verdade que a evolução da própria Escolástica já havia preparado o terreno para as conclusões de Nicolau de Cusa: o nominalismo de Guilherme de Occam e a vertente "moderna" da Escolástica, que a ela se une, já tinham afrouxado os vínculos estreitos que, nos sistemas clássicos do realismo, uniam a lógica e a gramática, de um lado, e a teologia e a metafísica, de outro". CASSIRER, Ernst. Indivíduo e Cosmos na filosofia do Renascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 20.





renascentista imagina o seu universo em termos de número e constrói o edifício com base numa lógica geométrica" (BRANDÃO, 1999, p. 69).

Inicialmente será realizada uma contextualização histórica sobre a renascença, abordando seus principais aspectos e a maneira pela qual ela influenciou o homem de sua época. Em seguida, discutiremos sobre o ponto principal desse artigo: o conceito de mímesis na arquitetura da renascença italiana e a maneira na qual se expressa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A partir do séc. XV, o termo renascimento é empregado "para designar a renovação moral, intelectual e política decorrente do retorno aos valores da civilização em que, supostamente, o homem teria obtido suas melhores realizações: a greco-romana" (ABBAGNANO, 2000, p. 852). Trata-se, portanto, de uma releitura, inspirada no que se acreditava sera sociedade clássica. O Renascimento não se trata da cópia de uma civilização passada, por ser tecnicamente impossível a total reprodução de uma determinada civilização, mas sim da utilização das bases ideológicas e formais que, segundo a leitura dos próprios renascentistas, seriam adotadas pela antiguidade clássica. "A Renascença representou uma era diversa tanto da medieval, como da moderna; assim como na Idade Média devem ser buscadas as raízes da Renascença, por sua vez, na Renascença devem ser buscadas as raízes do mundo moderno". (REALE, 2004, p. 09.). É uma civilização que, apesar da continuidade proveniente de vários aspectos da sociedade medieval, apresenta novidades que se remetem à tentativa deter como referência alguns pontos da sociedade greco-romana. Acreditase, por exemplo, que o arquiteto Filippo Brunelleschi, durante uma viagem para Roma, fizer as suas próprias anotações e croquis relacionados ao que restara da arquitetura dessa civilização. Afirma Ernst Gombrich:

> Diz que ele [Brunelleschi] viajou a Roma e mediu as ruínas de templos e palácios, fazendo esboços de suas formas e ornamentos. Nunca foi sua intenção fazer cópias das construções antigas, que dificilmente poderiam ser adaptadas as necessidades da Florença do século XV. O que ele pretendia, sim, era a criação de uma nova maneira de construir, em que as formas da arquitetura clássica fossem livremente utilizadas na criação de novas modalidades de harmonia e beleza. (GOMBRICH, 2013, p. 168-169)

Dessa maneira, com base no estudo da estética greco-romana, tratava-se de tentar algo novo que, apesar de utilizar elementos da arquitetura clássica, se adaptasse as necessidades distintas de uma nova sociedade. A experimentação é um aspecto importante no renascimento. A própria Itália do século XV era uma civilização diferente da clássica, o que levava a novas necessidades que a arquitetura antiga não poderia suprir. O repertório criado por Brunelleschi a partir do estudo da estética clássica certamente o influenciaria posteriormente na cúpula da catedral de Santa Maria del Fiori⁵. Sobre a cúpula desta igreja, afirma Argan:

Sobre a questão da continuidade, Reale afirma: "a teoria da ruptura pressupõe a oposição e a contrariedade entre duas épocas, ao passo que a teoria da continuidade postula uma homogeneidade substancial. Mas entre a contrariedade e a homogeneidade, existe a 'diversidade'. Ora, dizer que a Renascença é uma época "diversa" da Idade Média não apenas permite distinguir as duas épocas sem contrapô-las, mas também identificar facilmente seus nexos e suas tangencias, bem como suas diferenças, com grande liberdade crítica.". REALE, Giovanni. História da Filosofia. trad. br. Ivo Stomiolo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 12.

Apesar da admiração que os renascentistas tinham por Grécia e Roma, a imagem que os renascentistas possuíam não correspondia ao que de fato se tem conhecimento atualmente. Os renascentistas possuíam uma imagem idealizada da antiguidade clássica e foi em cima dessa imagem idealizada que se construiu boa parte da cultura deste momento histórico.





Está bem claro, ademais, que, desde o início, Brunelleschi quis manter-se fiel a uma tradição toscana e, ao mesmo tempo, criar com a cúpula um organismo autônomo e topologicamente novo. (ARGAN, 1993, p. 99).

Na renascença, era considerado um elogio para um artista, ouvir falar que sua obra era tão boa quanto a dos clássicos (BENÉVOLO, 2012). Entretanto, como vimos, o renascimento não se resume ao resgate literal da cultura clássica, mas também representa inovação e experimentação para as artes plásticas, literatura, ciência e arquitetura. O renascimento" muda a natureza do trabalho artístico e suas relações com as outras atividades humanas" (BENÉVOLO, 2012, p. 401). Assim como a cultura de um povo está diretamente ligada ao seu ethos, o renascimento não irá se manifestar nas artes de maneira desconexa à realidade da sociedade italiana. Pelo contrário, por meio desse movimento, somos capazes de perceber características que remetem ao homem renascentista e à maneira na qual ele se relaciona com a comunidade. Segundo Giovanni Reale, célebre historiador italiano da filosofia, é possível reconhecer alguns pontos comuns, através do comportamento da sociedade, presentes no renascimento italiano. Sobre o renascimento em suas linhas gerais, o autor afirma que se trata de

> Um fenômeno caracterizado pelo individualismo prático e teórico, a partir da exaltação da vida mundana, do acentuado sensualismo, da mundanização da religião, da tendência paganizante, da liberdade em relação às autoridades que no passado tinham dominado a vida espiritual, do forte sentido da história, do naturalismo filosófico, do extraordinário gosto artístico. (REALE, 2004, p. 09.).

Um sintoma da tendência ao individualismo citada por Reale pode ser encontrado no fato de que é por volta do renascimento que os artistas voltam a assinar suas obras, ação que não era comum no período medieval (GOMBRICH, 2013). O gosto do homem renascentista pela experimentação revela a ênfase do caráter individualista desse período. Por meio da experimentação, que se opõe à reprodução de valores, o artista seria capaz de expressar sua individualidade.

Percebemos então que o homem renascentista, em contraste à cultura medieval que comumente se desenvolve de maneira mais genérica ou comunitária, possui uma tendência que começa a privilegiar uma visão individual que se faz presente em sua forma de pensar e atitudes. Sobre o tema da inclinação ao individualismo, George Duby, analisando vestígios da civilização material, pinturas representativas da sociedade aristocrata e o inventário de notícias da cidade de Florença, de acordo com os pensamentos de Fra Paolino, se remete ao ethos renascentista toscano que dá sinais da tendência crescente da vida privada. Ele afirma:

> Viver privadamente é antes de tudo viver em casa, em família. A família constitui o coração do privado, cada um está convencido disso. A casa, o lar, esse privado, o mais indispensável e o mais caloroso, é muitas vezes percebido como um meio estreito. Sempre segundo Paolino, ele deve compreender o marido, sua esposa, seus filhos e não mais, salvo uma doméstica para servi-los, coisa a seus olhos notoriamente indispensável. (DUBY, 2009, p. 167).

Ademais, de acordo com a análise da sociedade toscana, é perceptível que a família passou a possuir um certo grau de autonomia entre seus membros. O individualismo torna-se visível por meio da autoridade e da delimitação de tarefas entre seus componentes.

> A família, que reúne seus membros para comer e para conversar, dispersa- os para trabalhar. A cada um sua tarefa. O Giannozzo de Alberti, que não omite nada, adverte bem sua mulher do dever de distribuir a todos um serviço que lhes convenha. Na grande burguesia de que falamos, trata-se dos domésticos, mas os membros dos lares humildes procedem entre eles a essa repartição, em especial no campo. (DUBY, 2009, p. 218).





É perceptível também que a tendência individualista se expressará cada vez mais no crescimento da importância da razão em contraposição aos argumentos baseados na autoridade da fé cristã refletida na valorização e busca por experiências que são constantemente condenadas pelo cristianismo. Uma ruptura que existe é, talvez, a da arte genérica medieval, onde era comum que não se assinassem as obras, para um modelo artístico onde a liberdade do autor ganha importância, e com ela a sua individualidade (GOMBRICH, 2013). Dessa maneira, com o advento do humanismo, a racionalidade garante sua autonomia com relação à doutrina cristã.

Ideologia importante para a constituição do pensamento do renascimento, o humanismo foi a base teórica que compôs o espírito desse período.

> A marca que contra distingue o Humanismo foi, portanto, um novo sentido do homem e de seus problemas, novo sentido que encontrou expressões multiformes e por vezes opostas, mas sempre ricas e frequentemente muito originais, e que culminou nas celebrações teóricas da "dignidade do homem "como "ser extraordinário "em relação a toda ordem do mundo. (REALE, 2005, p. 04).

Destaca-se o reconhecimento do homem como um ser histórico e sua valorização como um indivíduo. O indivíduo material, histórico, adquire uma maior relevância e autonomia, em comparação a cedida pela doutrina eclesiástica no período medieval. Neste momento, o histórico não está subordinado ao sagrado. O movimento humanista é uma importante vertente desse período por representar o renascimento de espírito, expandindo, ainda, a influência da renascença para além das artes plásticas.

> Ora, nessa época de formação espiritual considerava-se que as letras, ou seja, a poesia, a retórica, a história e a filosofia desempenhavam um papel essencial. Com efeito, são essas disciplinas que estudam o homem naquilo que ele tem de peculiar, prescindindo de qualquer utilidade pragmática. Por isso, mostram-se particularmente capazes não apenas de nos dar a conhecer a natureza especifica do próprio homem, mas também de fortalecê-la e potencializá-la. (REALE, 2005, p. 05).

Ao falar sobre o renascimento em sua tese de doutorado "A Formação do Homem Moderno Vista Através da Arquitetura", Carlos Brandão procura discutir a arché do movimento renascentista, que foi fortemente influenciada pelo humanismo. Afirma o autor:

> Nela [na arquitetura renascentista], já podemos assistir três características fundamentais que nos ajudarão a encontrar a arché do quattrocento: a utilização do repertório antropomórfico clássico, como capitéis coríntios e arquivoltas concêntricas; uma ênfase acentuada na centralização espacial, e a intensa utilização de relações geométricas construindo o ambiente e articulando os seus elementos. As duas primeiras traduzem um dos objetivos fundamentais do renascimento: enfatizar o homem e o mundo humano. A terceira enaltece a linguagem básica com a qual o arquiteto constrói o edifício: a utilização de relações geométrico-matemáticas e a racionalidade da composição (BRANDÃO, 1999, p. 67).

A arquitetura na renascença recorre, portanto, constantemente em suas edificações ao uso de elementos estéticos de base greco-romana. É visível também nesse momento a utilização da planta baixa centralizada na edificação, que resulta em sua centralização espacial, ao contrário da gótica que possuía configuração longitudinal. A centralização reflete a busca renascentista pela simetria, que era tida pelo homem de sua época como a configuração presente na própria natureza.

> A beleza é uma espécie de harmonia e de acordo entre todas as partes que formam um todo construído segundo um número fixo, uma certa relação, uma certa ordem, como exigido pelo princípio de simetria, que é a lei mais elevada e mais perfeita da natureza. (BRANDÃO, 1999, p. 70).





É típico da beleza renascentista ouso de proporções simétricas. O belo se apresenta nas edificações tanto internamente quanto externamente. Por fora das edificações é notável a configuração na fachada, além da utilização da repetição de padrões plásticos. A simetria, na arquitetura renascentista, constitui-se como uma representação de um índice ordenador que o homem renascentista acreditava reger e definir a natureza. É observado que a arquitetura é concebida a partir de uma base geométrica, responsável por harmonizar seus elementos construtivos e tornar a edificação mais racional. Sobre a questão da racionalidade na arquitetura, o autor afirma:

> Não se trata apenas da expressão da racionalidade e da natureza, mas também da crença num ideal ordenador, que constrói a própria natureza, que submete a um rigoroso çanon e afirma a racionalidade humana, a história humana e a cultura frente a natureza imediata. (BRANDÃO, 1999, p. 71).

De acordo com a visão renascentista, a própria natureza seria submissa a um princípio ordenador racional, que pode ser compreendido pela razão humana. Esse ponto de vista da renascença indica o antropocentrismo da época que acredita submetera natureza ao homem. Segundo o autor, a edificação renascentista é um espaço intelectualizado com um caráter antropomórfico presente, estruturado a partir de uma lógica matemática universal. "Parece surgir um novo conceito de beleza e uma nova arché para o edifício renascentista, expressão de uma nova situação do homem diante do mundo, de Deus e de si mesmo" (BRANDÃO, 1999, p. 68). A renascença transforma o padrão de beleza estético anterior.

2 MÉTODOS

Este artigo cientifico trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, que se fundamentou nas fontes relatadas nas referências. A tese de doutorado "A Formação do Homem Moderno Vista Através da Arquitetura" de Carlos Brandão foi adotada como material principal para o desenvolvimento desta pesquisa, que relata sobre a arquitetura na renascença como uma mímesis da natureza. Outros autores, como, Giulio Argan e Ernst Cassirer, foram de grande importância para a complementação e fundamentação desses estudos.

3 CONCLUSÃO

Os padrões de beleza citados nessa pesquisa, presentes nas obras renascentistas, nada mais são do que uma tentativa de interpretar por meio das edificações as leis matemáticas que regem a ordenação do cosmos espacial. Por meio da simetria, da planta baixa centralizada e da repetição de padrões, o arquiteto buscava imitar a ordenação da própria natureza. O padrão de beleza do renascimento está diretamente ligado à tentativa de mimetizar o cosmos e suas leis. Portanto, o conceito de mímesis quando aplicado a arquitetura renascentista, significa a busca pela imitação dessas leis naturais matemáticas que regem o universo.

Levando em consideração que a arquitetura reflete os aspectos sociais, culturais e religiosos de sua época, as mudanças sofridas por essa sociedade irão influenciar diretamente em suas construções. É perceptível, portanto, que a arquitetura dessa época se trata de uma mímesis da natureza. "A arquitetura do renascimento permanece imitando a natureza, ainda é mímesis architecturale, como diz Payot, e nela o arquiteto tenta tornar legíveis as leis que regem o cosmos." (BRANDÃO, 1999, p. 69). No renascimento, a arquitetura é a expressão do próprio cosmos ordenador natural.





REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos. A Formação do Homem Moderno Vista Através da Arquitetura. Belo Horizonte: Ufmg, 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Mestre Jou, 2007. BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. São Paulo: Perspectiva S.a., 2011.

CASSIRER, Ernst. Indivíduo e Cosmos na filosofia do Renascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001

DUBY, Georges. História da Vida Privada (Vol. 2): da Europa Feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMBRICH, E.H. A História da Arte. trad. br. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: ltc, 2013.

REALE, Giovanni. História da Filosofia. Vol 3. trad. br. Ivo Stomiolo. São Paulo: Paulus, 2005.





ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E COMPORTAMENTOS NAS PRAÇAS DO SHOPPING CENTER IGUATEMI - FORTALEZA (CEARÁ): UMA ANÁLISE DE CONFORTO E PSICOLOGIA AMBIENTAL CONSTRUÍDO

Raquel Fontenelle Ferreira¹ Sainte Honório Araújo² Clarissa Freitas de Andrade³

RESUMO

Este trabalho buscou classificar áreas de três praças de alimentação no Shopping Center Iguatemi de Fortaleza quanto aos seus elementos arquitetônicos e de conforto, através da observação dos comportamentos das pessoas relacionados ao efeito estimulado pelo ambiente. Foi avaliado o conforto dos espaços, a partir das relações de distâncias pessoais e de aferições térmicas, lumínicas e de acústica. A metodologia do estudo uniu a revisão bibliográfica de registros históricos do shopping, a busca de conceitos na literatura da Psicologia Ambiental e de Conforto Ambiental, visitas de campo, observação participante, medições com equipamentos de decibelímetro, e, por fim, aplicação de questionário para quatro usuários de cada uma das três praças a fim de apresentar a percepção e o grau de satisfação com os espaços estudados. O espaço foi analisado, bem como suas relações com as pessoas e, concluiu-se que os espaços influenciam, porém, não determinam os comportamentos das pessoas, bem como os ambientes têm valor simbólico que afetam nas relações com o espaço, e o ambiente físico está envolvido de maneira inseparável por questões sociais, segundo os conceitos estudados na Psicologia Ambiental, e atestados em campo neste trabalho quando foi verificado que as questões físicas não afetavam completamente os usos dos espaços que também puderam ser medidos pelas respostas dos pesquisados tanto em relação às suas percepções e sensações pessoais, quanto às relações sociais, econômicas, de maneira holística.

Palavras-chave: Psicologia ambiental. Conforto ambiental. Distâncias interpessoais. Shoppings. Praças de alimentação.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisou as três praças de alimentação do Shopping Center Iguatemi de Fortaleza - Ceará, construídas em anos diferentes.

O interesse em fazer esta pesquisa surgiu da percepção das pesquisadoras a respeito da diferente estética e da diferente disposição de elementos arquitetônicos em cada praça, bem como às variações de comportamentos existentes em cada um desses três espaços. Além da facilidade e praticidade para as alunas em chegar ao Shopping e do interesse delas em estar lá para realizar outras atividades que esse espaço permite.

Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: raquelfontenelle@

² Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: honoriosainte@ gmail.com

Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS). Arquiteta e Urbanista. Mestra em Psicologia. Professora das disciplinas "Desenho e Perspectiva" (Cursos de Engenharia Civil e Engenharia de Produção), "Perspectiva", "Conforto Ambiental I" e "Conforto Ambiental III" (Curso de Arquitetura e Urbanismo). E-mail: clarissaandrade@gmail.com





O objetivo desse trabalho foi, portanto, entender, primeiramente quais eram os elementos arquitetônicos que formavam cada uma das três praças do Shopping Center Iguatemi através de um diagnóstico de observação. Feita essa análise, o objetivo das pesquisadoras foi observar qual era o comportamento das pessoas em cada uma das três praças, uma vez que a configuração física e o tempo de uso desses três espaços eram diferentes, o estudo investigaria, à luz dos conceitos da Psicologia Ambiental, as relações das pessoas com os ambientes. O terceiro objetivo foi avaliar o ambiente construído, a fim de compreender se havia conforto ambiental.

O estudo procurou analisar as áreas das praças de forma singular. E, a partir daí, foram traçados breves comparativos entre elas.

O intuito da pesquisa foi, portanto, analisar os espaços arquitetônicos, identificando seus elementos percebidos com suas respectivas funções, a partir das interrelações entre pessoas e ambiente que se estuda na Psicologia Ambiental.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O local que foi analisado neste trabalho foi o Shopping Center Iguatemi, inaugurado em 1982 na cidade de Fortaleza, Ceará. Desde sua criação, houve a inauguração de três praças de alimentação divididas em áreas delimitadas no Shopping, além dos quiosques criados para fins alimentícios, delimitados por barreiras no interior desse complexo.

Para classificar os ambientes das praças vistos no Shopping, foram apresentados elementos retratados por BARROS, PINA, KOWALTOWSKI, FUNARI, ALVES, TEXIEIRA e COSTA (2005) no artigo "Conforto e Psicologia Ambiental: A questão do espaço pessoal no projeto arquitetônico".

O artigo buscou, através dos conceitos da Psicologia Ambiental (PA) estudar as interrelações entre as pessoas e os espaços, bem como o conforto que é a satisfação no ambiente que o ser humano tem. A PA analisa como o comportamento das pessoas afeta nos ambientes e como os ambientes afetam no comportamento das pessoas.

Nos estudos da PA existem pressupostos que foram criados na década de 70 e que avaliam essas interrelações. Seguem esses pressupostos a seguir:

- 1 -"O ambiente é experienciado como um campo unitário";
- 2- "A pessoa tem qualidades ambientais tanto quanto características psicólogicas individuais";
- 3- "Não há ambiente físico que não esteja envolvido por um sistema social e inseparavelmente relacionado a ele»;
- 4- "O grau de influência do ambiente físico no comportamento varia de acordo com o comportamento em questão";
- 5- "O ambiente frequentemente opera abaixo do nível de consciência";
- 6- "O ambiente observado não é necessariamente o ambiente real";
- 7- "O ambiente é organizado como um conjunto de imagens mentais";
- 8- "O ambiente tem valor simbólico".

Recentemente, Rivlin (2003) confirmou esses pressupostos escritos por ela, Proshansky e Ittelson (1974) e sugeriu o acréscimo de mais três novos pressupostos que tratam dos ambientes de trabalho, da habitação e do lazer relacionados às novas tecnologias; da importância de haver





um cuidado com os aspectos éticos e ambientais na pesquisa; e com a natureza holística da experiência ambiental que leva em consideração aspectos sociais, econômicos, simbólicos etc.

3 MÉTODOS

Ametodologia tem como objeto de estudo o espaço das praças de alimentação do shopping Iguatemi. Nesse estudo, segue-se por quatro vertentes as quais direcionam o desenvolvimento do escopo textual do espaço presente. As quatros vertentes são: registros históricos, leituras de periódico acerca de conhecimento da literatura da Psicologia e do Conforto Ambiental, visitas ao campo de pesquisa providas de equipamentos de medição, e caderno de anotações para a observação do espaço pelas alunas.

Primeiramente, com os registros históricos, mostrou-se como e quando o espaço foi projetado; como segundo aspecto foram feitas leituras de artigos e livros que envolvem os assuntos de Psicologia Ambiental para analisar o espaço; o terceiro instrumento de pesquisa foram as visitas de campo para conseguir observações e aferições do local quanto à acústica, finalmente foi feita aplicação de questionário (ver apêndice A) que levava em consideração as relações de apego ou desprezo pelos espaços, de acordo com as vivências individuais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O shopping Iguatemi foi construído na década 1980, quando já tinha começado a expansão para zona leste de Fortaleza em 1970. Antes disso, eram apenas terras que abrigavam as atividades salineiras. Devido ao declínio das salineiras, a família dona das terras teve que vender grande parte para o grupo Jereissati (Figura 1).



Figura 1: Salina Diogo Fonte: Fortaleza em Fotos.

Após a edificação ser entregue, o número de habitantes no local havia aumentado, pois boa parte do comércio passou a migrar para o shopping e expandido a cidade de forma horizontal, tornando-o, naquela época, um polo de serviço, comércio e lazer, segundo Garcia, e outra consequência foi como o shopping regenerou a paisagem ambiental do parque do Cocó, que além do mais só foi em criado em 1989, pois a edificação não apresentava ainda uma estação de tratamento, então seu esgoto era lançado no rio Cocó. (Figura 2).







Figura 2: Iguatemi, construído em 1982 Fonte: Fortaleza em Fotos

O Shopping Center Iguatemi, presente no bairro do Edson Queiroz há 35 anos (ano de sua data inaugural foi em 1982), é uma referência com significado importante para Fortaleza, Ceará. Pois, a partir da sua criação houve a expansão do setor de compras, que antes era somente realizado pelo Centro e o bairro Aldeota.

Atualmente, a edificação apresenta mais de 245.778,90 mil metros quadrados de área construída, concentrando 430 lojas e suas praças de alimentação tendo, de forma generalizada, um pé direito de 27 metros. Da qual, em sua recente expansão o projeto arquitetônico contou com o escritório americano (LA GUARDA LOW, 2017).

As praças de alimentação do shopping Iguatemi foram construídas à medida em que o shopping se expandia, portanto, ao longo do tempo, o resultado foram praças cada vez mais espaçosas que surgiram. Para uma melhor compreensão, neste trabalho, as praças serão referenciadas de acordo com o ano em que foram construídas, ou seja, a primeira praça de alimentação foi feita no ano de 1994, a seguinte em 2004, e a última em 2014. Dessa forma, cada praça possui suas características que variam de acordo com um estilo e conforto a sua época.

A primeira praça de alimentação (1994) tem como características um pé-direito alto, medindo-se do teto ao chão, apresentando uma inclinação para entrada de luz (iluminação zenital). A iluminação natural é uma forte característica presente nesse espaço. Devido à inclinação do telhado e ao excesso de luz, a sua estrutura é exposta, ou seja, não há um elemento de forração.

A ausência de um forramento no teto ocasiona além de uma sensação térmica quente nesse ambiente, altos ruídos no espaço que foram observados e medidos em campo pelas pesquisadoras.

Ao avaliar as características físicas do local, dentro dos conceitos notados por Barros et al (2005), e observados pelas autoras deste trabalho, a praça de 1994 apresenta grande amplidão, mobiliário e equipamento diversificado, desníveis no teto e iluminação que afetam o comportamento do lugar e que foram registrados em fotos. Assim como citado na descrição da praça, percebemos que existe uma sensação de amplidão ocasionada pelo alto pé direito e pela claridade da iluminação natural, segundo Barros, "iluminação abundante, cor clara dos materiais de acabamento, pé direito alto ou até inexistência de cobertura e/ou fechamentos laterais conduzem à sensação de amplidão" (2005, p.137).

Em relação à organização dos mobiliários e equipamentos, foi identificado um espaço semi-





fixo, pois Barros afirma que "(...) possibilita a adaptabilidade do ambiente, permitindo o ajuste das distâncias interpessoais. " (2005, p.137), de forma que essa configuração também afeta a percepção humana (Figura 03).



Figura 03: Iluminação zenital e mobiliários fixos e semifixos Fonte: Autoral

Percebeu-se, então, que havia mobiliários fixos e semifixos. Ou seja, o mobiliário é "flexível, adaptável por meio de rodízios, e equipamentos de tecnologia sem fio (wireless), permitem diversos arranjos de acordo com as atividades a serem desenvolvidas, contribuindo para a adaptabilidade do ambiente. " (BARROS, 2005, p. 138), entre os mobiliários fixos e semifixos, entende-se que os fixos são aqueles lugares que não se pode modificar a posição, como os bancos estendidos; e os semifixos que são aqueles que proporcionam modificação, que são as cadeiras e mesas (Figura 04).



Figura 04: Mobiliários fixos e semifixos

Fonte: Autoral

O desnível de teto também foi identificado no local, que, segundo Barros, "os desníveis têm papel na diferenciação do espaço." (2005, p.140), nesse caso, há uma diferenciação do restante do shopping para a praça.





A segunda praça de alimentação do shopping (2004), possui um pé-direito alto, que garante uma maior sensação de amplidão, referente ao material de acabamento de cor clara e à altura do pé direito (BARROS et al, 2005); as pesquisadoras observaram que a praça parece mais alta nos turnos da manhã e tarde, devido à iluminação zenital (transparência na coberta e nas laterais) da parte central do átrio encontrado na claraboia de película azul, permitindo a percepção dessa maior claridade, da entrada da luz solar (Figuras 05 e 06), ao contrário do período da noite, onde ela aparece menos em evidência, por estar apenas com as luzes artificiais ligadas, e por isso, tem aparência de menor amplidão ou de teto mais baixo.



Figuras 05 e 06: Abertura zenital central da coberta e iluminação lateral Fonte: Autoral

Foi observada também a presença de nichos, que, segundo Barros, "são configurados por mobiliário e/ou estruturas físicas (como paredes e materiais de acabamento). " (2005, pág. 138). Esses nichos encontrados eram formados por estruturas de madeira que delimitavam espaços (Figura 07), ou por pilares da própria estrutura do shopping que provocavam aconchego aos usuários que buscavam um ponto de apoio, ou, também, por outros elementos dispostos na praça, como banquetas e pergolados de madeira, formando esses ambientes de nichos.



Figura 07: Estruturas de madeira Fonte: Autoral

Nessa pesquisa foram identificadas barreiras visuais, que, segundo Barros, "isolam os ambientes e seus usuários visual e/ou acusticamente. Podem ser dos mais diversos materiais, alturas e configurações, incluindo sociopetal a sociofugal." (2005, pág. 139). No caso da praça observada, as barreiras visuais eram compostas por "cercas" de madeira, que separam as mesas do caminho





pelo qual as pessoas têm acesso aos diversos restaurantes dispostos ao redor.

Nesta praça também foi observado uma notável diferença de nível, vencida por dois degraus do nível superior, onde ficam os restaurantes, ao nível mais baixo, onde se localizam as mesas para o consumo das refeições. Essa praça, como a anterior, também não possui forração e é extremamente barulhenta; porém, já é mais ventilada graças ao sistema de ventilação mais atualizado.

A última praça a ser observada (2014), possui todas as características supracitadas: o pé-direito alto, com presença de iluminação zenital central e lateral, com sancas de iluminação; a presença de nichos, compostos pelo posicionamento das mesas próximas a pilares, o grande banco central (Figura 07) e pelas barreiras de madeira (Figura 08); barreiras visuais de madeira, que tanto compõem a circulação do ambiente, quanto geram nichos e servem de barreira visual (Figura 08); desnível no chão, vencido tanto por degraus quanto por rampa (Figura 09).



Figura 08: Banco central

Fonte: Autoral



Figura 08: Barreiras de madeira

Fonte: Autoral







Figura 09: Desnível no chão, vencido pela rampa Fonte: Autoral

Nas praças mais novas, viu-se de forma mais evidente, pela diferença de níveis existente, a presença de rampa, os relevos no chão para os portadores de deficiências visuais, as mudanças de revestimento dos pisos – a área de circulação da praça possui um piso; a área do banco central possui outro, mais amadeirado, e o piso que leva ao banheiro é mais áspero. As pesquisadoras identificaram nessas atribuições uma preocupação mais notável com o desenho universal e uso de materiais mais modernos de iluminação e revestimentos desde a construção de inauguração.

Além disso, a praça de 2014 conta também com forração acústica (Figura 10), o que a torna uma praça relativamente silenciosa, onde pode-se ouvir somente o ruído das conversas das pessoas e não o ruído amplificado de outras atividades. A praça mais nova também conta com um melhor sistema de resfriamento do ar, o que, teoricamente, tornaria a praça mais confortável de se permanecer.



Figura 10: Forração acústica

Fonte: Autoral





Com base nos conceitos que a Psicologia Ambiental estuda sobre interrelações pessoa-ambiente, viu-se no Shopping Iguatemi, a valorização de práticas que contribuem com o meio ambiente. Essa prática é, portanto, bem vista pelas pessoas, uma vez que o meio ambiente bem cuidado pelas pessoas irá cuidar também bem de todos, como em uma relação recíproca.

Foi identificada também, notoriamente, após a classificação do espaço quanto aos elementos de nichos, mobiliários, desníveis, amplidão, a aplicação do espaço pessoal do projeto arquitetônico.

Os nichos que foram citados (Figura 07) apresentam as caraterísticas dentro do projeto de permitir interações humanas, e também, em alguns casos, como o grande banco central (Figura 08), a divisão dos assentos é definida como territórios pelos próprios consumidores que criam seus nichos ou protegem seus espaços pessoais, para não serem invadidos pelos vizinhos, garantindo, assim, o "seu espaço" que, segundo Hall, com o conceito de proxemia que discute sobre as distâncias entre pessoas, existe uma distância técnica, em centímetros, que definem quão próximas as pessoas se relacionam de acordo com seu nível de intimidade.

Na praça de alimentação, foram observados três tipos de distâncias: pessoal (de 45 a 75cm), próxima (75 a 1,20m) e social (1,20 a 3,10m). A pública (a partir de 3,10m) acontece em situações em que as pessoas evitam se aproximar muito de figuras famosas ou de um status social mais elevado. A distância pessoal pode ser vista no grande banco central (Figura 07) em que as pessoas se sentam mais afastadas; a distância íntima pode ser vista em cada mesa; a relação na distância social fica evidenciada nos corredores que dividem o espaço de passagem com o espaço de descanso (HALL, 2005).

Além de todos os elementos observados nos projetos arquitetônicos de cada uma das três praças, é perceptível a presença da psicologia ambiental no local, que, como afirma Cavalcante, estuda a relação recíproca entre o comportamento humano e o espaço (...)" (2011), ou seja, a forma como o ambiente está apresentado influencia nas pessoas, bem como as pessoas influenciam nas configurações dos ambientes.

O Iguatemi pratica atividades que contribuem com o meio ambiente, essa preocupação ambiental aparece como um compromisso de responsabilidade compensatória por sua edificação está concentrada em área ambiental apresentadas em prática que consiste em duas atividades, estação de tratamento de esgoto onde a água é reaproveitada 100% nos jardins e refrigeração do ar, e o lixo, que são mais de 45 toneladas, que vai para estação de pré-reciclagem dando um fim ecológico (informação retirada do site do Shopping, 2017). A partir dessas atividades, é possível ver a responsabilidade ambiental nesse aspecto, evidenciada no conceito de affordance que "no contexto ambiental (...) pode ser visto como 'a qualidade de um estimulo ou objeto que define sua utilidade para um organismo" (CAVALCANTE, 2011, p.23), ou seja, o Shopping com suas atitudes compensatórias de cuidado ambiental, tenta incentivar as pessoas a terem um maior cuidado ambiental.

Pois, segundo outro conceito visto na Psicologia Ambiental, o comportamento ambiental: "é a ação humana que visa contribuir para proteger o meio ambiente ou para minimizar o impacto ambiental de outras atividades". (CAVALCANTE, 2005, p.122).

A fim de realizar a avaliação de pós-ocupação, foi elaborado um questionário simples (ver apêndice), que abordava questões gerais sobre a percepção nas praças de alimentação, tais como quantidade de ruído, iluminação, presença ou não de nichos, temperatura, altura do pé-direito e se o mobiliário era ou não confortável.





Foram aplicados 12 questionários, sendo quatro (4) participantes em cada uma das praças de alimentação.

No geral, os entrevistados corresponderam às observações feitas pelas alunas na pesquisa prévia, como em relação ao pé-direito das praças, por exemplo, a praça do cinema, de 2004, ser a mais alta. Foram observados outros detalhes, como um grupo de entrevistados na praça de 1994, que mencionou a falta de exaustor da praça de 2014, o que acabava ocasionando uma "neblina" pelas fumaças dos restaurantes, bem como um cheiro que ficava pregado na roupa.

Para validar a pesquisa, foi utilizado um decibelímetro nas três praças, a fim de analisar a quantidade de ruído em cada uma, e se era de acordo com as observações e as respostas dos questionários. As medidas foram realizadas às 17h e depois às 19h de um sábado (27/05/2017), buscando os horários de picos para uma melhor aferição.

Na praça de 1994, as medidas variaram de 67 a 75dB, feita uma média dos turnos da tarde e da noite, e os usuários entrevistados nessa praça afirmaram que a praça era tranquila e que os níveis de ruído não chegavam a incomodar, mas que em certos horários o ruído aumentava bastante.

A praça de 2004 foi considerada a mais ruidosa, com níveis de 70 a 80dB, o mesmo processo de média efetuada na praça anterior, e os usuários entrevistados afirmaram que era uma das mais ruidosas, inclusive no dia da pesquisa estava tocando música e podia-se ouvir música do andar inferior, onde fica um parquinho para entretenimento infantil, e onde também havia sido colocado um arvorismo temporário.

A praça percebida como a mais silenciosa, a de 2014, nos horários de medida, mostrou valores de 67 a 78dB, ou seja, seguiu o mesmo processo de média efetuada nas outras duas praças, e a maioria dos entrevistados afirmou que, a praça era tranquila e silenciosa, menos quando havia eventos num espaço próximo, eventos esses como o desfile infantil que estava ocorrendo no dia da primeira pesquisa.

Após uma nova visita no local de pesquisa foi verificado que a praça de alimentação de 1994, teve uma atualização no mobiliário. Confirmando, assim, a teoria feita pelas pesquisadoras, que de acordo com modernização do shopping as praças iriam se atualizando. Pôde-se perceber, assim, que existe uma avaliação constante dos materiais, configurações e necessidades dos usuários atendidos pela organização dos Shoppings, que são itens fundamentais de avaliação pós-ocupação que monitora as necessidades daqueles que usam espaços construídos.



Imagem 12: Comparativo da praça de alimentação com mobiliário atualizado

As praças de alimentação analisadas mostraram crescente melhoria e adaptação ao longo dos anos, como a situação acompanhada entre uma visita e outra da equipe desse trabalho (subs-





tituição das mesas e cadeiras metálicas da praça de 2004 por mesas e cadeiras de madeira, mais bonitas e confortáveis do que as anteriores), que presenciou uma atualização no mobiliário de uma das três praças. Viu-se, dessa forma, que há um acompanhamento das necessidades dos usuários dos Shoppings que é observado.

5 CONCLUSÃO

Nesse trabalho, percebeu-se que nas três praças de alimentação foi possível observar que existem mudanças que foram atribuídas com o passar do tempo, que acompanham às necessidades dos clientes. Na expansão mais recente do shopping, em 2014, foi possível observar diversas melhorias, principalmente em relação à acústica e ao resfriamento da praça de alimentação, o que contribui para o conforto dos usuários, que, por se sentirem bem naquele ambiente, podem tornar-se apegados a ele.

No entanto, a pesquisa verificou também que, apesar de mais nova, mais acessível e mais confortável, tanto pelo aspecto acústico quanto de climatização, as pessoas não frequentam tanto a praça de alimentação de 2014. Possivelmente por sua localização, considerada longe das lojas mais visitadas, e também por estar próxima às lojas consideradas de maior nível aquisitivo.

Essa consideração acaba por selecionar os clientes de cada praça. Isso acaba gerando a sensação de não identificação com o lugar, o que pode contribuir com a não permanência e um futuro desprezo pelo lugar. Ao contrário do que se percebe nas outras praças que possuem valor simbólico e isso também é um fator que atrai as pessoas na experiência dos lugares. Então, apesar de, segundo a análise, as praças mais antigas serem consideradas mais quentes e mais barulhentas, viu-se nesse trabalho, que os clientes acabam por frequentá-las mais pela sua proximidade com os espaços de seus interesses. Por exemplo, a de proximidade com os cinemas ou com lojas de departamento.

Conclui-se, portanto, que, segundo, os pressupostos da Psicologia Ambiental "não há ambiente físico que não esteja envolvido por um sistema social e inseparavelmente relacionado a ele"; o ambiente observado não é necessariamente o ambiente real" e "o ambiente tem valor simbóli" co", além do novo pressuposto que reforça a necessidade de uma avaliação de natureza holística da experiência ambiental" (RIVLIN, 2003).

REFERÊNCIAS

La Guarda Low, Carpinteria e Moretti Interholz: Cobertura do Shopping Iguatemi, Fortaleza. Arco web. Acessado em 16 de abril de 2017. Disponível em: < https://arcoweb.com.br/noticias/arquitetura/guarda-low-carpinteria-moretti-interholz-cobertura-shopping-iguatemi-fortaleza >

BARROS, Raquel R.M. Paula; PINA, Silvia Mikami; KOWALTOWSKI, Doris C.C.K; FUNARI, Teresa B.; ALVES, Silvana; TEIXEIRA, Carla; COSTA, Angelina. Conforto e psicologia ambiental: A questão do espaço pessoal no projeto arquitetônico. Maceió. 2005.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs.). Temas básicos em psicologia ambiental. Petrópolis: Vozes, 2011.

Fortaleza em fotos. Capitalismo de Fé: As capelas dos shoppings centers. Acessado em 16 de abril de 2017. Disponível em: < http://www.fortalezaemfotos.com.br/2015/05/capitalismo-de-fe-as-capelas-dos.html > Fortaleza em Fotos. Da Salina Diogo ao Parque do Cocó. Acessado em 16 de abril de 2017. Disponível em: < http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/02/da-salina-diogo-ao-parque-do-coco.html >





HALL, Edward T. A dimensão oculta. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Iguatemi. Infraestrutura. Acessado em 15 de abril de 2017. Disponível em: < http://www.iguatemifortaleza.com.br/infraestrutura >

Iguatemi. Responsabilidade socioambiental. Acessado em 15 de abril de 2017. Disponível em: < http://www.iguatemifortaleza.com.br/responsabilidade-socioambiental

Iguatemi. Sobre o Iguatemi. Acessado em 15 de abril de 2017. Disponível em:

RIVLIN, 2003 "Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as interrelações pessoa-ambiente". Estudos de Psicologia.



APÊNDICE A

Nome: Faixa Eféria: Ocupação:		
Qual é a sensação sentida na praça de alimentação do CandyPlay(1994), em relação à 01. Ruído:	Qual é a sensação sentida na praça de alimentação do telhado azul(2004), em relação à 01. Ruido:	Qual é a sensação sentida na nova praça de alimentação do shopping Iguatemi (2014), em relação ó 01. Ruído:
Muito Barulhenta Tranquila Pouca Barulhenta Silenciosa	Multo Baruthenta Tranquila Pouca Baruthenta Silenciosa	Muito Barulhenta Tranquila Pouca Barulhenta Silenciosa
02. Climatização: Muito Quedite Quedinite Agradowell	02. Climatização: Multo Quente Quentis Agradióvel	02 Climatização: Multo Quente Quente Agradávei
03. Iluminação: Otrocomie Iluminação	Officering (Control of Control of	Official Institution of the control
04. Amplikiĝo (Alluna die Tetis): Mulio Allio Medicino	04. Amplidião (Altuna do Teto): Muiro Alto Alto Mediano	D4. Ampliditio (Alitura dio Teto): Multito Alto Macticino
	©. Disposição/Qualidade de Mebiliánie: □ Muito descrgomizado/Ruim □ Descrgamizado/Regular	05. Diepesiçãe/Qualidade de Mobilitérie: □ Mulho desorganizado/Rulm □ Desorganizado/Regular









O PAPEL DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS NA PRODUÇÃO DE UM **DESENVOLVIMENTO URBANO MAIS INCLUSIVO:** O CASO DA PRAIA DO FUTURO.

Larissa Ramos Lima, autora¹ Germana Pinheiro Câmara, orientadora²

RESUMO

O presente artigo pretende abordar o papel dos espaços livres e públicos na produção de um desenvolvimento urbano mais inclusivo tendo o Bairro da Praia do Futuro como elemento de análise. A pesquisa é realizada a partir dos conceitos desenvolvidos por Raquel Rolnik (2000), Jane Jacob (2000), Ermínia Maricato (2000) e Susan Fainstein (2010), de forma a orientar a importância do espaço público na cidade, assim como seu potencial direcionador de um planejamento urbano mais inclusivo. Além disso, também é visado o estudo e o mapeamento destes espaços no bairro, trazendo o espaço livre e público como principal condutor do processo de urbanização. Esse processo vem acompanhado de etapas que envolvam de forma pontual o uso e ocupação do solo, atentando para a questão da justiça social.

Palavras-chave: Espaço público. Espaço livre. Democracia. Justiça Social. Urbanismo. Orla. Praia do Futuro.

1 INTRODUÇÃO

O espaço livre e público assume papel fundamental na composição da cidade, possuindo um potencial direcionador de um planejamento urbano mais inclusivo por seu caráter irrestrito e público. O espaço público engloba todas as áreas de calçadas, praças, parques, jardins, ruas e avenidas, sendo muitas vezes o primeiro meio de se perceber o lugar.

De acordo com ALOMÁ (2013), os espaços públicos se tornam lugares de especial importância no cenário da recuperação urbana por serem elementos dinamizadores, pois quando renovados são automaticamente "externalidades positivas", isto é, uniões que atraem pessoas e recursos. Sua reconquista supõe enfrentar uma vasta gama de conflitos, cuja solução constitui um dos principais desafios para o desenvolvimento urbano.

O enfoque da pesquisa realizada é o bairro da Praia do Futuro, que oficialmente está dividido em dois: Praia do Futuro I e Praia do Futuro II e é embasada conceitualmente, dentre outros autores, no trabalho da arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, que discorre sobre o poder de humanização que o lazer permite na cidade e de como a sociedade contemporânea dos centros urbanos vem privatizando esse lazer. Foi tomado como base também, o trabalho da urbanista Susan Fainstein, que apresenta a democracia, a equidade e a diversidade como principais objetivos para uma boa utilização do espaço público e do convívio social na construção de uma cidade justa.

É relevante investigar e discutir a produção do espaço urbano de Fortaleza, especialmente na orla da cidade, que durante muitas décadas não foi prioridade no planejamento urbano, buscando entender como se dá a interação dos moradores e usuários com o bairro. Isso se faz necessário pois é um espaço da cidade com grande potencial para um desenvolvimento urbano mais inclusivo.

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, larissa.ramoslima@gmail.com 1

Mestre em Urbanismo, prof.germanacamara@gmail.com





02. OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o papel dos espaços livres e públicos nos bairros da Praia do Futuro I e II, buscando entender a interação dos moradores com estas áreas e delinear uma proposta de inclusão urbana a partir da estruturação de um sistema de espaços livres públicos.

Apresenta como Objetivos específicos:

- Compreender a importância do espaço livre desenvolvimento urbano;
- Leitura morfológica e social do espaço urbano;
- Compreender a percepção do espaço pelos usuários;
- Identificar áreas potenciais para espaços livres;
- Mapear a leitura do espaço urbano da área de estudo;
- Delinear uma proposta para espaços livres e públicos.

03. METODOLOGIA

A primeira etapa realizada foi a revisão de literatura relevante sobre os temas tratados na pesquisa: sobre os bairros que compõem da Praia do Futuro, espaços públicos, justiça social, planejamento urbano e a legislação referente ao uso e a ocupação do solo. A segunda etapa realizada foi de interpretação do espaço, com a realização de visitas ao local e aplicação de questionários com os moradores, de modo a perceber como os moradores interpretam o espaço e como complementação aos dados levantados anteriormente.





Figura 1 – Oficina com crianças da comunidade Luxou. Fonte: Autoral

A terceira etapa propõe o mapeamento do local, para isso, foram utilizados os softwares Google Earth e QGIS. A quarta e última etapa procura identificar áreas potenciais que possam servir como eixos de desenvolvimento urbano inclusivo.

04. CONCEITUAÇÃO

A compreensão do espaço pelo homem pode ser estudada de diversas formas, partindo-se da percepção que o observador tem do meio. Santos (1996) relata o espaço como um local formado a partir da "união de sistemas de ação e objetos vistos de uma perspectiva simultânea". Dentro deste grande sistema e para uma maior facilidade de compreensão, podemos perceber uma subdivisão da cidade, onde se é categorizado o espaço edificado e o espaço livre de edificação. (HIJIOKA, 2007, p. 117)





"Os espaços livres de edificação podem ser divididos em diferentes tipos tais como: as ruas, os quintais, os pátios, as calçadas os terrenos, os parques e as praças, além de outros tantos por onde as pessoas fluem no seu dia-a-dia" (HIJIOKA, Akemi et al, 2007)

De acordo com Magnoli (1982), a ausência de uma edificação construída é o principal fator que diferencia os mesmos. Podemos compreender também que o sentido dá expressão "espaço livre" embora sempre associado a áreas verdes estejam totalmente desvinculado do que se referem à arborização, jardins e etc. Uma área livre também pode se compreender por um espaço árido (HIJIKOA, et al, 2007)

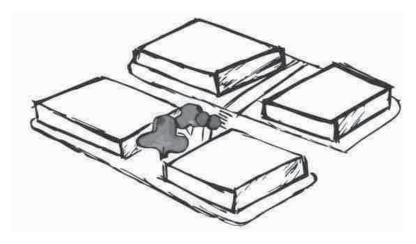


Figura 2 – Croqui espaço livre X área verde.

Fonte: Autoral

Neste contexto, ao observarmos a cidade também podemos identificar outros tipos de espaços, denominados de espaços públicos. De acordo com ARENDT (2005) "Tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível.". A autora também conclui que o espaço público tem uma das principais tarefas dentro da cidade que é ser palco das ações da vida pública, essa ação é denominada de "esfera pública" que se caracteriza por reunir diversas pessoas com divergências políticas e culturais.

De acordo com HIJIOKA (2007), a caracterização deste espaço, se firma em três aspectos: questão fundiária, apropriação e acessibilidade. A questão fundiária que garante, segundo o código civil, que o espaço público será utilizado para seu específico fim; a apropriação, que está diretamente atrelado a esfera pública e garante que o local será habitado pelas pessoas, e a acessibilidade que garante que qualquer cidadão usufrua do espaço independente de dificuldades físicas, etnia, cultura, etc.

Podemos perceber que existe uma divergência neste novo sentido estabelecido para esse espaço público da cidade, bem como se tomarmos como exemplo, as ágoras, na Grécia antiga, que foram as primeiras expressões de espaço público na sociedade e tinham como objetivo estabelecer uma relação entre pessoas de diferentes comunidades, agregando ao espaço um caráter até mesmo político revolucional.

De acordo com Rolnik (2000), fala que a cidade moderna está cada vez mais privatizada, fazendo com que o homem conceda ao espaço privado três, das quatro principais funções atribuídas a cidade. Onde o lazer, o morar e o trabalho ficam confinados em espaços fechados, sobrando apenas a circulação como uso para as demais áreas públicas.







Figura 3 – Reprodução do espaço público, a praia, dentro do espaço privado, shopping. Fonte: Jornal de olho na ilha, Florianopolis

O princípio do espaço público é estabelecer lugares de encontros e relações entre aqueles que vivenciam a cidade. Espaços que são de uso comum passam a ter papel determinante, pois são neles que irão ocorrer os diversos tipos de atividades que envolvem a coletividade na cidade, o convívio, as trocas culturais entre etnias e grupos sociais. Nestes espaços, os direitos de ir e vir são garantidos a todos, sem qualquer tipo de diferenciação, exceto quando há interferência de alguma autoridade pública restringindo este acesso visando um bem comum, a segurança e convivência de todos.

Este importante mecanismo de socialização da população, com o decorrer da urbanização, assumiu um caráter urbano pouco aceito pelo cidadão. Visto que em suma grande parte da população atrela o lazer ao consumo, desvinculando-o de qualquer tipo de atividade considerada "simples", ou seja, sem nenhum tipo de valor monetário. (ROLNIK, 2000)

Vivemos em um meio urbano onde cresce o numero de espaços fechados, climatizados que proporcionam lazer a uma parcela privilegiada da população, escondendo assim o caos urbano, a violência, a marginalidade das vias urbanas e etc. De acordo com Raquel Rolnik (2000) nos deparamos com uma cidade que não estimula a possibilidade do uso do espaço público e eleva a privatização da vida social o que nos leva a uma desorganização urbana.

O primeiro grupo da população a ser modificado com essa mudança, e o avanço da tecnologia atrelado ao consumo, são as crianças, que encontraram formas de se divertir especificamente virtuais, em computadores, vídeo games e tablets, subistituindo os jogos que eram conhecidos e praticados, como: amarelinha, pular corda, corrida, etc; atividades estas que estão sendo deixadas de lado pelo mundo virtual. Isso implica diretamente na formação moral e social da população, que cresce já despreparada e sem saber lidar com frustrações de uma derrota, não aprendem como se comportar socialmente e não desenvolvem formas sadias de lidar com a competitividade. (PAIVA, 2015)

Partindo desta ótica, percebemos que o espaço privado se torna o principal atrativo para o lazer, onde o espaço público contemporâneo não atua como o ambiente de encontro de diversidades, reduzido pela população a um espaço de operações cenográficas, espaço que descaracteriza e retira a função de relacionar, interagir e agir visando a transformação da comunidade que ele está inserido. (SEGRE, 2005)

Retirando dos espaços livres públicos a democracia a equidade e a diversidade, citada por FAINSTEIN (2010), que argumenta sobre a justiça social e especifica sua realização possível quando





existe uma distribuição igualitária de recursos entre os diversos grupos sociais da cidade, visando também à proteção dos espaços livres da cidade, para garantir que novos usos indesejáveis não se expandam naquela região e garantam os direitos da cidade justa.

Neste, FAINSTEIN (2010), nos apresenta a democracia, equidade e diversidade como objetivos de difícil combinação na sociedade contemporânea, encontrando principalmente na diversidade o principal desafio nos espaços públicos. Sobre os espaços privados, a urbanista pontua que se houvesse uma maior permeabilidade nas cidades, através de mudanças de zoneamento, bairros mais urbanizados, entre outros, a população ficaria mais a vontade em conviver com pessoas diferentes de si mesma.

JACOBS (2000), pontua que as pessoas desejam a diversidade, e que essa pluralidade de culturas e ideologias, são fatores que fazem cidade viva e que a falta desse elemento faz com que haja a "morte" dos espaços públicos. Atentando nosso olhar para o atual comportamento dos habitantes das cidades urbanas, que anulam a vitalidade do espaço livre público, com a privacidade em bairros de baixa densidade e casas totalmente privatizadas.

05. A PRAIA DO FUTURO

Fortaleza iniciou em 1850, no período da cultura do algodão, seu processo de expansão urbana com construção do porto na Praia de Iracema. Essa época marca o início da urbanização da cidade, pois foi a partir daí que foram investidos equipamentos de infraestrutura urbana e a capital começa a ser caracterizada por "Capital do Sertão". O porto tem papel fundamental na influência dos costumes da população, pois na faixa litorânea se estabelecia um grande fluxo de mercadorias e pessoas; no entanto essa área da cidade, até meados do século XX, era destinada a esgotos a céu aberto, pois a cidade crescia no centro, de costas para o mar. Somente após o contato com os europeus, na década de 50, foi que os brasileiros passaram a considerar a orla marítima um espaço de salubridade, lazer e saúde. (PONTE, 1993)

Esse novo comportamento, que valoriza o uso do mar, fez com que houvesse mudanças, começando na Praia de Iracema e seguindo para a Praia do Meireles, praia do Mucuripe, até chegar à Praia do Futuro. Segundo Paiva (2014), foi a partir do século XX que se deu a ocupação por parte da população mais pobre na faixa de praia da cidade, esta população, formada por pescadores e migrantes do sertão, construíam pequenas vilas e pequenos aglomerados ao longo da faixa litorânea de Fortaleza, que anteriormente possuía características predominantemente comerciais, principalmente pela presença de galpões, armazéns e o porto. Essa realidade começou a mudar, segundo Paiva (2014), a partir do momento em que a Praia de Iracema foi sendo apropriada pelas classes mais privilegiadas, facilitando o inicio de um processo de gentrificação na área que permitiu gradativamente a expulsão dos antigos ocupantes.

A partir da década de 1930, as aglomerações faveladas aumentam, surgindo favelas ao longo das malhas ferroviárias e nas dunas do porto. A arquiteta Mirtes Freitas, em seu estudo sobre clubes da cidade de Fortaleza na década de 1950 a 1970, pontua que outro fator que impulsionou essa mudança na orla da cidade, foram a instalação dos clubes aumentando a soberania e a apropriação dessas zonas. Essa valorização foi marcada no ano de 1963 com a construção da Avenida Beira mar, prevista no Plano diretor de 1962. (PAIVA, 2014)

Em 1970, valorização do litoral era tamanha, que além das práticas de turismo intensas, veranistas começaram a construir casas para a utilização de moradias secundárias, visto que a cidade tinha uma grande característica de vilegiatura, ou seja, local de temporada para descanso, banho, viagem. Assim, a capital que era chamada de "Capital do Sertão", passa a ser reconhecida como





"Cidade do Sol" ou "Terra da Luz". Com essa importante fase de urbanização, em 1987, começou o chamado "Governo de Mudanças", quando o governador Tasso Jereissati desenvolveu importantes diretrizes e programas voltados ao turismo, dentre eles, a construção do aeroporto internacional Pinto Martins. Além disso, juntamente com parcerias de empresas privadas, instalaram infraestrutura nas principais áreas regionais. (DANTAS, 2003).

Na zona Leste da cidade de Fortaleza, encontra-se a Praia do Futuro, que teve seus terrenos valorizados com a construção do porto, em 1940. A

Praia do Futuro é dividida entre Praia do Futuro I e Praia do Futuro II, limita-se ao norte pela Rua Renato Braga, ao sul pela foz do rio Cocó, a oeste com a Rua Trajano de Medeiros e ao leste pelo Oceano Atlântico. A urbanização dessa parte do litoral ocorreu lentamente e até hoje não se consolidou. Uma das principais alterações realizadas na orla foi o alargamento do calçadão e da Avenida Zezé Diogo (PAIVA, 2014). É uma área que possui usos bem diversificados: residências unifamiliares e multifamiliares da classe média, favelas e ocupações irregulares, mansões, pequenos estabelecimentos, grandes restaurantes, barracas de praia, hotéis, dentre outros.

A ocupação da Praia do Futuro se deu principalmente entre 1960 e 1995, seguindo a expansão da cidade e impulsionada também pela construção Porto do Mucuripe, a praia até então não ocupada começa a ser loteada pela imobiliária Antônio Diogo, sendo primeiramente o nome que a área recebeu, mas que não foi bem aceito pela população que acreditava que aquela região viria a se tornar a "Copacabana" cearense, chamando-a, então, de "Praia do Futuro". Nesse período se intensificou a valorização imobiliária do bairro (Figura 05). (DONEGAN, 2011)

Com a extensão da Av. Santos Dumont chegando até a cidade 2000, iniciou uma intensa especulação imobiliária, onde terrenos eram loteados e casas eram construídas muitas vezes em locais clandestinos (SILVA, 2006). A partir de 1970, já se podia perceber na região a construção de edifícios voltados para moradias multifamiliares, clubes e novas vias. Com o crescimento populacional na região, a demanda aumentou sendo necessária a criação de novos projetos para atender os moradores, em contrapartida, em

1984, foi realizada a construção da Av. Zezé Diogo e seu calçadão; nesta época as barracas foram transferidas para mais perto da praia e, em 1993, houve a urbanização do calçadão, com a instalação de ciclovia e faixas de pedestre elevadas (SILVA, 2006).

Mesmo sendo bastante utilizada, a praia do Futuro não conseguiu crescer como esperado, fatores como a intensa maresia e a grande extensão da orla fazem com que até hoje muitos terrenos vazios deixem a área com aparência de deserta. Uma característica marcante do local é a presença de diversos grupos sociais e também de uma diversidade morfológica caracterizada por terrenos baldios, favelas, mansões e edifícios de médio e alto padrão.

Ao longo de toda a sua extensão pode-se identificar novas construções, em sua maioria para o lazer e o comércio, reforçando a forte característica turística do bairro. Devido ao seu forte caráter turístico e de lazer às áreas onde se concentram as barracas de praia recebem mais investimentos em infraestrutura urbana, tais como sinalização, policiamento, transporte público e pavimentação. Desta forma, é possível observar que as áreas que limitam a Praia do Futuro, tanto ao norte (Vicente Pinzon) quanto ao sul (Caça e Pesca) são marginalizadas e apresentam grande diferença quanto à oferta de infraestrutura, carência de policiamento e sinalização, falta de saneamento e galerias de águas pluviais, iluminação pública precária, problemas de acessibilidade, coleta de lixo precária, falta de manutenção das áreas livres, dentre outros.

Quanto à situação dos espaços públicos na Praia do Futuro é possível perceber ocupações





e usos irregulares. Assim como a presença de grandes muros que enclausuram espaços, mas que trazem consigo uma falsa ideia de segurança privada, contribuem, no entanto, para o esvaziamento dos espaços públicos. Esvaziamento esse que produz e aumenta a sensação de insegurança pública.



Figura 6 - Visão espacial do Bairro Praia do Futuro.

Fonte: Google Earth

06. USO E IMAGEM DA PRAIA DO FUTURO

Em Fortaleza, a principal utilização do bairro Praia do Futuro pela população é a faixa de praia. A maioria dos moradores que residem em bairros adjacentes e alguns moradores do próprio bairro utilizam como principal uso as barracas de praia, que ofertam grandes atrativos como piscinas, culinária diversificada e espaços reservados. Já entre os moradores dos bairros próximos ao local, ocorre outro tipo de utilização do espaço, entre eles a prática de esportes como capoeira caminhada e o vôlei.

No litoral norte da cidade, situa-se a Avenida Beira Mar, local que também oferta a população grande quantidade de usos da faixa litorânea voltada para o lazer, como quadras esportivas, grandes restaurantes, sistema de bicicletas compartilhadas, tendo seu principal uso concentrado nos calçadões. Diferente da orla da Beira Mar, na Praia do Futuro o uso do calçadão é menor e as atividades se concentram predominantemente na faixa de areia, onde em seu longo perímetro se deu a construção de barracas de praia de grande porte, que chegam a incluir piscina infantil, playground, restaurantes climatizados e até espaços para shows e grandes eventos.

De acordo com DONEGAN (2009, P.78) as primeiras barracas de praia eram feitas por palhoças de pescadores. No inicio não tinham piso e em sua maioria tinham a carnaúba como pilares, as paredes eram feitas de barro e cobertas por madeiramento também de carnaúba, algumas vezes possuindo palhas da mesma vegetação. Com o desenvolvimento da Praia do Futuro enquanto espaço de lazer, foram desenvolvidas mudanças em resposta ao crescimento do uso pela população, incorporando nas construções paredes de alvenaria, pisos em cimentos e estruturas de cobertas com outros tipos de madeira. DONEGAN pontua também a mudança no plano de necessidade dessas barracas destacando a inclusão de necessidades como lojas de boutiques, playgrounds e piscinas compondo parques aquáticos.

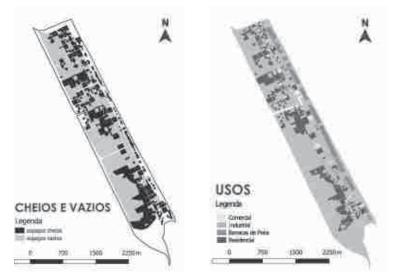






Figura 8 – Infraestrutura barracas de praia no bairro Praia do Futuro. Fonte: Blog Fortaleza Antiga/

A estrutura urbana do bairro consiste em áreas bem equipadas com sinalização, bombeiros, policiamento, etc, principalmente nos locais onde se concentram as barracas de praia. No entanto, nos limites do bairro, ainda na faixa de praia podemos perceber, através de visitas de campos e entrevistas realizadas com moradores locais, que existe uma diferença quanto à infraestrutura, como a falta de saneamento básico, de mobilidade e o policiamento. Sendo relatado nas entrevistas que até mesmo os próprios policiais aconselham aos usuários da praia a não ultrapassar o limite das barracas; limite esse reconhecido pela marginalização e insegurança.



Mapas 01 e 02. Fonte: Google Earth / Autoral

Situado em uma área considerada de grande insegurança na praia do futuro, identificamos uma barraca que também fica localizada na orla do litoral leste, na Av. Clóvis Arraia, porém possui um uso distinto das demais barracas evidenciadas, pois funciona como uma instituição de organização social que não visa fins lucrativos. O Instituto Sol fundado em 2009, tem como finalidade a inclusão social de crianças e jovens que estão em situação de risco, promovendo através de atividades esportivas e artísticas uma alternativa para a diminuição da marginalização na área. O instituto segue 5 eixos: esporte, que utiliza a faixa de praia para aulas de surf, capoeira, ballet; educação, onde são ofertadas palestras e ações educacionais voltadas para meio ambiente, primeiros socorros e direitos humanos; arte, que é promovido oficina de teatro, pintura e artesanato; geração de renda, realizando oficinas de prancha, artesanato reciclável; e psicossocial, no acompanha-





mento de famílias que possuam conflitos com drogas e alcoolismo, no sentido de promover uma integração entra a população e os equipamentos da rede de atenção psicossocial existentes na região. Na ONG, todos os professores, palestrantes e demais membros de apoio são voluntários.



Figura 9 – Instituto Sol. Fonte: Autoral / Site Instituto Sol < http://institutosol.org/o-instituto/>

Visitando o instituto, podemos constatar uma grande deterioração estrutural, foi relatado pela diretora e pelos membros voluntários o grande número de furtos, tanto de alimentos que seriam ofertados, quanto de materiais doados. Essa falta de estrutura juntamente com a insegurança existente na região do bairro, fez com que muitas atividades não sejam mais realizadas na instituição. Dentre as atividades relatadas, apenas quatro estão acontecendo no local compreendendo cerca de 30 pessoas, número bastante reduzido, visto que juntas todas as atividades chegavam a englobar mais de 80 crianças, jovens e adolescentes. Essa situação do instituto está agravando a condição em que se encontram os jovens da comunidade do entorno, visto que o instituto é um espaço para atividades educativas, esportivas e sociais. Por conta do alto índice de insegurança na área, os policiais alertam turistas e moradores de outros locais da cidade a não ultrapassarem o limite da Av. Renato Braga que faz limite com o bairro Vicente Pizón, devido ao grande número de ocorrência de furtos e assaltos.

Rebecca Viana, atual diretora do instituto sol, pontua que a Praia do Futuro é um local bem estruturado, porém isso só acontece em determinadas áreas do bairro, sendo eles principalmente nas áreas onde se concentram as grandes barracas de praia. A diretora, que também é moradora do bairro, relata a grande indignação por conta do pagamento de impostos realizado pela população local e a falta de estrutura, fazendo um comparativo com a grande infraestrutura presente nas áreas onde se tem como principal atividade a utilização das barracas como polo turístico e de lazer.

Situada no bairro da Praia do Futuro, a comunidade Luxou é um dos maiores assentamentos irregulares que existe na região, onde se concentram famílias que possuem alto índice de vulnerabilidade social, em sua maioria residindo em moradias precárias, sem saneamento básico, acesso a mobilidade, entre outros. A comunidade fica próxima a Rua Oswaldo de Araújo, na Av. Dioguinho; possui perto dela equipamentos importantes como a Praça Dom Helder Câmara, que oferece à população quadras de futebol, vôlei, pista de skate, posto policial e etc. ABREU 2005, relata que na década de 80, a região onde está situada a comunidade sofreu uma invasão, que tomou proporção desgovernada, recebendo famílias de diversos municípios do Estado.





Foi realizada uma oficina de desenho com crianças que residem no local, a fim de entender a percepção visual do bairro, questionando-as "O que você mais gosta na Praia do Futuro?". O elemento que se repetiu em todos os desenhos foi o mar. A utilização da praia como lazer e o mar como principal ícone, nos faz perceber que o principal referencial do bairro é o mar. Podemos ver em alguns desenhos (Figura 6) a presença das barracas e edifícios mais altos como elementos marcantes na percepção do meio pelas crianças, que relatam estes locais mesmo não tendo uma utilização frequente dos mesmos, visto que a maioria dos desenhos retratam os bonecos em áreas como a faixa de areia e a marítima.

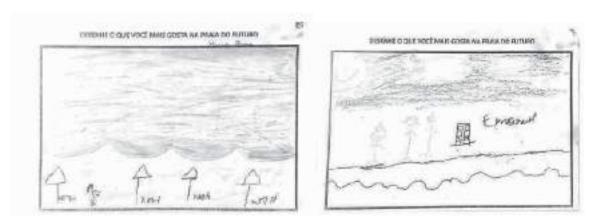


Figura 11 – Desenhos produzidos pelas crianças da comunidade Luxou. Fonte: Autoral

Em entrevistas realizadas com moradores do bairro Praia do Futuro e de bairros adjacentes, a maioria dos entrevistados também relata o mar como principal utilização do espaço, outro uso que também se destaca é a sua utilização para a prática de esportes principalmente pelos moradores, como o surf, a caminhada, o vôlei e a capoeira.

Em relação à utilização dos espaços livres e dos equipamentos ofertados a maioria dos entrevistados se diz satisfeita, pontuando as barracas de praia e a Praça da Paz Dom Helder Câmara como principais pontos de utilização, relatando como dificuldade a mobilidade para acessar o local.

Quando questionados a respeito dos equipamentos públicos, o índice de desaprovação é elevado. Apontam a desorganização, a falta de estrutura e equipamentos como posto policial, iluminação e a escassez de espaços de lazer que não atendem a demanda local, citando a Praça Dom Helder Câmara como único local estruturado que possui esses serviços.

Fator importante que apareceu durante as entrevistas foi a desvinculação da praia como espaço público, quando questionados pela utilização dos espaços públicos no bairro, nenhum dos entrevistados citou a faixa de praia como um espaço público, aparecendo como exemplo mais citado a praça.

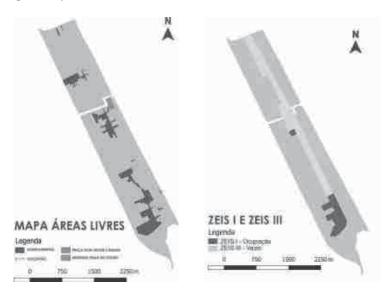
Na questão da mobilidade, aqueles que não dependem de transportes públicos estão bastante satisfeitos, com a boa sinalização e a qualidade das vias, citando a ausência de congestionamentos no local um fator favorável para quem acessa o local através do automóvel. Porém, aqueles que dependem do transporte público estão insatisfeitos com o que é ofertado, tanto pela falta de estrutura das paradas de ônibus que em sua maioria não possuem nenhum tipo de proteção solar, quanto na ausência de ciclovias e calçadas adequadas.

O fator positivo que mais se repetiu durante as entrevistas, é a paisagem. Presente na extensa orla marítima que o bairro possui, que proporciona a tranquilidade ao que se diz respeito ao "caos urbano" de Fortaleza recorrente da grande verticalização. Não há grande fluxo





de carros durante toda a semana, embora o fluxo de veículos cresça nos finais de semana, o local ainda atende a demanda, evitando grandes congestionamentos. A área apresenta grande potencial urbanístico e paisagístico para a cidade.



Mapas 03 e 04

Fonte: Google Earth / Autoral

Recorrente em todas as respostas, a insegurança foi o ponto mais citado em relação às desvantagens do bairro. A quantidade de postos policiais e rondas feitas, ainda não são suficientes para a elevada criminalização que existe, principalmente nas áreas que possuem assentamentos irregulares. Essa falta de segurança se reflete em outros fatores, evidenciados por alguns moradores, como a falta de equipamentos básicos no local, como exemplo da escassez de bancos, supermercados, farmácias, escolas, creches, postos de saúde, etc; fazendo com que seja necessário um deslocamento para outros bairros para ter acesso a esses tipos de serviço. Na orla, as principais áreas que são apontadas como inseguras são entre as barracas ociosas, sendo relatado casos de assaltos e furtos com frequência por parte dos usuários da orla.

07. A PRAIA COMO ESPAÇO DEMOCRÁTICO

Dentro dos limites do bairro existem diferentes tipologias de moradia, comércio e espaços públicos. Com relação às habitações, podemos pontuar assentamentos informais, edifícios multifamíliares e casas de pequeno, médio e grande porte, chegando a luxuosas mansões e casas de veraneio. O comércio tem sua predominância na faixa de praia por conta da forte influência das barracas, mas também podemos observar a presença de pequenos restaurantes e mercearias que se concentram nas comunidades. Além disso, quanto a espaços públicos, a praia e a Praça Dom Helder Câmara, são os principais espaços utilizados por todos, embora nas proximidades dos assentamentos sejam notadas áreas livres modificadas pelos próprios moradores. Embora essa diversidade forneça para o bairro uma grande potencialidade, não é isso que encontramos no local. Maior que a harmonia esperada, existe o conflito entre as classes, que aumenta o sentimento de insegurança.

Essa situação é consequência da questão levantada por ROLNIK (2000) em relação à delimitação de espaços segregados, áreas com boa infraestrutura que oferecem serviços e atendem a uma pequena parcela da população, e em contrapartida criam ambientes paralelos, para os excluídos, onde impera a marginalidade.





Como citado, ao longo da faixa de praia do litoral Leste, há um uso característico da região quanto a inserção de barracas de praia na faixa de areia, trazendo consigo grandes estruturas, que loteiam o espaço público, privatizando a área. As barracas insistem nas brigas judiciais para a permanência no local. Porém de acordo com FREITAS (2016) a maneira como se rege a regulamentação do solo urbano privilegia aqueles que têm influencia, ou seja, possuem grande valor aquisitivo, o que alimenta a revolta e acaba por aumentar ainda mais a violência. Rebatendo essa teoria diretamente na atual situação do Instituto Sol, que mesmo sendo uma barraca de praia situada na faixa de areia, não recebe nenhum tipo de benefício na infraestrutura urbana, no policiamento e na mobilidade, estando numa área onde por conta da desvalorização muitas barracas já foram abandonadas e desapropriadas.

A população se restringe aos limites da barraca, utilizando o espaço público, de acordo com ROLNIK (2000) de maneira a negar o espaço para todos, intensificando ainda mais a privatização da vida social.

De acordo com DONEGAN (2011), a respeito da grande discussão que envolve a retirada ou não retirada das barracas, no quesito urbanístico, existe a necessidade de diretrizes para o crescimento da área, que incluem a limitação da ocupação e densidade. Propõe como solução a imposição de limites para a ocupação, densidade, afastamento mínimo entre as barracas, a correta fiscalização, a manutenção do espaço público existente na área pelo poder público. Visando uma boa utilização da área como espaço para lazer e reduzindo os dados às áreas ambientais.

SEGRE (2005) levanta uma importante questão sobre o espaço público criado pela população contemporânea e pontua que esses ambientes livres e públicos não devem ser apenas "espaços de operações cenográficas", dando importância, assim, à utilização e vivência do meio público por parte da população, que aumenta sua dimensão política da vida social a partir da troca de culturas, construindo na sociedade a ideia de democracia, equidade e diversidade.

Uma das principais características da Praia do Futuro é a sua diversidade tipologias e grupos sociais, porém os mesmos funcionam isoladamente, aumentando assim a segregação espacial e social, e em consequência a sensação de insegurança e dificultando a mobilidade do local. Com base na análise realizada propõe-se, conceitualmente, a incorporação de áreas livres e barracas sociais, tomando como referencia o Instituto Sol que oferece serviços gratuitos a população voltada para arte, lazer e profissionalização, em toda a Praia do Futuro. O ponto de partida da proposta é permitir a justa distribuição do espaço público do bairro, proporcionando espaços de convívio para os diversos grupos sociais, especialmente a população em assentamentos precários e, garantindo assim o acesso democrático à praia.

No diagrama conceitual (Figura 13), ilustramos de que forma um sistema de áreas livres poderia ser implementado no bairro, composto não apenas por praças ou áreas de convivência, mas também passeios de qualidade, vias paisagísticas e etc. De forma à proporcionar, não só espaços de lazer mas áreas essencialmente livres de construção e com maior cobertura vegetal, proporcionando equilíbrio entre o assentamento urbano e a paisagem natural da Praia do Futuro.





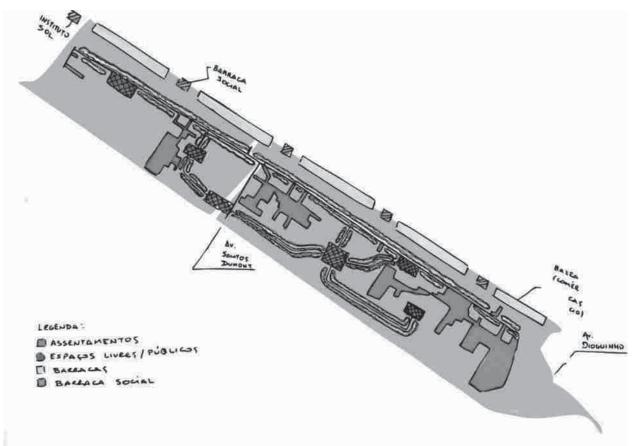


Figura 13 – Diagrama conceitual bairro Praia do Futuro

Fonte: Autoral

08. CONCLUSÃO

Embasado na bibliografia trabalhada, é possível afirmar que no bairro Praia do Futuro existe um uso inadequado de algumas áreas do espaço público, de modo que a região que possui grande potencial urbanístico, social e paisagístico na cidade passa ser considerada uma área de insegurança. Tendo como base a real função do espaço público na cidade e seu importante papel como potencial direcionador de um planejamento urbano mais inclusivo, faz-se necessário um olhar mais aprofundado em como a utilização desse espaço influencia no convívio social do bairro.

O bairro da Praia do Futuro oferece um enorme potencial para a cidade de Fortaleza referente aos quesitos urbanísticos, paisagísticos e sociais. Visto que ainda é uma área que sofre um lento processo de urbanização e possui grande oferta de terrenos e espaços para expansão. Contudo, esse processo deve ser acompanhado de etapas que envolvam de forma pontual o uso e ocupação do solo, atentando para a questão da justiça social, tentando reduzir ao máximo a questão da flexibilidade para aqueles que possuem influencia no mercado. Fazendo com que a área se desenvolva em cima da democracia, equidade e diversidade.

09. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. A condição humana. trad. Roberto Raposo, v. 7, 2004.

DA SILVA, José Borzachiello et al. Litoral e sertão: natureza e sociedade no Nordeste Brasileiro. Eustogio Wanderely Correia, 2006.





DE ABREU JÚNIOR, Pedro Itamar. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO: O FUTURO DA PRAIA DO FUTURO. Mercator-Revista de Geografia da UFC, v. 4, n. 8, p. 140, 2005.

DONEGAN, Lucy. Barracas de Praia, praia de barracas: configuração, tipo e usos na praia do futuro, Fortaleza CE. MS thesis. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

FAINSTEIN, Susan S. The just city. Cornell University Press, 2010.

HIJIOKA, Akemi et al. Espaços livres e espacialidades da esfera de vida pública: uma proposição conceitual para o estudo de sistemas de espaços livres urbanos no país. Paisagem e Ambiente, n. 23, p. 116-123, 2007.

JACOB, Jane. Morte e vida das grandes cidades. Martin fontes, 2000; MAGNOLI, Miranda M. E. M. Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. 1982. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MARICATO, Ermínia. Na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. São Paulo, 2000.

PAIVA, Ricardo Alexandre. Os impactos da "urbanização turística" no litoral de Fortaleza: fragmentação e diferenciação socioespacial. Fortaleza, 2014.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, p.179-184, 2000.

SEGRE, Roberto. Espaço público e democracia: experiências recentes nas cidades de América Hispânica. Portal Vitrus-texto especial, n. 303, 2005.

ALMOÁ, Patricia Rodríguez. "O espaço público, esse protagonista da cidade. "19 Dez 2013. Arch-Daily Brasil. Acessado 12 Abr 2017. http://www.archdaily.com.br/162164/o-espaco-publico-es- se-protagonista-da- cidade>





MONITORIA COMO ATIVIDADE DE CONTRIBUIÇÃO NO APRENDIZADO DO ALUNO

Welanna Elen Moreira Melo¹ Afrânia Gadelha Diogenes²

RESUMO

A Monitoria é uma ferramenta utilizada pelas instituições que traz inúmeros benefícios para o Ensino Superior. Benefícios que não só abrangem o professor e o aluno monitor, mas principalmente os alunos que cursam a disciplina. Para tanto, este trabalho foi desenvolvido com a intenção de relatar a experiência vivenciada pelo aluno monitor e suas contribuições na disciplina de Desenho Arquitetônico e Urbanístico I (DAU I) durante o período de 2016.2 e 2017.1. Para início, realizouse uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de monitoria o qual foi possível entender a sua importância e aplicá-lo no exercício da atividade de monitoria. Para analisar o aprendizado dos alunos, foi elaborado um questionário e aplicou-se a eles no semestre seguinte. Os resultados desse questionário mostraram as dificuldades dos alunos em determinados assuntos da disciplina. Portanto, o professor e monitor buscaram soluções que pudessem contribui para um melhor aprendizado, visto que essa disciplina é de fundamental importância para a formação acadêmica do futuro arquiteto.

Palavras-chave: Monitoria. Aprendizado. Vivência do aluno. Desenho Arquitetônico. Desenho urbanístico.

1 INTRODUÇÃO

O programa de monitoria é uma atividade que proporciona aos alunos do Ensino Superior a oportunidade de aprofundar e ampliar seus conhecimentos.

Para participação do aluno nesse programa, segundo o edital, a instituição exige que o aluno tenha concluído a disciplina com nota igual ou superior a sete. Sendo necessário para a seleção dos alunos interessados em ser monitor de DAU I, primeiramente, a realização de uma prova escrita na qual o aluno deve tirar uma nota superior ou igual a sete para poder participar da segunda fase da seleção que é composta por uma prova didática na qual o candidato terá de elaborar uma aula sobre o tema escolhido. O aluno que obtiver a maior nota nas provas será o monitor.

Visto que ele já foi aprovado por nota, esse aluno terá a supervisão de um professor orientador que irá guia-lo durante toda a sua vivência na monitoria, que é em torno de 1 ano.

O horário da monitoria é agendado na secretaria do centro universitário e é reservada uma sala com pranchetas para o exercício desta. A sua divulgação é por meio de cartazes, lembretes do professor orientador e a apresentação do aluno monitor em sala de aula. O aluno monitor não atua em sala de aula com o professor da disciplina, porém as informações sobre os conteúdos ministrados são trocadas por meio de reuniões semanais com duração de 2 horas e controladas pela secretaria a partir de fichamento. As aulas de monitoria ocorrem semanalmente com duração de 2 horas.

Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo e monitora da disciplina de Desenho Arquitetônico e Urbanístico I no Centro Universitário Christus, welannaelen@gmail.com.

² Professora Especialista, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Christus, afraniagadelha@yahoo. com.br.





2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica da pesquisa foi embasada em diversos trabalhos de diferentes autores que tratam sobre o exercício da monitoria e da temática a qual envolve a disciplina de Desenho Arquitetônico e Urbanístico I. De início, foram analisados documentos que versam a respeito da monitoria acadêmica, como a Lei Federal nº. 5.540, de 28 de novembro de 1968, que a instituiu no Ensino Superior e fixou algumas normas de funcionamento. Por meio da sua análise, foi possível entender como ocorre, de forma geral, o processo de monitoria dentro das universidades e a sua importância no ingresso da carreira de magistério superior.

Outra fonte significativa que ajudou a compreender a função do programa na universidade foi o trabalho de Lins de 2009 em A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor, em que este define a monitoria como:

> [...] instrumento para a melhoria do ensino de graduação, através do estabelecimento de novas práticas e experiências pedagógicas que visem fortalecer a articulação entre teoria e prática e a integração curricular em seus diferentes aspectos, e tem a finalidade de promover a cooperação mútua entre discente e docente e a vivênc ia com o professor e como as suas atividades técnico-didáticas. (LINS, 2009, p.1).

Essa definição vai de encontro com o propósito desse trabalho, que é mostrar a monitoria e a sua vivência como um instrumento que se propõe a trazer novas soluções para os obstáculos encontrados pelos alunos no processo de aprendizagem, ou seja, ser uma ferramenta de contribuição no aprendizado do aluno.

Com relação ao funcionamento especifico da monitoria dentro do campos, o edital nº07.2016 do programa de iniciação à docência da Unichristus foi o documento que não só deu a base para entender o contexto burocrático em que a monitoria está inserida, mas que também guiou a sua experiência durante todo o período de sua vigência.

O plano de ensino da disciplina de DAU I foi o arquivo que norteou os assuntos que seriam abordadas na disciplina, as suas respectivas fontes e a estruturação da cadeira. Por seu intermédio, foi possível pontuar os assuntos e compor o questionário. Além disso, ele serviu como fonte de consulta, ajudando na busca de referências para o embasamento teórico dos plantões tira-dúvidas e também para a sua programação.

Quanto à fundamentação teórica do conteúdo programático, os principais livros utilizados durante essa vivência foram os de Gildo Montenegro, em Desenho Arquitetônico, de 2001, que expôs a necessidade que se tem de conhecer bem as regras do desenho. O livro de Rendow Yee, de 2013, também intitulado como Desenho Arquitetônico, foi outro que serviu de base para a compreensão da importância do desenho para a formação acadêmica de um arquiteto e nele , com Basso, 2005, em A ideia do modelo tridimensional em arquitetura, foi possível perceber o desenho gráfico como uma linguagem imprescindível para os profissionais envolvidos com a área de projeto arquitetônico. Já, no trabalho de Menezes, 2011, em Alagoas de Marcgraf, percebemos o desenho com a ferramenta mais apropriada para a descrição do espaço físico, que é o objeto de trabalho do arquiteto.

No artigo de Olavo de Carvalho, Educação ao contrário, de 2009, entendemos qual é o papel do agente educador no processo de aprendizagem e a importância singular do estímulo à busca do conhecimento por parte do estudante para que a compreensão do conteúdo de fato seja efetiva.





3 O PRAZER DE ENSINAR E APRENDER

O programa, também conhecido como iniciação à docência, faz que o aluno, por meio do desenvolvimento dessa atividade, tenha uma noção do papel do professor, sendo responsável por transmitir conhecimento. Essa atividade é de significativa relevância para os estudantes que possuem interesse na área acadêmica, pois ela não só irá proporcionar um ensaio sobre a docência, mas, como é relatado no parágrafo único do artigo 41 da Lei Federal nº. 5.540, também terá uma notável influência nas etapas que se seguirão da vida acadêmica dos estudantes interessados em seguir o caminho da docência. Essa experiência ocorre com certas limitações, já que se trata de um aluno de graduação, e não de um aluno de mestrado ou doutorado, sendo necessário um acompanhamento com o professor orientador.

O aluno monitor faz relatórios mensais designados, como M3, descrevendo todas as atividades realizadas por ele. Além disso, ele faz um relatório semestral designado como M4, relatando as principais atividades desenvolvidas por ele assim como as suas dificuldades e soluções propostas.

Outro ponto importante da monitoria é o desenvolvimento da pesquisa acadêmica, é para a realização dela que o aluno monitor amplia seus conhecimentos e realiza investigações em relação à disciplina fazendo que o conteúdo abordado na teoria seja posto em prática. Essa pesquisa pode surgir também como uma ferramenta que proporcione soluções às dificuldades encontradas e contribuir para uma melhor formação do corpo estudantil.

A disciplina de DAU I é de fundamental importância para a formação de um arquiteto, já que é nela que se aprendem as primeiras noções de como representar graficamente os elementos arquitetônicos seguindo a metodologia das normas brasileiras. Principalmente porque o desenho, como afirma Menezes (2011), é um dos recursos que melhor representa a relação entre o homem e o espaço, o que agrega maior informação, já que permite produzir visualmente um panorama do que já existe e aquilo que se deseja existir, ou seja, quando falamos em representar o espaço físico, o desenho é a ferramenta mais adequada para essa função, ele é a arte de explicar o espaço físico, tornando-se, assim, uma ferramenta fundamental na representação do meio físico, especialmente para a arquitetura, que, assim como diz Basso (2005), a arquitetura tem sua própria forma de expressar. E essa expressão depende de símbolos gráficos e elementos que traduzem de maneira clara o co nceito ou a ideia arquitetônica, isto é, o desenho é a forma como o arquiteto se expressa no seu meio profissional, ou seja, o modo como se comunica, a sua linguagem. Sendo assim, é incoerente que um estudante saia da escola de arquitetura sem saber representar ou apresente uma representação pobre, sobretudo porque o desenho não será só importante para o meio profissional, mas ta mbém para meio acadêmico, já que ele é a base para boa parte das disciplinas seguintes que compõem a grade curricular, principalmente, as que envolvem o ato de projetar.

Portanto, a boa compreensão e absorção dos assuntos tratados nessa disciplina são indispensáveis para a formação de um estudante de arquitetura. Nesse contexto, o monitor surge como um apoio para os alunos no processo de divers os aspectos, como dúvidas sobre os assuntos abordados ao longo do semestre, acompanhamento para realização de exercícios e trabalhos, além de fazer revisões para as provas, potencializando o processo de aprendizado.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas de diversas fontes acadêmicas, tais como livros, periódicos e artigos, os quais contribuíram para o embasamento teórico referente aos assuntos que tangem o objeto de estudo. Além disso, elaborou-se um questionário que visa a analisar o aprendizado dos alunos da turma de 2016.2.





O questionário foi aplicado aos alunos da turma 2016.2 no semestre seguinte com a finalidade de identificar os assuntos da disciplina de DAU I que são mais difíceis e mais fáceis de aprender. Além de verificar a quantidade de alunos que procuram o aluno monitor e os motivos para essa procura.

Os estudos e as coletas de dados do questionário possibilitaram alcançar conclusões e soluções para as deficiências pontuadas pelos alunos da turma avaliada visto que a disciplina de DAU I é pré-requisito para as disciplina de Projeto Arquitetônico I e importante para a formação do futuro arquiteto.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário e a experiência como monitor no período de 2016.2 ajudaram a verificar as principais dificuldades encontradas pelos alunos em relação ao conteúdo aprendido em sala de aula. A turma 2016.2 apresentava uma quantidade de 27 alunos, entretanto o questionário só foi aplicado em 14 alunos dessa turma, pois sua aplicação somente ocorreu após a conclusão do semestre, visto que os alunos precisavam ter passado por todo o conteúdo programático da disciplina para poderem pontuar e ressaltar suas dificuldades e facilidades. Dentre os principais assuntos abordados em sala de aula, segundo o plano de ensino de DAU I, estão:

- 1. Planta Baixa.
- 2. Representação de hierarquia de linhas.
- 3. Escadas e rampas.
- 4. Plantas de coberta.
- 5. Cortes transversais e longitudinais.
- 6. Fachadas.
- 7. Revestimentos e hachuras.
- 8. Normas técnicas.
- 9. Representação de esquadrias.

O questionário, como pode ser observado no anexo 1 desse trabalho, foi estruturado com dez questões objetivas as quais tinham o propósito de identificar determinados aspectos que envolviam o contexto em que a turma de 2016.2 e stava inserida. Aspectos, como o grau de dificuldade dos assuntos vistos na disciplina. Esse tópico ajudou a identificar os cortes como o conteúdo mais difícil, sendo seguido por escadas, rampas e fachadas. Com esse dado, foi possível preparar novas técnicas de ensino, para a turma seguinte, que tornasse a absorção desses temas mais fácil, como a adoção de maquetes físicas nas aulas de cortes.

Outro ponto analisado foram os motivos que interferem na absorção da matéria.

A Figura 1 apresenta um gráfico com os motivos e o grau de dificuldade encontrado pelos alunos da turma 2016.2.







Figura 1 – Motivos que interferiram no aprendizado dos alunos da turma 2016.2. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na Figura1, destacou-se como elevado grau o comprometimento do aprendizado, sala lotada de alunos, carga horária acadêmica sobrecarregada, não comparecimento do aluno aos atendimentos realizados pelo professor e conversas em sala de aula, impossibilitando a realização dos exercícios.

Como forma de solucionar esses fatores, o professor ressaltava em sala de aula a importância da monitoria e como o aluno monitor poderia contribuir para melhorar o aprendizado dos alunos da turma de forma a estimular a participação destes nos atendimentos feitos pela monitoria visto que a turma era lotada e havia muitas conversas na hora da realização dos exercícios. Na turma de 2017.1, a quantidade de alunos foi significativamente diminuída, o que tornou possível perceber como a quantidade de alunos em sala de aula influencia no processo de aprendizagem.

No questionário, elaborou-se também uma pergunta sobre a quantidade de vezes e os motivos pelos quais os alunos procuraram a monitoria. Dos 14 alunos matriculados, somente 5 buscavam a monitoria como apoio. A Figura 2 apresenta os motivos que levaram os alunos da disciplina a procurarem o aluno monitor.

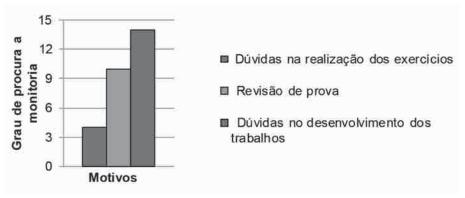


Figura 2 – Motivos que levaram os alunos dadisciplina a procurarem o aluno monitor. Fonte: Elaborado pelas autoras.





As dúvidas no desenvolvimento dos trabalhos e a revisão para a prova obtiveram maior percentual para o aluno procurar a monitoria conforme está apresentado na Figura 2, visto que os trabalhos e as provas são pontuados como nota, o que faz o aluno só procurar a monitoria nas proximidades de entrega destes.

Outro aspecto abordado no questionário foram os fatores que podem surgir como solução para um bom aprendizado. Os principais fatores apontados pelos próprios alunos foram uma sala de aula menos lotada, a pontualidade e o comparecimento aos atendimentos ministrados pelo professor. Com exceção da sala de aula lotada, as outras soluções apresentadas dependem do comprometimento do próprio aluno. Diante disso, vale ressaltar o papel que o agente educador tem no processo de aprendizagem e a participação fundamental do estudante em sua busca pelo conhecimento. Sobre isso, o Professor Olavo de Carvalho relata em seu artigo de 2009, Educação ao contrário:

> Educação é uma conquista pessoal, e só se obtém quando o impulso para ela é sincero, [...] e não de uma obrigação imposta de fora. Ninguém se educa contra a sua própria vontade, no mínimo porque estudar requer concentração, e pressão de fora é o contrário da concentração. O máximo que um estudante pode receber de fora são os meios e a oportunidade de educar-se. Mas isso não servirá para nada se ele não estiver motivado a buscar conhecimento. (CARVALHO, 2009, p.359).

Dessa forma, fica claro que o protagonista no processo de aprendizagem é o próprio aluno, cabendo a ele a busca pelo conhecimento. Quanto ao professor e ao monitor, cabe proporcionar os meios e oportunidades, sempre buscando meio s mais atrativos que estimulem o estudante a buscar o conhecimento.

Por fim, no questionário, foi incluída uma auto-avaliação do desenvolvimento na disciplina, em que a maioria dos alunos se descreveram como regulares, sendo seguido por ótimos. Isso demonstra que, apesar dos obstáculos encontrados na disciplina, a maioria dos alunos conseguiram se sair bem, porém é importante sempre buscamos melhorar o processo de aprendizagem para que cada vez mais alunos saiam da disciplina com uma boa bagagem de conteúdo.

Todos os dados adquiridos por intermédio do questionário foram analisados e colocados em uma planilha eletrônica a qual foi estruturada para receber essas informações e para quantificá--las, facilitando o processo de identificação do resultado final da pesquisa.

6 CONCLUSÃO

A falta de interesse do aluno que está cursando a disciplina DAU I em procurar a monitoria fez que o aluno monitor e o professor orientador procurassem estratégias para aumentar a procura e melhorar o aprendizado dos alunos da disciplina. Foram desenvolvidas maquetes físicas de escadas e rampas que proporcionam uma melhor compressão desses elementos de circulação vertical.

Além disso, a aplicação do questionário ao final de um período se verificou importante não só para a matéria em questão mas também para as demais matérias do campo acadêmico, pois, por meio dele, podemos perceber onde estão as dificuldades dos aluno, qual a opinião deles em relação à disciplina, dentre outras informações que contribuem para a construção de uma metodologia de ensino com soluções que vão de encontro com a realidade da sala de aula. Sua aplicação semestral dá uma noção mais atualizada da dinâmica e das dificuldades que normalmente são encontradas, o que permite que o professor trace novas soluções. Uma das contribuições mais





significativa que essa monitoria trouxe foi a elaboração de um questionário que pode ser aplicado periodicamente nas turmas de DAU I e ajudar o professor a entender melhor quais são as dificuldades dos alunos além de aplicar métodos mais coerentes com as realidades encontradas.

Por fim, vale citar o que Sertillanges, 1920, em A vida intelectual, fala sobre a ciência:

As grandes descobertas se resumem a reflexões sobre fatos comuns a todos. Passa-se miríades de vezes sem nada ver, um dia, o homem de gênio observa as amarras que ligam ao que ignoramos o que está sob nossos olhos a cada instante. O que é a ciência se não a cura lenta e progressiva para nossa cegueira? (SERTILLANGES, 1920, p.72).

Assim como Sertillanges relata sobre a ciência, esse trabalho surge por me io de uma reflexão sobre fatos comuns, buscando entender como eles ocorrem e quais os fatores que os influenciam, para, a partir disso, buscar soluções para os problemas encontrados.

REFERÊNCIAS

BASSO. A. C. F. A idéia do modelo tridimensional em arquitetura. Disponível em: http://www.te-arquitetura. ses.usp.br/teses/disponi veis/18/18131/tde-05032008-105748/en.php>. Acesso em: 26 abr. 2017.

BRASIL. Senado Federal, Lei Federal n.º 5540, de 28 de novembro de 1968. Disponível em: http:// www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28- novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CARVALHO, O. L. P. de. Educação ao contrário. Disponível em: http://www.olavodecarvalho.org/ educacao-ao-contrario/>. Acesso em: 26 jun. 2017.

LINS, L. F. et al. A Importância da Monitoria na Formação Acadêmica do Monitor. Disponível em: http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0147-1.pdf. Acesso em: 01 jun. 2017.

MENEZES. C. A. Alagoas de Marcgraf. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/ simposio/MENE ZES_CATARINA_AGUDO.pdf >. Acesso em: 24 abr. 2017.

MONTENEGRO, Gildo A. Desenho arquitetônico. 4. ed. São Paulo: Blucher, 2001 SERTILLANGES, A.D. A vida intelectual. 1. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2016.

UNICHISTUS. Edital do programa de iniciação à docência da Universidade Unichristus. Disponível em: https://www.unichristus.edu.br/download/nutec/Edital - de-N-07.2016 Programa-de-Iniciacao-a-Docencia_MonitoriaPID-2.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.

YEE, Rendow. Desenho arquitetônico: um compêndio visual de tipos e métodos. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

AGRADECIMENTOS

À Unichristus, por apoiar o programa de iniciação à docência, à professora Afrânia Diogenes, por toda a paciência e incentivo, o que tornou possível a conclusão dessa pesquisa, à família, por todo o apoio incondicional, e, por fim, a Deus, que iluminou o caminho durante esta caminhada.





CIDADE PULSANTE: HUMANIZANDO ESPAÇOS

Bruna Napoleão Moreno¹ Letícia Veras Soares² Viviane Sales Furtado³

RESUMO

O presente trabalho explica como a cidade se modificou negativamente ao longo do avanço tecnológico, principalmente a intensificação do uso dos automóveis e por eles terem contribuído para um distanciamento social, além de prejudicar constantemente o meio ambiente. Por esse motivo, o artigo evidencia a importância de incentivar uma cidade mais humanizada, onde o fluxo de pedestres é priorizado, embasando – se em afirmações de estudiosos, como Jane Jacobs, Jan Gehl e Enrique Peñalosa, que mostram a importância de as pessoas usufruírem do espaço público, sendo o mais contínuo e imprescindível espaço urbano a rua. Nesse contexto, são analisados os lugares de algumas cidades, incluindo Fortaleza, que receberam intervenções a fim de melhorar e priorizar o fluxo de transeuntes e que obtiveram sucesso. Por fim, é realizado um estudo de caso em Fortaleza, onde é proposto uma requalificação na avenida Dom Luís - via de larga escala-, com o objetivo de torná-la mais agradável para os pedestres, estimulando uma maior apropriação de seus espaços.

Palavras-chave: Vias pedestrianizadas. Vias Compartilhadas. Avenida Dom Luís. Equidade espacial. Humanização.

1 INTRODUÇÃO

A cidade está cada vez mais segregada, não só socialmente, mas também fisicamente. A crescente tecnologia promove a integração de quem está longe, afastando os próximos. A falta de pessoas nas ruas gera a insegurança urbana; a distância física entre diferentes setores, estimula o aumento da velocidade de deslocamento dos automóveis, acarretando em um desenho urbano pobre e segregador.

Ao analisar brevemente a história mundial é perceptível a enorme diferença dos centros urbanos antes e depois da chegada dos automóveis, antes não existiam calçada e os pedestres ocupavam tranquilamente as ruas (na época, não asfaltadas) como meios de circulação e também como área de lazer. A necessidade de se pensar nas calçadas iniciou na era Fordismo que estimulou os grandes distanciamentos gerados pelo espraiamento urbano (urban sprawl), transformando negativamente a paisagem. As transformações foram inúmeras, as cidades possuíam um clima mais ameno, pois haviam mais árvores do que hoje e uma menor emissão de CO2 proveniente de carros e indústrias.

Appleyard (1981) falava da realização de espaços de vivência (livable streets), mostrando através de estudo realizado em são Francisco, que a intensidade de tráfego nas ruas onde residiam os entrevistados é inversamente proporcional ao espaço que eles reconheciam como lar, propondo assim as ruas conhecidas hoje como compartilhadas (woonerf).

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus | brunamoreno10@hotmail.com

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus | leticiaverassoares@ gmail.com

Arquiteta e Urbanista, especialista em Paisagismo, professora do Centro Universitário Christus | prof.vivianefurtado@gmail.com





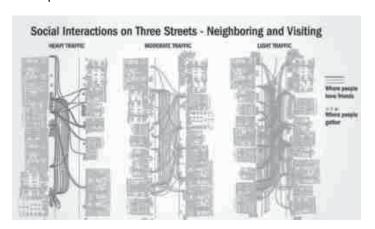
As pessoas que moravam na rua que há trânsito intenso sentiam-se cercadas por carros; já as pessoas que moravam na rua mais calma sentiam muito mais um senso de comunidade. Os comentários de pessoas que usufruíam a Medium Street- que neste caso tinham 8.420 carros por dia - eram particularmente ruins:

Um casal de idosos que morava em sua casa por 48 anos disse que a Medium street não é "muito amigável" por ser uma estrada principal".

O habitante mais antigo entrevistado na Medium street, [...] disse que "o trânsito é realmente o principal, a vida mudou tremendamente por causa dos carros. Os vizinhos não se veem como costumavam, porque as pessoas saíam da porta da frente, entram no carro e vice-versa quando chegarem em casa. [...] "Uma mulher mais velha chegou até a dizer que" se você morresse aqui, ninguém saberia ".

Uma mãe que também mora na Medium Street disse que ela desencorajava ativamente seus filhos a formar amizades ao longo da rua, a fim de evitar atravessar a estrada movimentada regularmente - provas diretas de que os fluxos de tráfego podem dificultar o desenvolvimento das redes sociais. (APPLEYARD, City Lab, 2014, tradução pessoal.)

Imagem 1: Segregação das pessoas devido aos altos fluxos.



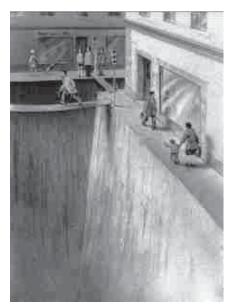
Fonte: Appleyard, D. (1981)

Nessa perspectiva, com a chegada dos automóveis no século XX, decorrente da Revolução Industrial, as pessoas viram nos carros uma possibilidade eficiente de mobilidade. Além disso, a ideia de possuir um veículo, inicialmente, estava ligada diretamente com status e poder, fazendo com que um número maior de pessoas se interessasse pela aquisição e uso do mesmo, gerando assim, uma massa cada vez maior de carros nas ruas. Dessa forma, o espaço público teve que ceder em muitos aspectos para os veículos, as ruas passaram a ser asfaltadas visando a melhor mobilidade das máquinas automotivas, permitindo altas velocidades e vagas em recuos foram implementadas, diminuindo a área destinada aos pedestres à estreitos passeios; diversos edifícios, inclusive históricos, foram demolidos para cederem espaço para estacionamentos, visando sempre atender ao crescente número de veículos estimulado pelo aumento das distâncias e investimentos na infraestrutura viária. Essa discrepância pode ser analisada na imagem 2, que ilustra de forma dramática o espaço destinado a circulação de pedestres, as calçadas, como um espaço estreito tento em vista o espaço dos carros representada pelo buraco que acaba forçando a separação espaço-veículo e espaço-pedestre.





Imagem 2: Espaço sacrificado pelo carro



Fonte: Karl Jilg/Swedish Road Administration

Desse modo, a baixa qualidade das calçadas, da sinalização urbana, sombreamento e falta de atrativos, acaba implicando na existência de ruas desertas, muitos tendem a preferir formas alternativas de locomoção, como transportes públicos ou privados, o que acaba gerando uma grande sensação de insegurança para os poucos que, as vezes por falta de opção, continuaram a utilizar as ruas.

Segundo Jane Jacobs (2000), as ruas não servem exclusivamente para o tráfego de veículos e as calçadas não tem apenas a função de acolher pedestres. Ela explica que as ruas e as calçadas são órgãos vitais da cidade, ou seja, se eles são seguros, a cidade é segura. Para que essa segurança aconteça é necessário que eles sejam ambientes vivos tanto de dia quanto de noite, ou seja, que hajam atrativos nas ruas e calçadas para estimular o uso das pessoas e, consequentemente, tais usuários servirão de vigilantes do espaço público, pelo simples motivo de estarem ali.

> [...] A calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas. [...]. Há muita gente que gosta de entreter-se, de quando em quando, olhando o movimento da rua (JACOBS, 2000, p. 35-36).

2 OBJETIVOS

Esse artigo objetiva analisar e compreender as intervenções de alguns dos espaços que foram pedestrianizados em âmbito local e mundial. A escala de tais espaços não é exatamente relevante e sim, seus usos e aceitação por parte dos habitantes.

Objetiva de forma mais especifica, realizar um estudo de caso em Fortaleza, propondo uma nova forma de uso em uma avenida movimentada da cidade, a Avenida Dom Luís.

3 METODOLOGIA

O estudo desenvolvido foi realizado por meio de levantamento bibliográfico e audiovisual, tento como principal revisão bibliográfica a visão da Jane Jacobs e do arquiteto e urbanista Jan Gehl.





O presente artigo visa desenvolver uma análise qualitativa por meio de visitas de campo e levantamento das condicionantes físicas e sociais de algumas vias e seu entorno. Tais investigações ocorreram no município de Fortaleza e tiveram como critério espaços afetados pelo crescente aumento do fluxo veicular tendo em vista as implicações na segurança, conforto e sociabilidade dos transeuntes; fazendo, posteriormente, comparações com vias que possam ser tomadas como referência, ou seja, que tenham tomado atitudes de priorização do pedestre. Por fim, propor um estudo de caso para a Avenida Dom Luís.

4 ESTUDOS DE CASO

Em decorrência do crescimento populacional, do aumento das horas de trabalho e consequente redução do tempo de lazer, além do tempo perdido no deslocamento casa – trabalho devido ao trânsito caótico, tão comum nas grandes cidades, o homem tem se distanciando cada vez mais do convívio familiar e urbano e por esse motivo, surge a necessidade de pensar em áreas mais atrativas, com maior significado e que estimule o extravaso dos conflitos emocionais.

Segundo Peñalosa (Político Colombiano), "A importância dos espaços públicos para pedestres não pode ser medida, mas a maiorias das coisas importantes da vida não podem ser medidas... os espaços para pedestres são essenciais para a felicidade da cidade". (tradução pessoal)

> [...] um maior número de vias convida ao tráfego de automóveis. Melhores condições para os ciclistas convidam mais pessoas a pedalar, mas ao melhorar as condições para os pedestres, não só reforçamos a circulação a pé, mas também – e mais importante – reforçamos a vida da cidade. (GEHL, 2015, p. 19)

Nessa perspectiva, a ideia consiste em transformar vias mais movimentadas em vias pedestrianizadas ou compartilhadas. As compartilhadas (ver imagem 03 e 04), caracterizam-se pelo uso da via por automóveis, ciclistas e pedestres, desse modo, não há barreiras ou desníveis, as vezes apenas delimitações do espaço para cada tipo de mobilidade, gerando um fluxo digno e respeitoso a todos. Isso induz os motoristas a reduzirem a velocidade e faz com que os pedestres andem mais tranquilos, devido a priorização que lhes é garantida pela pirâmide inversa do tráfego (ver imagem 05).

Imagem 03 - Rua da Esperança, Jardim das Imagem 04 - Espaço compartilhado Oliveiras, Fortaleza, CE. em Amsterdam.

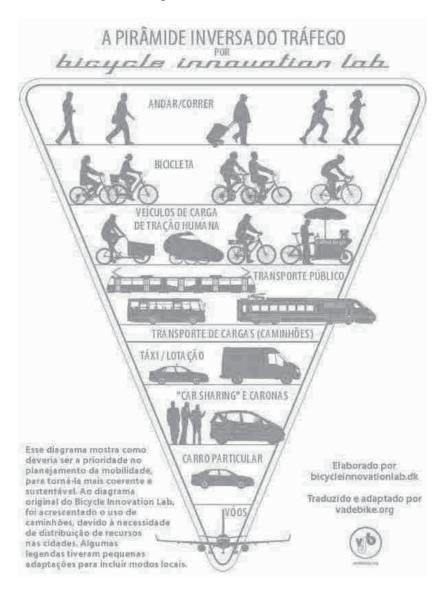


Fonte: Evaldo Lima, 2016. Fonte: Ambiente Legal.





Imagem 05 – Pirâmide Inversa do Tráfego.



Fonte: Vá de Bike, 2014.

Já as vias pedestrianizadas, caracterizam-se pelo fechamento de uma via apenas para pedestres e ciclistas, assemelhando-se a uma calçada, ou até mesmo uma praça. Onde será um espaço de bem-estar para aqueles que transitam ou decidem parar para um breve descanso, tendo em vista, que em sua maioria, são vias bem agradáveis, bastante arborizadas e com bancos.

Tais vias podem ser implementadas nos mais diversos lugares, o necessário e essencial acaba sendo a vontade política para realizá-la. Nesse contexto, Nova lorque é um exemplo de cidade que apresenta grandes problemas relacionados ao fluxo de veículos devido à grande demanda de uso, cidade essa também marcada por ser rota dos principais destinos turísticos e empresariais do mundo. Devido a isso, tem lançado programas que visam a promoção do lazer e valorização dos pedestres, com alargamento de calçadas, vias verdes, fáceis de atravessar, transformação de estradas, inserção de ciclovias e sistemas de bicicletas compartilhadas, além do desmotivar o uso de automóveis através das altas taxas e redução de vagas de estacionamento nas ruas.





Imagem 06 – Espaço pedestrianizado em Brooklyn – NY.



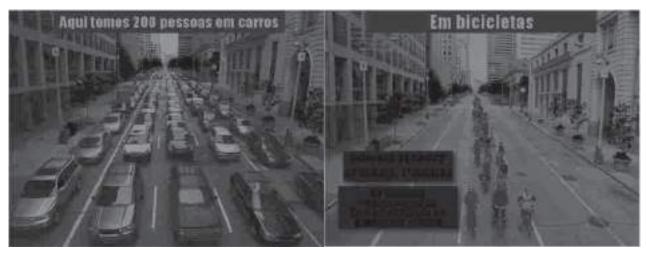
Fonte: NY Times.

Como cita Jan Gehl (2015) em seu livro, "Em 2009, em New York, a Broadway foi fechada ao tráfego nas praças Times e Herald, obtendo-se com isso silêncio, dignidade e mais de 7000m² de vida na cidade. " Outro exemplo de revitalização em Nova Iorque, aconteceu em Brooklyn, onde foi realizada a substituição de um espaço de estacionamento por um voltado para pedestres (ver imagem 06). O objetivo do projeto consistia em trazer mais pessoas para as ruas e diminuir os índices de criminalidade.

Copenhague, cidade natal de Gehl, também tem viabilizado novos usos, favorecendo ônibus e bicicletas, trazendo quatro vezes mais pessoas ao centro da cidade. Isso pode ser exemplificado nas imagens 7, 8 e 9 a qual mostram que o uso desse modal possibilita um bom espaço remanescente para pessoas. Hoje, Copenhague é conhecida como a capital da bicicleta, tendo em vista que o fluxo de bicicletas é bem maior do que o de carros (ver imagem 10).

Imagem 07 – 200 pessoas em carros

Imagem 08 – 200 pessoas em bicicletas



Fonte: Instituto Internacional de Sustentabilidade deFonte: Instituto Internacional de Sustentabilidade de Mobilidade Urbana Mobilidade Urbana





Imagem 09 – 200 pessoas em três ônibus.

Imagem 10 – Ciclistas em Copenhague



Fonte: Instituto Internacional de Sustentabilidade deFonte: Bike Brasil, 2017. Mobilidade Urbana

> Hoje, Copenhague é tida como referência a ser seguida quando se fala em infraestrutura cicloviária seja por sua malha abrangente, segura e de alta qualidade ou pelos planos ambiciosos de expandir cada vez mais o uso da bicicleta entre seus cidadãos. Essa infraestrutura conta com 429 km de extensão, 48.000 bicicletários e 650.000 bicicletas. (CERSOSISMO, 2015)

Nessa perspectiva, analisando Fortaleza, sabe-se que a cidade se caracteriza por ter tráfego intenso de automóveis, que aumenta significativamente com a falta de transporte público de qualidade, e que, muitas vezes, não visa fatores como segurança e acessibilidade dos pedestres. No entanto, aos poucos, vem se percebendo uma busca na melhora da perspectiva dos transeuntes. Essas mudanças vêm acontecendo em pequenas vias e algumas praças, em forma de Parceria Público Privada (PPP) entre a Prefeitura de Fortaleza e empresas privadas, como o Hospital São Carlos, que buscou realizar a criação de uma via compartilhada, próxima ao hospital, sendo esta uma das mais recentes da cidade.

Ao analisá-lo pode-se constatar um alto fluxo de pessoas, sendo ele um conector do espaço urbano, ligando o hospital à praça Rogério Froes. Essa rua prevê a circulação prioritariamente de pedestres, sendo permitido a passagem apenas de ambulâncias em caso de emergências. O projeto de paisagismo englobou implantação de parede verde, mobiliários urbanos e paginação de piso com piso drenante, além da elevação da rua ao nível das calçadas lindeiras, servindo como um redutor de velocidade por quem trafega pelas ruas Araken Silva e Fotógrafo Ribeiro, possibilitando uma travessia segura os pedestres.

No estudo do espaço foi constatado que a movimentação de pessoas aumentou bastante se comparado ao fluxo que havia anteriormente no local. O espaço limitado por dois muros era marcado pelo enclausuramento e sensação de insegurança em uma via onde predominava a presença de carros estacionados, com pouco fluxo de pedestres. No entanto, com a requalificação, tal sensação foi amenizada, tendo em vista que a presença da vegetação gerou uma maior humanização na estreita via, dando a ideia de um espaço amplo e acolhedor, reduzindo, inclusive, a sensação de insegurança antes observada. Satisfazendo e mostrando de forma empírica afirmações de Jane Jacobs:

> Uma rua viva sempre tem tanto usuários quanto meros espectadores. No ano passado estive numa rua dessas no Lower East Side de Manhattan, esperando um ônibus. Não fiquei lá mais que um minuto, pouco tempo para começar a perceber a movimentação de transeuntes, crianças brincando e desocupados sentados





diante de casa, quando minha atenção foi atraída por uma mulher que abriu a janela do terceiro andar de um prédio do outro lado da rua e gritou um "Ei!" Bem alto para mim. Quando percebi que era comigo e respondi, ela berrou de volta: "O ônibus não passa aqui aos sábados!" Depois, com uma mistura de gritos e mímica, me mandou virar a esquina. Essa mulher era uma de milhares e milhares de pessoas em Nova York que tomam conta das ruas, sem compromisso. Elas notam os desconhecidos. Elas observam tudo o que acontece. Se precisarem intervir, seja para orientar um estranho esperando no lugar errado, seja para chamar a polícia, elas intervêm. (2000, p. 06).

No entanto, é importante ressaltar que essa via recebe a denominação de rua compartilhada, onde o acesso de ambulância seria permitido em situações de emergência, porém a realidade é diferente, pois ela só viabiliza o acesso de pedestres e ciclistas e não de veículos motorizados, por causa da presença de barreiras físicas (ver imagem 11) que impedem a passagem desses veículos.

Imagem 11 e 12 - Rua compartilhada de Fortaleza





Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Outra via compartilhada em Fortaleza, é a Rua da Esperança (ver imagem 13), antes conhecida como Rua Alberto Montezuma, localizada entre as Ruas 13 de Abril e Francisco Lorda, no bairro Vila União, que teve seu projeto embasado no conceito de traffic calm, ou seja, um redutor de tráfego. A ideia de transformar a via se deu por causa da grande incidência de furtos no local, além disso, por ela estar localizada entre dois hospitais, Albert Sabin e Hospital da Associação Peter Pan, foi visto uma oportunidade de gerar aos pacientes e acompanhantes uma sensação de bem-estar, fazendo com que todos, em especial as crianças, tivessem o prazer de estar lá. Por esse motivo, o projeto da via foi tratado de uma forma lúdica e colorida, onde as crianças escolheram as cores que seriam utilizadas no projeto.

Imagem 13 – Rua da Esperança



Fonte: Governo do Estado do Ceará





A partir da consolidação dessas ruas nos pontos em análise, pode-se verificar seus benefícios, tornando esses espaços mais propícios ao convívio e favorecendo a permanência por parte da população local. Tornando-se notória a necessidade de se ampliar a implementação de vias pedestrianizadas em distintos pontos de Fortaleza, principalmente em áreas da cidade que se encontrem completamente ocupadas por carros, tais como grandes avenidas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para estudo, foi escolhido um trecho da Dom Luís que vai da Avenida Senador Virgílio Távora à Praça Portugal (imagem 14), avenida completamente transformada em meio de 2014.

Imagem 14 – Área do Estudo de Caso.



Fonte: Arquivo pessoal baseado no google maps, 2017.

Antes uma via de mão dupla, com duas faixas em cada sentido e separada por um vegetado canteiro central (ver imagem 15, 16 e 17) e hoje via em um único sentido, funcionando em sistema binário com a Avenida Santos Dumont, que passou por intervenção semelhante, dividida em: três faixas de carros, uma faixa de ônibus e uma ciclofaixa (ver imagem 18 e 19). Antigamente, pelo fato da via ser dividida, percebia-se o trânsito mais calmo e uma facilitação da travessia devido ao ponto de apoio, gerado pelo canteiro central, no meio da via.

Imagem 15 – Dom Luís (antes da intervenção) Imagem 16 – Dom Luís (antes da intervenção)

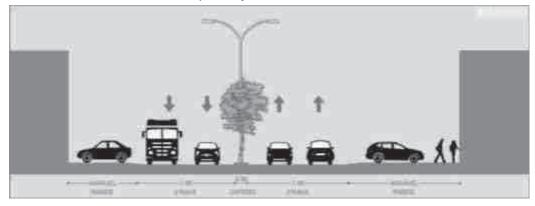


Fonte: O Povo, 2014. Fonte: O Povo, 2014.





Imagem 17 – Corte da via antes da implantação do binário



Fonte: Relatório Técnico - Binário Santos Dumont/ Dom Luís: Conceito do Projeto, 2014.

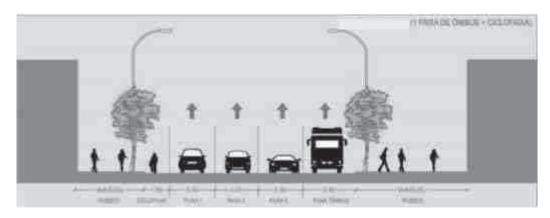
Imagem 18 – Av. Dom Luís atualmente

Imagem 19 – Av. Dom Luís atualmente



Fonte: Arquivo pessoal baseado no Google Earth, Fonte: Arquivo pessoal, 2017. 2017.

Imagem 20 – Corte da via após a implantação do binário



Fonte: Relatório Técnico - Binário Santos Dumont/ Dom Luís: Conceito do Projeto, 2014.

Nesse contexto, a situação encontrada atualmente é de completa dificuldade de mobilidade, por parte dos pedestres, analisando a escala humana, diante dos quase 10 metros de via, ausência de sinalização de pedestres e reduzido número de faixas de pedestres. A avenida é marcada pela presença de faculdades, colégios, restaurantes, lojas e shoppings, o que acarreta em um grande fluxo de pessoas que estudam, trabalham e passeiam nas proximidades da avenida, estimuladas por um desenho urbano mais atrativo e pela quantidade de comércios e serviços nas redondezas.





Essas grandes dificuldades de travessia impostas aos pedestres, além de calçadas mal dimensionadas e estruturadas, sendo muitas vezes invadidas por vagas de carros, refletem na subutilização de alguns pontos de grande potencial ao longo da avenida Dom Luís, incluindo a praça Portugal, a qual passou por uma recente reforma (2015-2016) com a intenção de atrair mais usuários, porém, continua sendo pouco habitada, devido ao seu acesso ser dificultado pelo intensivo fluxo de veículos que a circunda.

Além disso, outro quesito importante a ressaltar é a quase inexistência de espécies arbóreas na avenida, capazes de gerar áreas de sombreamento que proporcionem um maior bem-estar aos pedestres, devido a melhoria do microclima local, sendo mais um impeditivo ao percurso dos pedestres. Ademais, as poucas que ainda tem, muitas vezes, são plantadas no meio das calçadas, desfavorecendo o fluxo de pedestres ou estão em calçadas estreitas, com menos de 2,10m de largura, tornando-se inapropriado ao local.

Desse modo, foi delimitado e analisado um trecho da avenida Dom Luís para gerar uma proposta de intervenção, que consista em tornar uma porção dela acessível aos pedestres, recorte esse correspondente a quatro quadras que englobam: a Unichristus, o colégio Espaço Aberto, o shopping Aldeota, além de alguns comércios e serviços (Ver imagem 21). A proposta consiste na transformação da avenida em uma grande via compartilhada, a qual contaria com minipraças (parklets) com mobiliários urbanos, como: bicicletários, bancos, quiosques e equipamentos públicos dispostos de forma a sugestionar a redução da velocidade dos carros que por ali trafegassem, o que acarretaria, consequentemente, em uma maior atenção por parte dos motoristas priorizando a humanização da via, além disso, a rua seria elevada ao mesmo nível da calçada, o passeio seria alargado entre as praças sendo delimitado por meio dos balizadores, os quais teriam a função de proteger os pedestres do fluxo veicular, além de diminuir a rua de quatro faixas, para apenas duas, onde uma seria exclusiva para ônibus e a outra para os automóveis (Ver imagem 22). Ainda faz parte da proposta, uma maior arborização dessa área, com vegetação nativa, a qual teria um berço no tamanho correto, evitando assim, a impermeabilização da árvore, para melhorar o microclima local e reduzir também a poluição visual produzida pela diversidade de edificações e emaranhado de fios e placas de comunicação visual. Tais trechos seriam trabalhados com piso permeável, o qual evitaria alagamentos, nutriria o escasso lençol freático, além de evitar a proliferação de endemias, como a dengue e suas derivações.

Imagem 21 – Foto aérea da via de intervenção

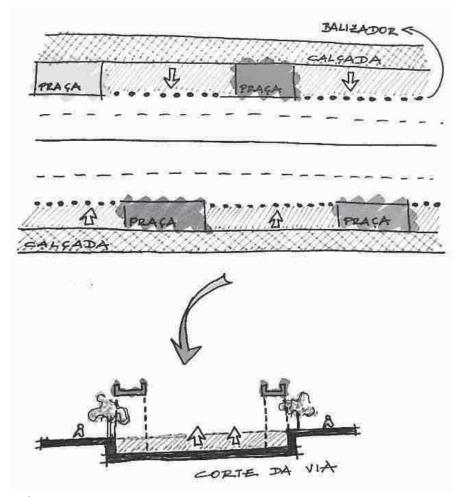


Fonte: Arquivo Pessoal baseado no Google Earth, 2017.





Imagem 22: Esquema da proposta



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Imagem 23: Proposta de via compartilhada na Avenida Dom Luís

Imagem 24: Praça 1 em frente ao posto.



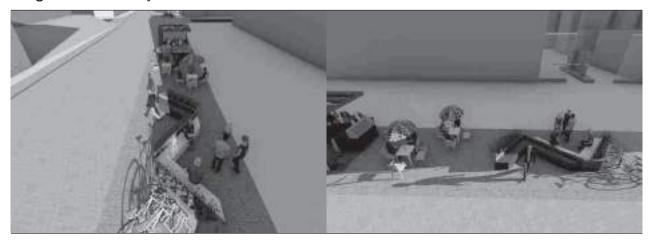
Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal, 2017.



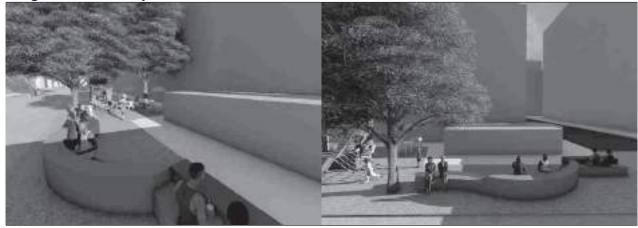


Imagem 25 e 26: Praça 2 em frente à Unichristus



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Imagem 27 e 28: Praça 3 em frente à Bebelu



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Imagem 29: Praça 4 em frente as lojas



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.



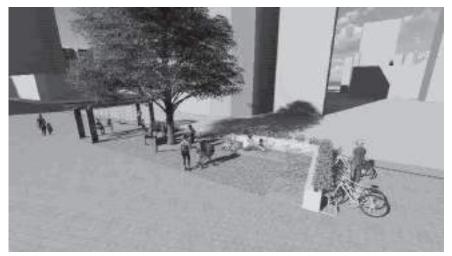


Imagem 30: Praça 5 em frente ao edifício coorporativo Etevaldo Nogueira Business



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Imagem 31: Praça 6 em frente ao colégio Espaço Aberto



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Imagem 32: Praça 7 em frente ao restaurante Picanha do Cowboy



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.





Imagem 33: Praça 8 em frente à prédio residencial



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Imagem 34 e 35: Praça 9 em frente ao antigo bar Seu Boteco



Fonte: Arquivo Pessoal, 2017.

Com isso, o fluxo e a velocidade dos veículos iriam diminuir consideravelmente viabilizando a travessia de pedestres de forma mais segura e a socialização seria favorecida, gerando a sensação de pertencimento daquele espaço. Segundo Jan Gehl (2015, pag. 22) "Se a vida na cidade é reforçada, criam-se as pré-condições para fortalecer todas as formas de atividade social no espaço urbano". Embora haja a redução das vias para carro e redução de vagas de estacionamento, essa ação se justificaria com a alternativa de fluxo em ruas paralelas como, República do Líbano e Maria Tomásia (ver imagem 36) e a criação a possibilidade de estacionamento em bolsões ou torres nas proximidades.





Imagem 34 – Ruas alternativas para fluxo de carros.



Fonte: Arquivo pessoal baseado no Google Maps, 2017.

Um obstáculo que se faz muito presente em propostas de requalificação de vias é a resistência por parte de muitos comerciantes por temerem uma grande queda no número de consumidores, porém, embasando-se em exemplos de vias pedestrianizadas em outras cidades, espera-se que o comércio da via não seja prejudicado, mas sim, estimulado, como aconteceu em Nova lorque, entre as ruas 42 e 47 em Brooklyn não poderiam passar mais carros, o que implicou num aumento das vendas e em uma maior apropriação do espaço.

> "Milhares de pessoas ocuparam as novas praças imediatamente, as vendas das lojas locais dispararam e, hoje, a reconstrução do espaço está quase pronta, transformando a ideia que começou com pinturas e plástico em uma realidade permanente." (GAZETA DO POVO, 2016)

> "[...]. Foi assim que em Curitiba, em 1972, implantou-se a primeira zona de pedestres. Essa operação foi feita em 72 horas. Ainda me lembro de que ao divulgar o projeto, a reação dos comerciantes foi contrária e muito forte [...]. No dia seguinte à inauguração, um dos comerciantes que encabeçavam um baixo – assinado contra o projeto apresentou-me um novo pedido: Que as obras continuassem e abrangessem mais regiões. " (LERNER, Jaime, 2005, p. 103.)

6 CONCLUSÃO

Com o artigo, foi possível entender os grandes malefícios causados pelo intenso uso de automóveis, sendo eles, aumento da temperatura ambiental, grande sensação de insegurança, estresse devido aos engarrafamentos e um menor convívio social. Por isso, é de grande importância, o incentivo à uma cidade voltada para a escala humana, tendo em vista que os benefícios trazidos por ela são bastantes significativos, por solucionar os problemas mencionados acima, proporcionando uma melhor qualidade de vida.

Uma cidade humanizada e viva proporciona um maior tempo de lazer e de qualidade aos cidadãos, tendo em vista que o tempo perdido em engarrafamentos seria menor, além disso, a sensação de segurança seria maior, pois, como afirma Jane Jacobs, a presença de pessoas na rua como vigilantes do espaço aumenta essa sensação. E por fim, o meio ambiente seria muito menos afetado em decorrência da emissão de CO2 que seria reduzida, devido o menor uso de automóveis.





REFERÊNCIAS

CERSOSIMO, Danilo. LIGAÇÃO CENTENÁRIA AJUDA A FAZER DE COPENHAGUE A CAPITAL DAS BICICLETAS.2015. Disponível em: http://outracidade.uol.com.br/ligacao-centenaria-ajuda-a- fazer-de-copenhague-a-capital-das-bicicletas/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

"CIDADES MAIS ATIVAS E SEGURANÇA VIÁRIA". 2016. Disponível em: https://cidadeape. org/2016/03/31/cidades-mais-ativas-e-seguranca-viaria/>. Acesso em: 5 abr. 2017.

CRUZ, Willian. A pirâmide inversa do tráfego. 2014. Disponível em: http://vadebike.org/2012/01/ a-piramide-inversa-do-trafego/>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Espaços compartilhados – Drachten, a cidade sem sinais: Cidade holandesa dispensou a tradicional sinalização de trânsito e ganhou paz.. Disponível em: http://www.ambientelegal.com.br/espacos- compartilhados-drachten-a-cidade-sem-sinais/>. Acesso em: 25 maio 2017.

FURTADO, Viviane; MORAIS, Mônica. AÇÃO vs. REAÇÃO: Os efeitos da implantação de um sistema binário e a redução da Praça Portugal na cidade de Fortaleza. São Paulo, 8 set. 2016.

GEHL, Jan. Cidade para pessoas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva S.a., 2015.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2000.

MENEZES, Fabiane Ziolla. "É uma batalha mexer nas ruas para incentivar o trânsito a pé e de bicicleta". Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro- das-cidades/e-uma-batalha-mexer-nas-ruas-para-incentivar-o-transito-a-pe-e-de-bicicleta-26gz603za9euuxmn6s2sjs3z2>. Acesso em: 18 jun. 2016.

Rua da Esperança é inaugurada com algodão doce e arco-íris. 2016. Disponível em: http://www. ceara.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/18297-rua-da-esperanca-e-inaugurada-com-algodaodoce-e-arco-iris>. Acesso em: 12 abr. 2017.

LERNER, Jaime. Acupuntura Urbana. 3. ed. Record S.a., 2005





RESSIGNIFICAÇÃO DA LINGUAGEM COMPOSITIVA: O CASO DA OBRA "CASA DO CINEMA MANOEL DE OLIVEIRA" DE EDUARDO SOUTO DE MOURA

Rômulo Abraão Lima dos Santos Rodrigues, autor¹ Larissa de Carvalho de Porto, Professora orientadora² Rodrigo Márcio Souza Pinto, Professor supervisor3

RESUMO

O presente estudo pretende compor uma crítica a respeito da obra arquitetônica "Casa do Cinema Manoel Oliveira", realizada pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura, a fim de compreender, de forma minuciosa, como se desenvolveram os métodos e demais posicionamentos projetuais assumidos para a idealização desta obra. Para tal, tornou- se conveniente a adoção de uma revisão bibliográfica apropriada ao tema, objetivando, desta forma, embasar o debate científico aqui proposto ao tentar elucidar, com base na análise, os procedimentos comuns ao ato de projetar e suas respectivas problemáticas.

Palavras-chave: Eduardo Souto de Moura; Casa do Cinema Manoel de Oliveira; Linguagem Compositiva; Análise; Crítica Arquitetônica

1. INTRODUÇÃO

O estudo aqui discorrido objetiva versar, de modo crítico, sobre o projeto realizado para a "Casa do Cinema Manoel de Oliveira", com base em uma revisão bibliográfica pertinente ao tema, juntamente a uma introdutória compreensão sobre o método compositivo do arquiteto português Eduardo Souto de Moura. Concluída em 2003, a "Casa do Cinema Manoel de Oliveira", destinada a abrigar e expor parte significativa das obras do cineasta português Manoel de Oliveira, nunca chegou a ser ocupada e a desempenhar a função que havia lhe sido estabelecida. Contudo, por tratar-se de uma das obras de Souto de Moura que aparenta transparecer peculiaridades a seu método de composição, veio a tornar-se instrumento de análise do presente estudo.

A justificativa referente à escolha do tema embasa-se, primordialmente, na importância da construção de um diálogo crítico a respeito da obra arquitetônica. E, do mesmo modo, em como esta mesma discussão possa vir a contribuir academicamente para o entendimento na composição do raciocínio projetual e nas escolhas e demais posicionamentos arquitetônicos assumidos pelo arquiteto em seu ato de projetar.

Portanto, para este caso, o presente estudo adotou como posicionamento metodológico a análise de um determinado objeto arquitetônico e uma abordagem teórico-referencial sobre a obra, tal como o respectivo método compositivo do arquiteto realizador, a fim de satisfazer os objetivos e a justificativa anteriormente expostas.

A princípio, para a seleção do conteúdo arquitetônico a ser analisado, foi pertinente à pesquisa optar, dentre os projetos realizados por Eduardo Souto de Moura, aquele que contivesse em si a capacidade de expressar as diretrizes que caracterizam, formalmente e funcionalmente, os trabalhos do arquiteto. No entanto, foi igualmente conveniente a este estudo conferir, na mesma obra selecionada ("Casa do Cinema Manoel de Oliveira"), determinados elementos que se contra-

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, romuloabraao2206@hotmail.com

² MBA em gerenciamento de projetos, larissaporto@hotmail.com

³ Mestre em História, prof.rodrigopinto@gmail.com





pusessem aos posicionamentos projetuais comuns aos demais projetos de Souto de Moura. Esta postura objetiva enriquecer academicamente o debate aqui proposto ao tentar explanar, entre outras questões, as problemáticas e possíveis contradições pertencentes ao ato de projetar.

A razão da escolha do objeto arquitetônico a ser analisado pertencer ao arquiteto Souto de Moura, apoia-se sobre a relevância em se estudar analiticamente a produção arquitetônica deste que, segundo Mônica Castro (2008, p 38.):

> "Pela exemplar capacidade reformadora do seu trabalho, Eduardo Souto Moura destaca-se como uma das figuras de maior relevo de um grupo de jovens arquitectos, maioritariamente do norte, que vê na circunstância um elemento propulsor do acto criativo e considera o desenho expressão poética e suporte instrumental para a transformação da realidade."

Ainda inserido na perspectiva das razões que motivaram a escolha de um dos projetos de Souto de Moura como objeto de análise deste estudo, para o interesse em compreender o modo de projetar do arquiteto português, pode-se destacar que:

> "(...) as referências linguísticas de Souto Moura, que encontram nos planos livres de Mies van der Rohe a sua expressão mais directa, fundem-se numa inovadora continuidade com os temas construtivos da tradição local, dotando a obra de um grande sentido de rigor e essencialidade. (...) a atitude romântica de Souto Moura em renunciar ao protagonismo expressivo da obra para deste modo construir um conjunto onde objecto e contexto se confundem numa natural continuidade." (CASTRO. 2008, p.39)

Dadas tais circunstâncias, torna-se viável compreender que a construção de um diálogo analítico, a fim de explanar algumas das particularidades características da gramática compositiva do arquiteto, tenderá a contribuir a este estudo para o entendimento da obra "Casa do Cinema Manoel de Oliveira" e das soluções arquitetônicas aplicadas a esta. Tal compreensão igualmente possibilita reconhecer o modo e a postura com a qual Souto de Moura tende a desenvolver sua arquitetura frente ao ato de projetar, uma vez em que, de acordo com Stroher (2005), o arquiteto português desenvolve, em seus projetos, um posicionamento rígido com relação ao aspecto morfológico e um desenvolvimento purista da composição visando uma simplificação formal e um atencioso olhar para a materialidade da edificação. Todas essas particularidades se aproximam de características comuns à produção arquitetônica de Mies van der Rohe tendo, por muitas vezes, suas respectivas produções assemelhadas pela crítica.

A preferência ao selecionar a obra "Casa do Cinema Manoel de Oliveira", de outros trabalhos de Souto de Moura, embasou-se tanto nas premissas anteriormente desenvolvidas, quanto na capacidade que este objeto arquitetônico tem em transparecer características ora comuns, ora peculiares aos posicionamentos formais, funcionais e de demais posturas projetuais do arquiteto português – sendo este um de seus mais distintos trabalhos realizados.

> "A Casa do Cinema representa uma mudança significativa na expressão formal de Eduardo Souto de Moura. Uma mudança de estilo que aborda este trabalho para a expressão formal da arquitetura de Siza Vieira. Este edifício pretende ser semelhante às casas circundantes, tendo algumas distorções para se encaixar melhor no enredo. A imagem geral se assemelha à lente da câmera, com olhos dinâmicos como os insetos, buscando as visualizações para ver entre os prédios." (João Sousa, 2011)

Assim sendo, fica sublimada a relevância contributiva pretendida por esta pesquisa ao propiciar o debate científico acerca de questões referentes à abordagem crítica e o posicionamento analítico à obra arquitetônica e seu respectivo realizador.





2. METODOLOGIA

Estruturalmente, os métodos responsáveis por balizar os posicionamentos contidos neste estudo orientaram a pesquisa realizada de duas formas: a primeira condiz com o desenvolvimento de uma revisão bibliográfica apropriada, a fim de melhor compreender as características que constituem o "vocabulário arquitetônico" e o modo com o qual Eduardo Souto de Moura idealiza seus projetos. Para tal, autores como Mônica Castro (2008) e Ronaldo Stroher (2008) contribuíram significativamente ao introduzir as particularidades e demais especificidades comuns ao desenvolvimento projetual do arquiteto português e discorreram sobre tais características em projetos específicos.

A segunda forma objetivou realizar uma argumentação crítica direcionada ao edifício. Deste modo, conferiu-se a necessidade em analisar os desenhos técnicos (plantas, cortes e fachadas) referentes ao projeto da edificação, cedidas pelo escritório do arquiteto autor do projeto para o desenvolvimento deste estudo. Além do material técnico cedido, foram igualmente analisadas imagens fotográficas da "Casa do Cinema Manoel de Oliveira" e croquis elaborados por Souto de Moura, a fim de melhor compreender o objeto arquitetônico estudado. Contudo, a estruturação da argumentação crítica pretendida deu-se, tanto pela análise do material já mencionado, como pela elaboração de uma revisão bibliográfica que buscou embasar e fundamentar os posicionamentos críticos impostos.

De tal forma, inserida em uma perspectiva teórico referencial, os autores cujas obras justificam tais argumentos são, respectivamente; Josep Maria Montaner (2014), que introduziu a esta pesquisa a relevância da compreensão crítica sobre a obra arquitetônica, além de expor, de modo breve, algumas das especificidades comum à produção arquitetônica do arquiteto português.

Igualmente, os autores Francis D. K. Ching (2013) e Simon Unwin (2013), com suas respectivas obras teóricas, orientaram os posicionamentos referentes ao entendimento formal, funcional e estético da edificação analisada por este estudo. Sendo estes os argumentos que constituem elementos fundamentais à composição da análise pretendida.

Com o objetivo de contextualizar a condição atual da obra, foi conveniente, também, expor de forma breve as complexidades políticas e administrativas pelas quais o edifício passou ao longo dos anos. Do mesmo modo, tornou-se igualmente necessário introduzir, de modo sucinto, uma biografia referente ao arquiteto realizador do projeto, Eduardo Souto de Moura, e seu respectivo cliente, o cineasta Manoel de Oliveira.

3. O ARQUITETO

Eduardo Elísio Machado Souto de Moura é o arquiteto português cuja produção arquitetônica contemporânea alcançou projeção internacional, sendo amplamente reconhecida pela crítica e mídias especializadas, e entusiastas de sua obra. Vencedor do prêmio Pritzker em 2011, Souto de Moura nasceu em 25 de Julho de 1952 na cidade do Porto, em Portugal e formou-se em arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Tem como obras icônicas em sua carreira o Estádio Municipal de Braga, juntamente com a Casa das Histórias Paula Rego, entre outras. O arquiteto ainda possui o título de Doutor Honoris Causa pela Faculdade de Arquitectura e Arte da Universidade Lusíada do Porto e pela Universidade de Aveiro. (UNIVERSIDADE DO PORTO, 2016)

O crítico espanhol Josep Maria Montaner, em seu livro A condição Contemporânea da Arquitetura (2016), destaca, de maneira breve, a obra de Souto de Moura como conceitual, com forte presença minimalista e embasada na composição estrutural. A abordagem realizada pelo crítico reforça a noção contemporânea e evolução de sua prolífica obra e, entre outras, se associa de modo claro e direto em alguns aspectos particulares com a produção de Álvaro Siza Vieira.





Nos projetos elaborados por Souto de Moura tornam-se evidentes que as soluções arquitetônicas planejadas tendem a possuir uma sólida contextualização com o lugar. Sua abordagem projetual prima, entre outros aspectos, por elaborar através da síntese, um cuidadoso e sensível jogo de elementos e estratégias arquitetônicas que se relacionem com o espaço, colocando-o no eixo primordial na tomada de decisões, segundo Stroher (2005).

Segundo Castro (2008), nas obras realizadas por Souto de Moura é possível conferir uma intensa indução neoplástica, nas quais se fazem notar a presença de planos verticais livres que estão articulados entre si, compostos dentro de um sistema ortogonal. Estes, por sua vez, definem limites para as funções a serem desempenhadas no espaço, nas quais as aberturas posicionadas entre esses planos irão definir as relações do interior com o exterior.

> "Em contraponto ao pluralismo da década de 70, marcado por um pós-modernismo carregado de cores, imagens e formas, procura na arte minimalista americana as respostas para uma arquitetura contemporânea (...) No movimento moderno, Souto de Moura encontra, depois, a linguagem que lhe permite traduzir espacialmente a essencialidade e a exatidão características do minimalismo. Se em termos operativos, esta arquitectura proporciona-lhe as ferramentas com as quais formula uma gramática própria e enfrenta os vários problemas do projecto." (CASTRO, 2008, p.170).

4. CONDIÇÃO ATUAL

A "Casa do cinema de Manoel de Oliveira", situa-se entre as ruas Rua Viana de Lima e Bartolomeu Velho, na cidade do Porto, em Portugal. Atualmente, o edifício encontra-se desocupado e sem funcionamento, em decorrência do óbito do cineasta (2 de Abril de 2015) para quem a edificação foi projetada. Em razão de inúmeros processos administrativos e jurídicos, o edifício futuramente assumirá outra finalidade.

Inserida no imóvel, a edificação possui duas partes distintas que desempenham funções diferentes dentro do mesmo espaço. Uma das partes consiste em uma habitação residencial unifamiliar projetada para o uso do cineasta. A outra parte caracteriza-se por ser uma porção edificada de escala semelhante à da residência e que assume uma função cultural para uso público, sendo um museu. A princípio, a iniciativa que levou ao projeto e posterior construção da obra partiram de um acordo realizado entre o cineasta e a Câmara Municipal do Porto. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2016).



Imagem 01: Fotografia aérea que situa a locação da "Casa do Cinema Manoel de Olivera" Fonte: Google Street View e modificada pelo autor





O projeto referente à edificação foi iniciado em 1998 e concluído em 2003, ano correspondente ao nonagésimo aniversário do cineasta. Eduardo Souto de Moura foi nomeado pela Câmara Municipal do Porto como o arquiteto responsável pela obra e, devido às disparidades de caráter político que ocorreram ao longo do tempo após período de eleições, a função cultural da obra edificada acabou por não ser oficializada, permanecendo sem funcionamento apropriado. (DIÁ-RIO DE NOTÍCIAS, 2016).

A situação da edificação perdurou por muito tempo como complexa e incerta, pois se encontrou inserida em um longo e exaustivo processo administrativo que envolveu a venda do imóvel pela Câmara Municipal do Porto. Apesar do prestígio do arquiteto realizador do projeto, não houve compradores durante doze anos à venda. De acordo com o Diário de Notícias do Porto (2016), a "Casa do Cinema Manoel Oliveira" foi vendida por 1,58 milhões à Supreme Treasure Lda, que indicou que o novo destino do edifício seria em abrigar a Fundação Sindika Dokolo.

Portanto, o espaço da "Casa do cinema" irá destinar-se a ser um centro de arte contemporânea e ambiente que objetiva, além da exposição de obras, o desenvolvimento de atividades visando à integração de artistas vinculados aos meios internacionais de debate da arte, de acordo com o Diário de Notícias o Porto (2016).

6. O PROJETO

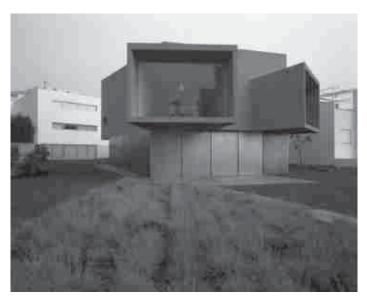


Imagem 02: Fachada principal da Casa do Cinema Manoel de Oliveira -Fonte: Disponível em: http://www.archilovers.com/projects/36746/casa-do-cinema-manoel-de- oliveira.html

De acordo com o material cedido pelo escritório do arquiteto, a "Casa do Cinema Manoel de Oliveira" possui 1.476 m² de área construída e 1.020 m² de área do terreno. Esta define-se como uma edificação de caráter institucional e residencial voltada para o desenvolvimento de atividades culturais e moradia do cineasta Manoel de Oliveira. A princípio, a edificação fora encomendada pela Câmara Municipal do Porto em um acordo com o cineasta, na finalidade de que esta viesse a possuir função expositiva e no armazenamento das obras do acervo de Manoel de Oliveira, além abrigar sua própria residência. (BARATTO, 2014)

6.1 FUNÇÃO

Funcionalmente, o projeto pode ser compreendido em dois complexos edificados que abrigam em si funções distintas, mas que se conectam pelo subsolo do mesmo terreno em que residem.





O complexo principal, situado de modo mais central ao terreno, contém as funções destinadas às atividades voltadas, prioritariamente, para exposição, armazenamento e demais ações institucionais de cunho cultural propostas. Neste encontra-se, no nível térreo, o espaço destinado ao foyer, bilheteria, escadas e um pequeno auditório.



Imagem 03: Planta Baixa Térreo

Fonte: Souto de Moura Arquitectos Lda. e modificada pelo autor

Já no nível superior (primeiro pavimento), situam-se os ambientes referentes à administração, biblioteca, lavabo e salas de reunião. O outro complexo, inserido de maneira mais discreta aos fundos do lote, abriga as funções residenciais voltadas para a moradia de Manoel de Oliveira.



Imagem 04: Planta Baixa do Pavimento Superior Fonte: Souto de Moura Arquitectos Lda.e modificada pelo autor

O subsolo tem por função no projeto, além de promover uma conexão física entre duas partes, ser o acesso de veículos, tanto da residência como do complexo institucional, com a principal via de acesso ao lote. A proposta idealizada por Souto de Moura define duas formas distintas de acesso ao terreno: a primeira, pela Rua de Bartolomeu Velho, onde está situado o acesso de visitantes, direcionados prioritariamente ao bloco institucional e acesso de veículos. A segunda,





através da Rua Viana de Lima, na qual tem-se o acesso individualizado, tanto do bloco institucional quanto da residência do cineasta.

A separação funcional realizada, assim como sua respectiva setorização, evoca um senso de organização espacial prioritário, pautado nas funções que cada uma das duas partes do complexo desempenha: O complexo principal, destinado a função institucional, está mais ao centro, enquanto a parte que estabelece a função residencial está sutilmente afastada, quase oculta, locada ao sudoeste do terreno. Esta condição pode ser justificada tanto pela necessidade em se atribuir privacidade a residência, como pela focalização do complexo institucional como principal elemento. Esta ideia que consiste na organização espacial pautada em um senso prioritário de valores, pode ser observada na perspectiva assumida por Simon Unwin (2016) ao descrever, em suas análises, que a esquematização organizacional entre espaços (internos ou externos) comumente dá-se pelo grau de relevância que o arquiteto atribui a cada ambiente.



Imagem 05: Planta Baixa do Subsolo – Indicando acesso de veículos. Fonte: Souto de Moura Arquitectos Lda e modificada pelo autor.

Contudo, esta abordagem pode ser facilmente questionada, ao se considerar que o conteúdo programático de ambos complexos não é capaz de uma integração eficaz, tanto com relação ao uso das áreas livres do terreno, quanto na própria incompatibilidade de atividades a serem desempenhadas pelo programa proposto. Ao que parece, a necessidade de implantação de duas organizações programáticas distintas no mesmo terreno, consistia na condição de existência do projeto, por parte de seus financiadores.

Assim sendo, com base na interpretação realizada com base na análise do projeto, percebe-se que o projeto arquitetônico desenvolvido desempenha certa atenciosidade com estas questões, de tal forma que a volumetria do edifício proposto almeja equipara-se em escala e proporção com a residência do cineasta, mas diferencia-se formalmente e funcionalmente da mesma. Desta maneira, propõem-se uma equidade entre corpos, a fim promover o equilíbrio proporcional entre ambos e uma particular diferenciação formal e imagética.

Há de se levar em conta, também, que Souto de Moura, em sua arquitetura, preocupa-se e toma como referência em seus projetos, particularidades físicas e conceituais de seus respectivos entornos (CASTRO, 2008). Portanto, fatores referentes à escala, proporção e forma do edifício





também estão internalizados no diálogo que o arquiteto, com seu projeto, realiza com as edificações e demais especificidades deste espaço circundante. Tais características são comuns ao projeto aqui analisado, uma vez que todas as partes constituintes da edificação equiparam- se proporcionalmente aos demais edifícios presentes no entorno.

Estruturalmente, com base no material técnico cedido pelo escritório do arquiteto, não foi possível identificar a marcação dos pilares nas plantas referentes ao térreo e pavimento superior, tanto na residência, quanto no bloco institucional. No entanto, foi percebido na planta de subsolo, que interliga ambos edifícios, elementos gráficos circulares que sugerem a presença de pilares. De todo modo, a composição estrutural, no bloco residencial, aparenta assumir a costumeira racionalidade com a qual Souto Moura realiza seus projetos (CASTRO, 2008). E, diferentemente deste, no bloco institucional, em função da orientação irregular das paredes, estima-se que os pilares que o sustentam estejam inseridos nessas mesmas paredes.

Com relação à materialidade, o relatório técnico cedido pelo escritório de Souto de Moura destaca que, exteriormente, foi utilizado zinco para revestir a cobertura, monomassa cinza escura para compor o revestimento da superfície externa da fachada do primeiro pavimento e chapa de inox despolida a jato de fibra de vidro para revestir a superfície da fachada do andar térreo. O relatório cedido também afirma que, internamente, foram utilizadas placas acústicas no teto da edificação, assim como também destaca que o material referente ao revestimento de piso do hall e das escadas foi o mármore cinza amaciado.

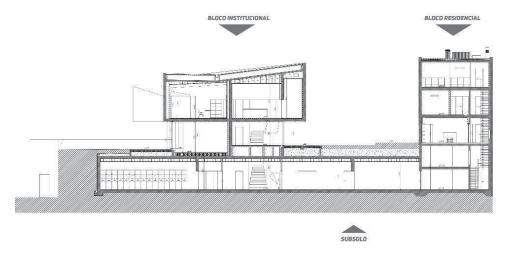


Imagem 06: Corte Longitudinal da Edificação

Fonte: Souto de Moura Arquitectos Lda e modificado pelo autor

Outro aspecto relevante à análise do projeto consiste na organização espacial proposta nas plantas do complexo institucional. Estas, com relação às outras plantas desenvolvidas nos demais projetos de Souto de Moura, apresentam diferenciações que destoam, consideravelmente, de soluções comuns ao vocabulário compositivo do arquiteto.

A disposição espacial dos ambientes internos, do bloco institucional, está definida por paredes com eixos distintos entre si, formulando um possível desencontro de direções. Esta é uma particularidade incomum nos projetos de Souto de Moura, visto que, de acordo com Stroher (2005), a simplificação de aspectos formais e funcionais, muitas vezes associadas a uma postura miesziana, condiciona, entre outras particularidades, a um estado puramente racional e ordenado da planta baixa nos projetos do arquiteto.





Portanto torna-se perceptível na composição em planta, a preferência do arquiteto em desenvolver uma linguagem conceitual que optou por fugir, neste caso, de algumas das convenções comumente adotadas em seus respectivos projetos.

Tornar-se valido lembrar que a orientação espacial dos ambientes do bloco residencial, segue a matriz de ordenação racional comumente proposta por Souto de Moura em seus projetos. (STROHER, 2005). Esta evidência presente no próprio projeto, fortalece o argumento de uma composição que optou por estabelecer uma diferenciação funcional e formal entre a residência do cineasta e a edificação voltada para as atividades institucionais. Esta especificidade caracteriza um interessante posicionamento projetual, uma vez em que, apesar de residirem no mesmo terreno, estarem fisicamente unidas pelo mesmo subsolo e terem eventualmente sido projetadas por Souto de Moura, assumem particularidades formais e funcionais que as diferenciam.

Com relação a composição organizacional referente ao complexo institucional, tal inserção conseguiu estabelecer uma comunicação interativa entre distintas áreas do programa e agregou fluidez a espacialidade do respectivo complexo. Contudo, seria consciente ressaltar que, tal como foi realizado no modulo institucional, abordar da mesma forma (ou de maneira similar) a espacialidade da residência do próprio cineasta Manoel de Oliveira poderia vir a ser tão interessante quanto, a fim de dar continuidade ao discurso conceitual desenvolvido projetualmente para o bloco institucional.

6.2 FORMA

A composição volumétrica do complexo institucional consiste de uma derivação prismática de características cubicas que sugerem, de modo sutil, uma movimentação, em função da orientação de seus planos, mas que ainda dentro do aspecto cubico, propõe uma delicada estaticidade, de acordo com os princípios formais introduzidos por Ching (2013).



Imagem 07: Montagem Ilustrativa

-oliveira-classificados-como-monumentos-de-interesse-publico/>;<https://www.theodysseyonline. com/5-best-modern-directors> e modificada pelo autor

Em função da orientação axial irregular dos planos que compõem o sólido, a perspectiva é realçada do ponto de vista do observador. Na parte superior do volume situam-se dois elementos que constituem a personalidade formal e identidade visual do edifício: duas grandes janelas com suas respectivas molduras em projeção.





Estas podem ser interpretadas como os "olhos" do edifício e, de fato, se comportam como tal. Em razão da irregularidade angular de orientação dos planos do volume, ambas janelas buscam recortes distintos na paisagem, decorrente de suas igualmente distintas orientações. Volumetricamente, as janelas compõem uma articulação do edifício, além de conferir a sensação de movimento, através da perspectiva proporcionada (CHING, 2013).

Com base na leitura da montagem fotográfica inserida, pode-se idealizar que a solução formal elaborada pelo arquiteto sugere, de modo sutil, uma aproximação com o conceito de forma tipológica introduzida por Sílvio Colin, ao destacar que:

"Analogia e a relação de semelhança entre dois objetos; é um dos mais poderosos meios de criação de que dispomos. A forma arquitetônica analógica é inspirada por um objeto externo ao universo da arquitetura." (COLIN, p.71, 2000)

Inserida em uma composição abstrata, de orientação minimalista, compreende- se que há uma aproximação formal e estética do volume edificado com o equipamento cinematográfico de filmagem, uma vez em que a moldura das janelas em projeção propostas por Souto de Moura, aparentam assemelhar-se, formalmente e imageticamente, com a parte dianteira de uma câmera de filmagem profissional. E, tal como a funcionalidade de uma câmera, a orientação destas janelas buscam espaços vazios na paisagem, a fim de realizar uma conexão entre interior e exterior sendo esta, também, uma das características comuns aos demais projetos do arquiteto, segundo Castro (2008).

O edifício responsável por abrigar a função residencial foi volumetricamente idealizado de acordo com as convencionais posturas projetuais adotadas pelo arquiteto, pois com base na análise realizada, foi percebido que neste há uma simplificação formal que transparece uma condição minimalista e que, também, procura se associar visualmente com seu respectivo entorno. Este sólido cúbico de cor branca, inserido no terreno, expressa um contraste em relação ao bloco institucional edificado à sua frente.

7. CONCLUSÃO

Tornou-se possível, com base no desenvolvimento analítico realizado, introduzir a ideia de que a "Casa do Cinema Manoel de Oliveira" insere-se, dentro da produção arquitetônica de Eduardo Souto de Moura, como um elemento instigante ao debate proposto. Deste modo faz-se viável compreender que, tanto a aplicação de uma dialética projetual comumente realizada pelo arquiteto português, quanto a adesão de elementos e soluções arquitetônicas incomuns a esta mesma gramática, são capazes de culminar em um objeto arquitetônico que possui, em sua composição, componentes referentes a distintos posicionamentos projetuais, porém consegue ser percebido de modo homogêneo.

Há, no projeto analisado, uma notável diferenciação de aspectos formais e funcionais sobre as duas partes edificadas presentes no sítio. Tal distinção sugere a adoção de diferentes conceitos e partidos arquitetônicos para a composição individual de cada uma destas partes. Este posicionamento transparece uma reflexão de relevante análise: o projeto, em sua totalidade, denota a estruturação de duas linhas de raciocínio arquitetônico que foram desenvolvidas, pelo mesmo arquiteto projetista, na finalidade de residirem no mesmo terreno, que foram idealizadas no mesmo período de tempo, mas que por suas incompatibilidades programáticas, desenvolveram-se de modo diferenciado. Portanto, há de se raciocinar que tal imposição dá-se pela necessidade em se definir um espaço voltado para a atividade da privada e outra destinado ao domínio do uso público.





Esta manobra projetual sugere uma ressignificação dos posicionamentos arquitetônicos assumidos por Souto de Moura que, para a composição da residência do cineasta Manoel de Oliveira, assume sua típica linguagem de criação ao idealizar a edificação de um sólido cúbico que assume uma simplificação formal, com base na adoção de uma perspectiva de senso purista, que assimila características comuns a seu entorno e que, funcionalmente, se organiza de modo racionalizado. (STROHER, 2005)

E, em contrapartida, à frente deste mesmo sólido, se edifica um conteúdo prismático de faces irregulares, cujas janelas alcançam a projeção e dividem-se em busca de emoldurar recortes na paisagem e que, em sua materialidade, faz-se perceber aquilo que pertence ao térreo do edifício e o que se sobrepõe a este.

Portanto, torna-se compreensível destacar que a "Casa do Cinema Manoel de Oliveira" é, para além de uma edificação voltada à sua respectiva função, um exercício projetual que demonstra objetivamente a versatilidade compositiva de um arquiteto frente a um desafio programático e conceitual. Deste modo, fica subentendida a capacidade de Souto de Moura em revisitar seu próprio modo de composição e, neste ato, idealizar algo capaz de se comunicar com o que já lhe é comum e, ao mesmo tempo, lançar-se ao peculiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARATTO, Rômulo. Câmara do Porto põe à venda a Casa Manoel de Oliveira, projetada por Souto de Moura. 2014. Disponível em: < http://www.archdaily.com.br/br/601264/camara-doporto-poe-a-venda-a-casa-manoel-de-oliveira-projetada-por-souto-de-moura>. Acessado 30 Jun. 2017

CASTRO, Maria Alexandra Correia de. História e Tradição na Arquitectura Contemporânea Portuguesa: Cinco Obras de Arquitectura em Centros Históricos. 2008. 204 f. Dissertação – (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto, 2008. Disponível em: < file:///C:/Users/Usuario/Downloads/126863_T-6-4-12_TM_01_C.pdf >. Acessado em: 29 de Jun. de 2017

COLIN, Silvio. Uma introdução à arquitetura. 7° ed .Rio de Janeiro: Editora UAPÊ. 2000. p.196

CHING, Francis D.K. **Arquitetura**: Forma, Espaço e Ordem. 3°ed. São Paulo: Editora Bookman, 2013. 435 p.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Serralves à espera de fundos para construir Casa do Cinema Manoel de Oliveira, 2016. Disponível em: < file:///C:/Users/Usuario/Desktop/SOUTO%20DE%20MOURA/ Porto%20-

%20Serralves%20à%20espera%20de%20fundos%20para%20construir%20Casa%20do

%20Cinema%20Manoel%20de%20Oliveira.html>. Acessado em: 29 de Jun. 2017

MONTANER, Josep Maria. A condição contemporânea da arquitetura. São Paulo: Editora G. Gili, Ltda. 2016. 128 p.

SOUZA, João. Mi Modern Architecture Portugal – Casa do Cinema Manoel de Oliveira, 2011. Disponível < https://www.mimoa.eu/projects/Portugal/Porto/Manoel%20de%20 Oliveira%20Cinem a%20House/>. Acessado em: 29 de Jun. 2017





STRÖHER, Ronaldo de Azambuja. Casas do Norte de Eduardo Souto de Moura. ARQTEXTO, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n.6, p. 104-115, Jan 2005. Disponível em: < https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_6/09_Ronaldo%20 de%20 Azambuja%20Str%C3%B6her.pdf>. Acesso em: 29 de Jun de 2017

UNIVERSIDADE DO PORTO. Antigos estudantes ilustres da Universidade do Porto: Eduardo Souto de Moura, 2016. Disponível em: < file:///C:/Users/Usuario/Desktop/SOUTO%20DE%20 MOURA/U.%20Porto%20-%20Antigos%20Estudantes%20Ilustres%20da%20Universidade%20 do%20Porto_%20Eduardo%20Souto%20de%20Moura.html>. Acessado em: 29 de Jun. 2017

UNWIN, Simon. A análise da arquitetura. 3° ed. Porto Alegre: Editora Bookman; 2013. p.276





DADAÍSMO E DECADÊNCIA: A RUPTURA DOS PADRÕES DA MODERNIDADE PELA VANGUARDA

Pablo Sales de Rosa¹ Orientador: Mateus Golçalves de Medeiros²

RESUMO

Abordamos, neste trabalho, o movimento dadaísta, que surgiu no contexto da Primeira Guerra Mundial em Zurique com o objetivo de romper todas as convenções sociais, a começar pela arte. Nossa pesquisa, de caráter bibliográfico, tem por objetivo debater em que medida o dadaísmo foi um movimento fundamental para a ruptura de valores tradicionais tanto no âmbito da arte como da sociedade como um todo, tendo como ponto de partida a discussão de Walter Benjamin em seu texto "A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica". Em um primeiro momento será contemplada a contextualização histórica do movimento dada e seu caráter revolucionário. Em um segundo momento, será abordada, com base na conceitualização de Walter Benjamin, a discussão sobre os conceitos de contemplação e distração.

Palavras-chave: Dadaísta. Walter Benjamin. Arte. Revolucionário. Ruptura.

1 INTRODUÇÃO

O dadaísmo foi um movimento de contestação dos valores modernos de racionalidade que se mostraram falidos no contexto do pós-guerra, voltando-se contra os princípios de contemplação da arte de raiz mimética (ARGAN, 2010). Nonsense desde sua concepção em 1916, seu nome foi escolhido de maneira aleatória, num cabaré intitulado "Voltaire" em Zurique, ao se abrir um dicionário (GOMBRICH, 2012). Desde então, o movimento que tinha por motivo a destruição total da arte e de todos os valores anteriores a ela, hoje, dada a importância de seu caráter revolucionário, divide opiniões sobre o seguinte questionamento: afinal, o dadaísmo é arte ou não?

Adentrando no contexto da obra de arte no início do século XIX, mais precisamente no neoclássico, tem-se no valor de eternidade a fundação sólida do pensamento da arte daquela época, que seria posteriormente dilacerado por meio das obras dadaístas. O valor de eternidade é como um dogma, como a ideia de que os valores de uma certa sociedade são imutáveis, inquestionáveis. Tal concepção um tanto fascista, rapidamente virou o alvo principal do Dada, que tentava destruir não só a arte, mas as construções sociais que a embasavam, buscando causar modificações na percepção humana, portanto, na forma de contemplação (BENJAMIN, 2015).

2 REVISÃO DE LITERATURA

Por mais espontâneo que pareça, o dadaísmo possui uma razão intrínseca. Ele surge no momento em que a primeira grande guerra já expusera suas cicatrizes e configurava-se mais claramente como a falência do projeto de razão do pensamento moderno iluminista. E é diante desta afirmação que o dadaísmo edificará suas propostas no nonsense, desta vez em uma acepção positiva, encontrando assim o sentido para o nonsense que se tornou a razão. Para o dadaísmo, "a verdadeira arte será a antiarte. " (ARGAN, 2010, p. 356). Diz Argan:

> São os anos da primeira guerra mundial, cuja mera conflagração pôs em crise toda a cultura internacional. Pôs em crise, ao lado dos demais valores, a própria arte;

¹ Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus – pablosder@yahoo.com.br

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará - mateusgoncalves@gmail.com





esta deixa de ser um modo de produzir valor, repudia qualquer lógica, é nonsene, faz-se (se e quando se faz) segundo as leis do acaso. Já não é uma operação técnica e linguística; ela pode se valer de qualquer instrumento, retirar seus materiais, seja de onde for. De fato, não produz valor; ela documenta um processo mental, considerado estético por ser gratuito. É nonsense no nonsense, mas positivo porque o comportamento do mundo, que pretende ser lógico e é insensato, é um nonsense negativo e letal. Todavia, o nonsense, o acaso também pode ter uma coerência e um rigor próprios. Desfinalizada e desvalorizada, a arte já não é senão um sinal de existência; significativo, porém, quando tudo em redor é morte. ARGAN, 2010, p. 354. 3

De acordo com o autor, não foi apenas a cultura internacional que entrou em crise, mas também a arte. Essa cultura que se perde é o que outrora sustentara a arte e seus fins. "Diferentemente das outras correntes, que, seja como for, nascem de uma vontade de conhecer, interpretar a realidade e dela participar, o movimento Dada é uma contestação de todos os valores, a começar pela arte" (ARGAN, 2010, p.353). Antes, podíamos definir bem cada vanguarda artística de acordo com sua finalidade, sendo ela estética, técnica, formal ou social. O renascimento, por exemplo, tinha como intuito a representação da beleza por meio da mímesis da natureza. A tradição que valorizava os fins da arte é golpeada fortemente pelo movimento Dada, que, ironicamente possui apenas um fim: a destruição de todos os fins.

A partir do Dada, além de destituir a finalidade da arte, faz com que ela deixe de ser uma expressão técnica, podendo se valer de qualquer coisa, no caso, um mero ato mental, como é o caso dos ready-mades. Aqui, temos como exemplo o mictório invertido de Duchamp, intitulado "Fonte" (imagem 1) de 1917 e a "Roda de Bicicleta" (imagem 2) de 1913 do mesmo autor.



Imagem 1: Marcel Duchamp. Fonte (1917), Mictório Invertido, 0,60 m de altura.



Imagem 2: Marcel Duchamp. Roda de Bicicleta (1913), Ready Made; Madeira e Metal, 1,26 m de altura. Nova York, Sydney Janis Gallery.

No original italiano, está escrito: Sono gli anni della prima guerra mondiale, che col suo solo prodursi ha messo in crisi tutta la cultura internazionale. Ha messo in crisi, con gli altri valori, anche l'arte: la quale cessa di essere un modo di produrre valore, ripudia ogni logica, è non-senso, si produce (se e quando si produce) secondo le leggi del caso. Non è più un'operazione tecnica e linguistica: può valersi di qualsiasi strumento, prendere non importa dove i suoi materiali. Infatti non produce valore, documenta un processo mentale dato come estetico perché gratuito. È non-senso nel nonsenso, ma positivo perché il comportamento del mondo, che vorrebbe essere logico ed è insensato, è un non-senso negativo e letale. Ma anche il non-senso, il caso possono avere una loro coerenza e un loro rigore. Definalizzata e devalorizzata, l'arte non è più che un segno d'esistenza: significativo, però, quando tutt'intorno è la morte. ARGAN, 2008, p. 175.





Com o ready-made, apresenta-se como dotado de valor algo a que geralmente não se atribui valor algum. [...] Retirando-o de um contexto em que, por serem todas as coisas utilitárias, nada pode ser estético, situa-o numa dimensão na qual, nada sendo utilitário, tudo pode ser estético. Assim, o que determina o valor estético já não é um procedimento técnico, um trabalho, mas um puro ato mental, uma atitude diferente em relação à realidade. ARGAN, 2010, p.358.

É bem verdade que a produção industrial, agora fruto da fabricação em série e de caráter funcional não tem outro intuito senão o da sua própria utilidade. Nesta circunstância, ao tirar um objeto aleatório de seu ambiente original - como Duchamp faz ao retirar um mictório de seu contexto e o expor como uma peça de arte, assinando-o com um nome qualquer - e introduzi-lo numa nova dimensão, o nonsense, tornando o que antes era apenas utilitário em estético, o movimento Dada cria uma quebra de paradigma na arte: a "alteração do juízo".

Compreendido então o caráter nonsense, a lógica dadaísta explica a sua insensatez pelo cenário insensato na qual ela surge. No caso, o pensamento racionalista, herdeiro da tendência à racionalidade da era moderna, falhou. A razão falhou.

> A razão psicológica e moral à guerra leva a polêmica contra a sociedade da época aos seus extremos. A guerra era um acontecimento em contradição como o racionalismo sobre o qual se pretendia baseado o progresso social; os intelectuais que não queriam compartilhar da responsabilidade das classes dirigentes que desejaram a guerra teriam de assumir uma posição, e havia apenas duas posições possíveis. Primeiro: considerar a guerra como um passo em falso, um desvio fatal da linha "racional" da história [...] Segundo: considerar falsa a direção tomada pela civilização, e encarar a guerra como uma consequência lógica do progresso científico e tecnológico; era preciso, portanto, negar toda a história passada e qualquer projeto de uma história futura, e voltar ao ponto zero. Tal era não só a tese dadaísta, mas também o primeiro anúncio daquela "contestação global" que, após a Segunda Guerra, virá a se manifestar por toda parte, e com uma força e amplitude muito diversas, como vontade de remover todas as "censuras" racionais e libertar a sociedade da superestrutura da autoridade e do poder, isto é, dos valores institucionalizados⁴. ARGAN, 2010, p.356.

Segundo Argan, para os dadaístas, a guerra era um acontecimento em contradição com o racionalismo, sendo, ironicamente, uma consequência lógica do processo científico e tecnológico. Logo, o Dada surge como uma contestação de todos os valores institucionalizados decorrentes da razão, removendo todas as "censuras" racionais e libertando a sociedade da superestrutura de autoridade e poder. A considerar falsa a direção tomada pela civilização, o Dada previa a volta ao ponto zero. "O Dadaísmo propõe uma ação perturbadora, com o fito de colocar o sistema em crise, voltando contra a sociedade seus próprios procedimentos ou utilizando de maneira absurda as coisas a que ela atribuía valor". (ARGAN, 2010, p. 356).

Neste contexto, a produção dadaísta, mesmo que baseada no nonsense, é coerente em sua crítica. Por isso, Argan argumenta que o nonsense da obra dadaísta seria um nonsense positivo, por

No original italiano, Argan diz: La reazione psicologica e morale alla guerra porta all'estremo la polemica contro la società del tempo. La guerra era un evento in contrasto con il razionalismo su cui si voleva fondato il progresso sociale: gli intellettuali che volevano scindere la propria dalla responsabilità delle classi dirigenti che l'avevano voluta dovevano prendere una posizione, e le posizioni possibili erano due. Prima: considerare la guerra come un passo falso, una deviazione fatale dalla linea "razionale" dela storia [...] Seconda: considerare falsa la direzione di marciadella civiltà e la guerra come la conseguenza logica del progresso scientifico e tecnologico: bisognava allora negare tutta la storia passata ed ogni progetto di futura, ritornare al punto zero. Era la tesi dadaista, nonché il primo annuncio di quella "contestazione globale" che dopo la seconda guerra si manifesterà ovunque, e con ben altra forza ed ampiezza, come volontà di rimuovere tutte le "censure" razionali e liberare la società dalle sovrastrutture dell'autorità e del potere, cioè dei valori istituzionalizzati. ARGAN, 2008, p. 176-177.





se contrapor ao nonsense do mundo que é "negativo e letal". Portanto, o Dada quebra conceitos e construções sociais: a arte perde sua finalidade e o seu valor e se torna apenas um "signo de existência". De fato, a produção artística se transforma apenas num relato de uma época e de uma sociedade passada. Significativa, quando tudo ao redor já se perdeu.

Para melhor compreensão do movimento dadaísta e sua eventual ruptura artística, se faz necessário o retorno às questões relacionadas a reprodutibilidade da obra de arte, mais precisamente no que tange à fotografia e ao cinema e sua relação com o movimento Dada.

> Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. Os homens que faziam sempre podiam ser imitados por outros homens. [...] Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo [...]. Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. BENJAMIN, Walter, 1969, p. 166.

Aqui, Benjamin explica que a obra de arte em si sempre foi reprodutível, seja pelos discípulos de um artista para fins de aprendizado, seja pelo próprio mestre para disseminação das suas obras ou até mesmo por terceiros com o intuito de lucrar. Todavia, a reprodução técnica da obra de arte é um processo novo, passando pela xilogravura, litogravura, reprodução do som, fotografia e, por fim, o cinema. Nesse caso, mesmo na reprodução mais fiel de uma obra de arte, está faltando algo que o autor chama de "o aqui e agora da obra de arte", o que confere autenticidade e que também pode ser chamado de "aura da obra de arte":

> O que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do expectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Eles se relacionam intimamente com os movimentos de massa, em nossos dias. Seu agente mais poderoso é o cinema. BENJAMIN, Walter, 1969. p. 169.

Para Benjamin, 1969, a aura é a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja e essa singularidade é a primeira característica que se perde na reprodução. Ora, se não é uno, não existe aura, transformando a existência única da obra por uma existência serial. A obra de arte que antes só estava acessível ao visitante de um museu, agora pode ser exposta na sala da casa de qualquer um, podendo ser ampliada ou reduzida por meio das técnicas de zoom da fotografia. De certa forma, a reprodução avança à pintura: o pintor diante de uma tela expressará uma visão global de uma certa paisagem, enquanto um camera-man penetra na imagem e a fragmenta.

Dito isso, podemos utilizar o cinema, que se configura como o agente mais poderoso da reprodução da obra de arte até então, para ilustrar as mudanças iniciais da tradição artística, como ocorreu no dadaísmo. Primeiramente, uma mudança na própria forma de produção e fruição é estabelecida: a arte não é mais o produto de um único homem e tampouco é feita para um só observar. A fruição do cinema passa- se de individual para coletiva e já não mais se baseia na contemplação e sim na distração por meio de golpes de cenas e cortes que guiam o expectador. Tais características tudo tem haver com o movimento Dadá que tinha como intuito a destruição dos valores tradicionais da arte que antes de baseava na contemplação, despojando a aura. Como no cinema, o dadaísmo representa então uma arte estética e sensorial, violenta e chocante. A recepção agora é pela distração, não mais pelo recolhimento.





Os dadaístas davam muito menos importância à utilização mercantil de suas obras do que ao fato de que não pudessem elas se transformar em objetos de contemplação. Um de seus meios prediletos para alcançar êste (sic) objetivo consistiu no envilecimento sistemático da própria matéria de suas obras. Seus poemas são "saladas de palavras"; contém obscenidades e todos os detritos verbais imagináveis. O mesmo ocorre com seus quadros, sobre os quais colavam botões e passagens de trem. Chegaram, assim, a despojar radicalmente de qualquer aura as produções às quais emprestavam o estigma da reprodução. [...] Efetivamente, suas manifestações produziram diversão muito violenta, fazendo da obra de arte objeto de escândalo. BENJAMIN, Walter, 1969. p. 233.

2 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico em conformidade com as fontes citadas nas referências, além do estudo de documentos e análise de obras. Com base na leitura do texto "A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica" de Walter Benjamin, a discussão sobre o dadaísmo como instrumento de ruptura dos padrões da arte tradicional toma emprestado os conceitos filosóficos de perda da aura, valor de culto de valor de eternidade e contemplação versus distração trabalhados pelo autor. A pesquisa também se utiliza de outros autores como David Hopkins e Arthur Danto para complementar os conceitos de Benjamin.

3 CONCLUSÃO

Podemos interpretar o dadaísmo, à luz de Walter Benjamin, como um novo paradigma artístico que não mais se baseia na contemplação, assim como se espera na fruição da obra de arte tradicional, e sim em uma fruição distraída. De acordo com o autor, não se pode analisar uma obra dadaísta por meio da fruição contemplativa, pois ao se fazer isso, ela não fará sentido. A obra só passará a ter coerência após analisá-la por meio dos conceitos de fruição distraída. Isto constitui a ruptura dos valores tradicionais da arte a qual o dadaísmo se pretendia e se esforçou para atingir.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. A Arte Modera. Florianópolis: Cia das Letras, 2010.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

DANTO, Arthur. O Mundo da Arte. Trad. br. Rodrigo Duarte. Ouro Preto: Artefilosofia, 2006.9.

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. Trad. br. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

HOPKINS, David. After Modern Art. Oxford: OXFORD University Prress, 2000.





O ESTUDO SOCIAL DE GAREMA PLACE: APROPRIAÇÃO PÚBLICA E ELEMENTOS ECONÔMICOS COMO ESTRATÉGIA ACESSÍVEL PARA REVITALIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Mateus Souza de Vasconcelos¹ Thayná Gomes de Melo Leite² Viviane Sales Furtado³

RESUMO

Esse trabalho é um estudo de caso relacionado à compreensão dos significados e das potencialidades do experimento social e paisagístico implantado em Garema Place na cidade de Camberra na Austrália. A análise desse recorte enfatizou a importância do envolvimento comunitário para a apropriação do espaço livre urbano, e na utilização de elementos econômicos, simples e de fácil implantação como forma acessível para revitalizar os espaços. A abordagem do texto busca destacar esses elementos e explicar sua estruturação de forma a comprovar o porquê de o parque pop-up ter alcançado resultados positivos, além de extrair aprendizados que possam inspirar futuras intervenções em espaços urbanos pequenos, subutilizados e ociosos. Por meio de um estudo descritivo e uma pesquisa de opinião foi possível concluir que além dos elementos estruturadores do espaço, o envolvimento comunitário e sentimento de apropriação dos usuários, alcançados através de um projeto que busca atender às demandas sociais e resolver os problemas urbanos do ambiente, são cruciais para a requalificação e ativação do ambiente.

Palavras-chave: Espaço Público. Paisagismo. Intervenção Temporária. Revitalização. Apropriação Pública.

1 INTRODUÇÃO

Ao analisarmos o meio urbano a partir das vivências de seus habitantes, percebemos que a comunicação entre espaço e usuário revela significados culturais, impactando diretamente na vida pública, oferecendo restrições e induções à maneira como os indivíduos reagem e se comportam no seu dia a dia, levando em consideração que os ambientes livres, juntamente com o paisagismo conseguem alcançar os cinco sentidos, sendo esses: olfato, tato, audição, paladar e visão, se tornando de extrema importância dentro da cidade.

Atualmente, o valor do solo urbano, nas áreas mais adensadas da cidade acabam recebendo preços exorbitantes, dificultando o aumento ou manutenção dos e espaços verdes e livres, uma boa solução seria a utilização de parques pop-ups, onde sua implantação é de curto prazo em ambientes onde a intervenção busca trazer integração urbana por um reduzido espaços de tempo, mostrando a importância desses ambientes dentro do caos urbano, onde encontrar um lugar para relaxar dentro da cidade se compara a um oásis no deserto.

No caso aqui descrito, o Largo Garema, foi instalado um parque pop-up com o intuito de estudo social para identificar as necessidades e demandas da comunidade circundante, dos usuários do largo e, também, dos moradores de rua.

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus | mateus_souza_10@hot-1 mail.com

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus | thaynag_leite@outlook.com

Arquiteta e Urbanista, especialista em Paisagismo, professora do Centro Universitário Christus | prof.vivianefurtado@gmail.com





Através de uma análise desse caso e por meio de estudo descritivo, buscamos comprovar a importância do sentimento de apropriação pública como fator delimitador do projeto e formação de espaços livres urbanos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Autores como Kevin Lynch, Jane Jacobs e Jan Gehl reforçam a ideia de que a cidade deve servir às pessoas e a vida urbana. Espaços livres monótomos, sem comprometimento com a diversidade cultural e plasticidade, são recorrentes em diferentes malhas urbanas pelo mundo, " a ausência de visão de conjunto, que buscaria articular as questões de caráter ambiental, funcional e cultural é recorrente [...]" (CUSTÓDIO et al., 2011, pág.20), a porções urbanas não experimentadas pelos pedestres sofrem de problemas como "[...] demora, ação pontual, projeto de oportunidades, programas desarticulados e descontínuos, deficuldades técnicas, uso de material inadequado e o desconhecimento da legislação na implantação dos projetos" (CUSTÓDIO et al., 2011, pág.20)

Elementos como as vias, barreiras e marcos, conceituados por Kevin Lynch para a leitura dos espaços urbanos no final dos anos 50, e considerados como forma espacial, " a forma espacial pode ser edifício, rua, praça, bairro, cidade, conjunto de cidades, etc..", (MACEDO et al. 2012, pág. 144), atuaram como estruturadores do espaço. "O estudo da forma urbana não é considerado importante apenas para a definição e entendimento de padrões estéticos, mas sim pelo papel de contenedora da vida social, de estruturadora de dos sistemas de espaços livres [...]" (MACEDO et al. 2012, pág.143).

Porém para Duarte (2008, pág.175), é comum os autores e projetistas tentarem a todo custo identificar os elementos de Lynch como dados iniciais, sendo na verdade, resultantes das vivências no meio urbano. Segundo Fabio Duarte (2008, pág.175), Lynch não preconiza esses elementos como partido do projeto, mas como resultado de entrevistas e atuando como estruturadores da imagem coletiva da cidade.

Para Queiroga e Benfatti (2008, pág.83), " reduzir a paisagem a um sistema material, à dimensão visível dos sistemas de objetos não permite apreender, sobretudo na escala do lugar, toda a dimensão qualitativa desta visibilidade que caracteriza a noção de paisagem". Sendo assim, o estudo do desenvolvimento social no espaço por meio da observação é de grande importância para entender o seu funcionamento pois o "sistema de ações -integrantes do espaço- ao se realizar, qualifica a paisagem, se visualiza direta ou indiretamente nas diferentes paisagens. Para um mesmo sistema de objetos, podemos ter diferentes estados de paisagem". (QUEIROGA & BENFATTI, 2008, pág.83)

Constituinte nos rastros urbanos de Duarte (2008, pág. 178) "a percepção e representação da cidade estão diretamente ligadas a um imaginário urbano, formado por objetos e ações as quais não se inscrevem tradicionalmente no campo do urbanismo, mas operam pela projeção de signos de uma cidade desejada na cidade atual", sendo assim os projeto para revitalização de espaços subutilizados devem tratar da estruturação do espaço não apenas pelos elementos estruturadores e visíveis no espaço, mas também nas interações sociais e culturais entre os usuários e transeuntes que se apropriam de tal lugar.

3 O EXPERIMENTO SOCIAL DO LARGO GAREMA

Garema Place é um espaço público na cidade de Camberra na Austrália, caracterizado principalmente por ser um espaço "em grande parte concretado, de área aberta subutilizada cercada





por cafés, lojas e escritórios" (Street Furniture Australia, pág.3, tradução nossa). Assim, durante o International Festival of Landscape of Architecture: Not In My Backyard realizado em outubro de 2016, a empresa de mobiliários Street Furniture Australia em colaboração com os órgãos do governo e prefeitura4, criaram uma experiência social para ativar o espaço público. O projeto foi nomeado #BackyardExperience, pois o "espaço público é o novo quintal" segundo Hamish Dounan, diretor associado da CONTEXT Landscape Architects.

Segundo Street Furniture Australia, com o experimento foi possível associar a ociosidade do espaço em relação à três problemáticas: ao ambiente ser utilizado apenas para a passagem dos transeuntes, 97% das pessoas passavam por Garema Place e não paravam (2016, pág.7); pouca diversidade de usuários, sendo a maioria adultos e moradores de rua que se estabeleciam por longos períodos (2016, pág.8); a baixa densidade populacional da área, o centro comercial de Camberra tem dificuldades de lotar os espaços públicos mais utilizados mesmo em horas de pico de trabalho, em escala global, a cidade possui apenas 800 pessoas por quilometro quadrado em comparação às 1.500 em Melbourne e 1.900 Sydney (2016, pág.9).

Inspirados pelas filosofias do americano William Whyte, expert em placemaking, "[...] um conceito cunhado pela ONG norte-americana, Project for Public Spaces (PPS), para definir os processos de desenho colaborativo dos espaços públicos que levam em conta os desejos, interesses e necessidades das comunidades locais" (Archdaily, 2017), a equipe desenvolveu um projeto para revitalização do espaço por meio de um parque pop-up "construído para parecer rústico e não refinado, explora certos elementos intuindo atrair pessoas e impactando em seus sentimentos e comportamentos" (Street Furniture Australia, pág.5, tradução nossa).

Imagem 1 – Antes e Depois da IntervençãoFonte: Street Furniture Australia, 2016) / Edição feita pelos autores.



O experimento utilizou câmeras de time-lapse para observar o projeto no período anterior à intervenção e depois, nos seus 8 dias de duração, seu processo e resultados foram documentados em um relatório disponibilizado na internet pela Street Furniture Australia. O parque pop-up tomou como partido estratégias simples e de fácil implementação, visando atrair mais pessoas para a área; tornar o espaço caloroso e familiar em prazo e orçamento limitados, e extrair aprendizados para a estruturação de futuras intervenções. "Usou-se o poder da observação para descobrir como assentos móveis e outras intervenções simples, como cor, iluminação e vegetação, podem impactar as comunidades" (2016, pág.5, tradução nossa), esses elementos foram levados em conside-

ACT Government e In The City Canberra





ração para tornar o local mais acolhedor. Na intervenção foram utilizadas 60 mobiliários flexíveis que variavam entre forma, cor e função, possibilitando que os usuários os movessem pelo espaço. A liberdade das pessoas ativarem o espaço da forma que os convém, causa maior interação social e participação. Antes da implantação em Garema, algumas pessoas foram entrevistas e a maioria apresentou receio pelas cadeiras serem roubadas ou danificadas pelo fato de não estarem fixas ao chão, mas apesar da conjuntura, nenhuma cadeira foi roubada durante os oitos dias de implantação devido ao zelo da comunidade e resguardo dos comerciantes locais e moradores de rua.

Imagem 2 – Mobiliário Flexível



Fonte: Street Furniture Australia, 2016

Segundo William Whyte (1980), o assento é indiscutivelmente a maneira mais rápida, fácil e econômica de trazer mais pessoas para um espaço aberto. Ainda na sua visão, o mais interessante seria a forma de integração que os assentos podem trazer:

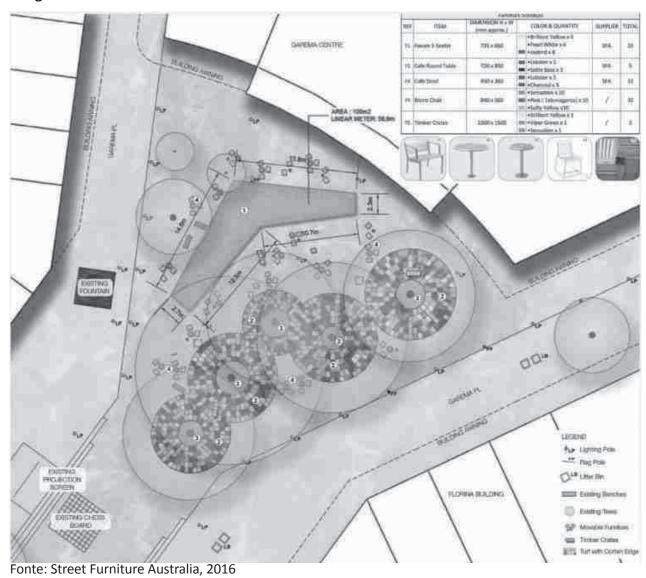
> Idealmente, sentar-se deve ser confortável. Mais importante, no entanto, que seja socialmente confortável. Isso significa escolha: sentado na frente, na parte de trás, ao sol, na sombra, em grupos, sozinho. A escolha deve ser incorporada ao design básico. Mesmo que os bancos e cadeiras possam ser adicionados, o melhor curso é maximizar a sensibilidade para características inerentes (pág.27-28, tradução nossa).

Além da flexibilidade, para aumentar significantemente a diversidade demográfica dos usuários, atraindo mais crianças e tornando o ambiente com um caráter familiar, utilizou-se das cores no mobiliário, nos tecidos que abraçavam as árvores, na paginação de piso e na iluminação. "As pessoas entrevistadas durante a experiência repetidamente davam crédito ao aspecto colorido do parque como a razão para pararem, sentar e fazerem uma pausa, ao invés de apenas passarem pelo local" (Archdaily, 2017). O aumento do fluxo de pessoas tanto de dia quanto de noite causa uma sensação maior de segurança, principalmente para as famílias, e beneficia também os bares e restaurantes locais devido a major atividade comercial.





Imagem 3 - Planta Baixa



É perceptível o resultado parecido no estudo de comparativos entre praças de pequeno porte em Nova Iorque, realizado por William Whyte e retratado no seu livro The Social Life os Small Urban Places. Segundo Whyte (1980, pág.24, tradução nossa) "nunca nos julgamos capazes de medir esses fatores, mas esperamos que nossa pesquisa mostre que as praças bem sucedidas tendem a ser as mais agradáveis visualmente". O estímulo pode ser um objeto físico ou um recorte da paisagem (WHYTE, 1980), esses estímulos visuais causados pelas cores e pelos elementos presentes em Garema Place atuam como atrativos para os usuários e transeuntes da área.

Um espaço gramado foi adicionado para complementar à vegetação existente da praça compostas de árvores, servindo para suavizar a extensa área concretada e gerando um espaço para relaxamento ou para as crianças e animais brincarem e correrem. "A relação entre o plano verde aberto e as árvores que crescem fora do solo urbano adiciona um elemento mais dinâmico ao Garema Place, em contraste com a aparência tediosa e homogênea que apresentava antes da intervenção do #BackyardExperiment" (Archdaily, 2017).





Imagem 4 – Envolvimento ativo da comunidade



Fonte: Street Furniture Australia, 2016

Os elementos delimitadores do espaço foram de grande importância para a revitalização da praça, mas o fator mais relevante foi o envolvimento tanto por parte das organizações quanto por parte da comunidade. As mantas de tecidos utilizadas nas árvores foram tricotadas por costureiros locais que se organizaram por meio de um grupo em uma rede social; durante a pintura do piso, transeuntes paravam para indagar sobre a atividade e tomavam a inciativa de ajudar; a biblioteca do governo cedeu estantes de livros para serem utilizadas como parte do mobiliário utilizado, além de livros digitais para download pelos usuários do espaço. Segundo a Street Furniture Australia (2016, pág.16, tradução nossa) "O parque foi construído pela comunidade e para a comunidade [...] O projeto não teria sido possível sem o tempo, os recursos e os esforços dos negócios locais e grupos comunitários"

O wi-fi gratuito no parque pop-up tornou possível que pessoas compartilhassem fotos e vídeos nas redes sociais, dessa forma divulgando e atraindo mais interessados em conhecer o local. De acordo com os organizadores do experimento o parque não foi divulgado ativamente para a comunidade por parte deles, a própria usabilidade do espaço serviu como forma de atrativo para a sociedade, os usuários tornam-se os promotores do próprio ambiente. O uso dos dispositivos digitais associados aos usuários do espaço foi observado pela Street Furniture Australia através do experimento:

> Câmeras digitais de time-lapse fotografaram o parque em três ângulos diferentes a cada cinco segundos, capturando incontáveis momentos de interação e dados. Isso inclui o número de pessoas que foram vistas usando dispositivos móveis, para avaliar como essa mudança social atualmente influencia a maneira como usamos os espaços públicos. (Street Furniture Australia, 2016, pág.15, tradução nossa).

A ativação do espaço antes subutilizado de Garema, ocorre por meio da apropriação dos usuários pelo envolvimento comunitário. A atitude das pessoas de tomarem iniciativa e se interessarem no desenvolvimento e resultado final a ponto de dedicarem seu próprio tempo para participar das atividades do projeto, causa um sentimento de apropriação pública. Whyte explica por que desse ser um dos principais fatores para um espaço urbano funcionar bem, "Eu chamo isso de





triangulação. Por isso, quero dizer, esse processo pelo qual algum estímulo externo fornece uma ligação entre as pessoas e induz estranhos a conversar uns com os outros" (1980, pág.94). Isso demostra a importância da interação social nos espaços urbanos e sua funcionalidade:

> Pessoas tem um bom senso do número certo para um local e são elas quem determinam o quanto é demais. Elas também não procuram se afastar de tudo. Se o fizerem, iriam para lugares solitários e vazios, onde há poucas pessoas. Mas ao contrário, vão para lugares animados onde há muitas pessoas. E eles vão por escolha – não para escapar da cidade, mas para participar disso. (WHYTE, 1980, pág.100, tradução nossa).

Os resultados positivos do experimento correm devido aos fatores sociológicos e de estruturação do espaço, pensados para corrigir os problemas encontrados e atender às demandas locais. O projeto em Garema Place ocasionou o engajamento da população da área e na melhoria de utilização do espaço a longo prazo, por meio de uma implementação de curto período e menor custo.

4 METODOLOGIA

O delineamento do estudo deu-se por meio de pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e teses. Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, pág.61), a pesquisa bibliográfica "constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema".

O estudo bibliográfico foi realizado com o intuito de colher informações a respeito de um problema, constituindo parte de uma pesquisa descritiva. Sendo assim, para Cervo, Bervian e da Silva (2007, pág.61), este tipo de pesquisa ocorre quando se registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Esta modalidade se assumiu nesse artigo como forma de estudo descritivo, estudando e pormenorizar características, propriedades ou relações existentes na comunidade usuária do Garema Place; e como pesquisa de opinião, procurando descobrir as atitudes, pontos de vista e preferência das pessoas a respeito do tema abordado, minuciar procedimentos, descobrir tendências, reconhecer interesses e outros comportamentos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O método de pesquisa e documentação utilizado no experimento social do projeto #BackyardExperience utilizou de câmeras time-lapse para gravar Garema Place e seu entorno em um período de quatro dias antes da implantação e oito dias depois da implantação, sendo desses oito dias, apenas quatro analisados. Os fatores levados em conta para a pesquisa de dados foi o tráfego a pé (visitantes no total); usuários (visitantes com permanência no local); grupos demográficos e as atividades exercidas.

Em um período de 8 dias, o número de transeuntes aumentou 190%, antes do experimento o número era de 27.430 pessoas e passou para 52.195 (aumento de 24.665 pessoas). "Mesmo que as pessoas não permanecessem, muitos pedestres escolheram passar por Garema ao invés de divergir para outras rotas" (Street Furniture Australia, 2016, pág.18, tradução nossa)

O número de usuários (visitantes que permaneciam no local) aumentou uma porcentagem de 247%, antes com um número de 1.049 pessoas para 2.592. A diversidade demográfica foi a mudança mais significativa do experimento, com um aumento de 631% de crianças que usufruíam da área, sendo antes do experimento apenas 32 crianças para depois do experimento o número ser de 202. "Amigos, casais, famílias com crianças, aposentados, profissionais e a comunidade da rua foram vistos juntos na mesma localidade" (Street Furniture Australia, 2016, pág.21).





Segundo a Street Furniture Australia a transformação foi comentada principalmente à noite, "a vida noturna de Garema Place geralmente consistia por adultos, mas durante o experimento nós notamos mais famílias com crianças brincando no parque depois de escurecer" (2016, pág.23, tradução nossa).

Através do relatório e vídeo documentário disponibilizado online pela Street Furniture Australia, é possível perceber por meio de dados e pesquisas as mudanças positivas para a ativação social e na estruturação do espaço livre urbano de Garema.

6 CONCLUSÃO

Durante a análise do experimento, foi possível identificar aspectos do projeto que respeitam e tratam com adequação o entorno, promovem encontro dos diferentes, suscitam percepções e possuem qualidade no design. Esses resultados foram alcançados por meio de elementos de baixo custo e fácil implantação, e principalmente pela apropriação dos usuários através do envolvimento comunitário. Todos esses elementos de ativação seguiram uma filosofia mais leve, barata e rápida, que propõem remodelações para espaços públicos com orçamento limitado podem oferecer resultados rápidos e efetivos para um espaço subutilizado (Project For Public Spaces, 2016).

Foi evidenciado a requalificação urbana em Garema Place através da implantação de novas formas e usos do espaço, respondendo às demandas dos novos rumos traçados pela comunidade local, ou seja, a paisagem urbana pode ser projetada de várias maneiras podendo evidenciar seus compromissos com a sociedade e gerar possibilidades para usufruir do mesmo. "A apropriação e o investimento pessoal no projeto de toda comunidade é o que dá vida a um espaço público, não apenas os objetos que são colocados nele" (Archdaily, 2017), o projeto rebateu a necessidade da participação comunitária; o sentimento de apropriação das pessoas em um espaço projetado por elas e para elas e a importância de conectar os usuários, transeuntes e os moradores de rua, para um espaço livre urbano não se tornar subutilizado e ocioso.

REFERÊNCIAS

CUSTÓDIO, Vanderli; CAMPOS, Ana Cecília de Arruda; MACEDO, Silvio Soares; QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Espaços livres públicos nas cidades brasileiras. Revista Geográfica da América Central. N° especial. EGAL. Costa Rica. 2011

DUARTE, Fábio. Cidade, modos de usar: um ensaio sobre leitura. Paisagem Ambiente: ensaios. N° 25. São Paulo. 2008

GAETE, Martínes Constanza. Como construir lugares para melhorara a saúde mental dos habitantes. Archdaily. 3 de maio de 2017. Acessado em: 6 de junho de 2017. Disponível em: < http://www.archdaily.com.br/br/870258/como-construir-lugares-para-melhorar-a-saude-mentaldos-habitantes>.

MACEDO, Silvio Soares; QUEIROGA, Eugenio Fernandes; GALENDER, Fany Cutcher; CAMPOS, Ana Cecília de Arruda; CUSTÓDIO, Vanderli; DEGREAS, Helena; GONÇALVES, Fábio Mariz. Os sistemas de espaços livres na constituição da forma urbana contemporânea no Brasil: produçã o e apropriação (QUAPÁ-SEL II). Paisagem Ambiente: ensaios. N° 30. São Paulo. 2012

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Da relevância pública dos espaços livres: um estudo sobre metrópoles e capitais brasileiras. Revs.Inst.Estud.Bras. São Paulo. № 58. 2014.





QUEIROGA, Eugenio Fernandes; BENFATTI, Denio Munia. Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico. Paisagem Ambiente: ensaios. N° 24. São Paulo. 2007

WHYTE, Whilliam H. The social life of small places. Project For Public Spaces, Inc. New York. 1980-2000.

ZILLIACUS, Ariana. Seis estratégias acessíveis para ativar o espaço urbano. Archdaily. 9 de março de 2017. Acessado em: 6 de junho de 2017. Disponível em: < http://www.archdaily.com.br/ br/806518/seis-estrategias-acessiveis-para-ativar-o-espaco-urbano>.





AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS, ANALISANDO NA RESOLUÇÃO DE QUESTÕES A PARTIR DAS ATIVIDADES PRÁTICAS PROPOSTAS NA DISCIPLINA DE TEC1

Mateus Souza de Vasconcelos¹ Diego de Castro Sales²

RESUMO

Através do estudo das metodologias ativas o artigo aqui apresentado avalia o desempenho dos alunos na disciplina de Tecnologia da Construção 1 por meio da análise de questões aplicadas em provas referentes a temas e trabalhos estudados durante o período de 2016.2 assim visando discutir o caráter teórico-prático da disciplina, colhendo dados do desempenho das provas e comparando dados levantados com o ponto de vista dos alunos, assim chegando a conclusão e a importância do uso de métodos práticos, desenvolvendo aulas mais participativas e com trabalhos baseados na vida e desafios profissionais. O aluno de ensino superior é considerado como principal agente e responsável pelo seu crescimento e amadurecimento assim sabendo do riscos da aplicação prática, podendo ter total aprovação ou não, de modo individual e como um todo. No decorrer da pesquisa serão apresentados os resultados e trabalhos aplicados na turma de 2016.2 matriculados na disciplina de Tecnologia da Construção 1.

Palavras-chave: Métodos. Ensino. Superior. Práticas. Arquitetura.

1 INTRODUÇÃO

Os avanços da atual sociedade cada vez mais exigem que os profissionais possuam formação capaz de desenvolver soluções inovadoras para distintas situações, a partir dos conhecimentos acadêmicos adquiridos. Nesse contexto a universidade apresenta-se como um ambiente propício ao desenvolvimento dessas soluções, de maneira que não basta pensar na graduação acreditando que somente conhecimentos teóricos serão suficientes para tal capacitação. Outras práticas pedagógicas devem promover o debate.

A pesquisa é um dos instrumentos de auxílio que provoca postura crítica e questionadora, e nesse caso o professor apresenta-se apenas como um orientador, apresentando novas situações que possam estabelecer relação direta entre teoria e prática, assim como Zubalza (2014) onde atribui dentre as três funções do professor, a docência, a pesquisa e a administração dentro da universidade.

"Os dados da literatura pesquisada demonstram que a interdisciplinidade pode auxiliar na dissociação do conhecimento produzido e orientar a produção de uma nova ordem de conhecimento, constituindo condição necessária para melhoria da qualidade de Ensino Superior" (FA-VARÃO, N.R.L.; ARAÚJO C.S.A. 2004, P.103-115). Assim destacando a importância de avanços de novas metodologias na Universidade.

O estudo realizado através das metodologias ativas, visa reconhecer o processo de aprendizado dos alunos como principal agente responsável pelo seu desenvolvimento na matéria estudada. Através dessas metodologias, vêm sendo aplicados trabalhos práticos na disciplina de Tecnolo-

¹ Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unichristus. E-mail: mateus_souza_10@hotmail.com

² Arquiteto e Urbanista, professor da disciplina de Tecnologia da Construção 1 – Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unichristus. E-mail: diegocs86@yahoo.com.br





gia da Construção 1, os quais possibilitam aproximar os alunos a vivência cotidiana em sua futura profissão. Esta disciplina, pertence à estrutura curricular do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus – Unichristus, caracteriza-se pro ser

> Disciplina de introdução ao conhecimento dos materiais, componentes e sistemas da construção no contexto da obra, com ênfase na apreensão de seus aspectos qualitativos. Objetiva o desenvolvimento da consciência construtiva do aluno a partir da compreensão das técnicas, dos materiais, componentes, sistemas e equipamentos presentes nas seguintes etapas da construção: 1. Serviços iniciais (projeto, serviços preliminares, canteiro de obras, locação, trabalhos em terra, etc); 2. Fundações (diretas, indiretas, arrimos, contenções, etc.), 3. Estruturas (concreto armado, metálica, moldada in loco, pré-moldada, pré-fabricada, etc.) 4. Vedações (paredes maciças, alvenarias, painéis, divisórias, esquadrias e elementos vazados, etc.) 5. Cobertas (estrutura, cobertura, impermeabilização, etc.). Permite ao aluno identificar as principais falhas estruturais e de revestimento. Além ainda, busca aproximar o aluno do contexto atual da construção civil, através de discussões sobre a segurança do trabalho em obra e a filosofia Lean Construction.

Ministrada ao longo de uma carga horária de 80 horas / aula, a disciplina se situa dentro do artigo 5°, parágrafo VII, da Resolução de nº 2, de 17 de Junho de 2010, Conselho Nacional de Educação, onde cita os conhecimentos especializados para o emprego adequado e econômico dos materiais de construção e das técnicas e sistemas construtivos, em prol de definição de instalações e equipamentos prediais, apto a organização de obras e canteiros e para a implantação de infraestrutura urbana.

É de grande importância o conhecimento geral das técnicas e processos construtivos utilizados atualmente no meio de construção, em vista que boa parte das áreas de atuação de arquitetos e engenheiros está ligada a obras e a processos construtivos de reformas, demolições e projetos arquitetônicos. Um aluno que em total aprendizado na disciplina, com conhecimento do conteúdo ganha destaque e facilidade na hora de projetar e põe em prática suas ideias, fazendo com que a disciplina seja uma aliada no processo criativo de projetos. Conforme Vazquez (1968) a prática guia a ação e molda a atividade do homem.

Segundo Favarão N.R.L. e Araújo C.S.A.; para adquirir essa habilidade é necessário trabalhar com práticas pedagógicas voltadas para a formação do estudante e exercício da cidadania absoluta, respeitando a individualidade de cada um e utilizando conteúdos interdisciplinares. A monitoria é uma maneira de fortalecer e ampliar os alcances da disciplina envolvendo os alunos, com o auxílio em trabalhos práticos, revisões e englobando novos assuntos e debates. Buscando melhorias e tentando incentivar os estudantes. As metodologias aqui aplicadas procuram avaliar o desempenho e a vontade individual de aprendizado dos alunos, os considerando-os como principais ativadores, comprometidos e responsáveis, sendo capaz de planejar suas ações e assumir responsabilidades.

Dentro desse contexto, a tal pesquisa realizada consistiu na avaliação do desempenho dos alunos, através das análises da resolução de questões correlacionadas a partir das atividades práticas propostas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Buscando fatos concretos e relevantes para a pesquisa, buscando desenvolver e analisar dados reais das questões e alunos que participaram da disciplina e monitoria, buscamos desenvolver uma revisão integrativa, onde alia a literatura empírica e teórica, formando-o o banco de dados utilizamos de autores como FAVARÃO N.R.L. e ARAÚJO C.S.A. que juntos estudam e descrevem a





importância da interdisciplinaridade no ensino superior, onde podemos perceber várias citações durante a leitura que se segue. VAZQUEZ A.S. foi uma leitura de extrema importância assim como leis e normas e artigos sobre o ensino superior e a importância de tais práticas no ensino.

2 MÉTODOS

Em 1968, criou-se o sistema universitário federal brasileiro, onde a Lei nº 5.540, de 28 de Novembro de 1968, implementou em seu artigo 41 a monitoria acadêmica, assim, mostrando a necessidade de criar cargos de monitor para alunos de cursos de graduação onde submetidos a provas específicas e demonstrando capacidade de desenvolvimento técnico e didático poderiam ter essa função remunerada e em seu currículo.

A monitoria é um instrumento auxiliador para a melhoria do ensino de graduação e visa articular com a teoria e prática a integração curricular em diferentes aspectos (UNIDERP). O aluno-monitor deve mostrar capacidade e interesse de passar conhecimento, através dos trabalhos e tarefas realizadas com auxilio do professor, sendo assim não diferente na disciplina de Tecnologia da Construção 1.

Imagem 1 – Atendimento em Laboratório com Professor e Monitor de Tec1.



Fonte: Elaborada pelo Autor.

O programa de iniciação a docência de Monitoria do Centro Universitário Christus – Unichristus consiste em um cumprimento de 12 horas semanais à disciplina, sendo essas divididas em um atendimento semanal obrigatório com o professor do conteúdo, duas horas para atendimento exclusivo do monitor com os alunos matriculados na aula e oito horas para estudos semanais sobre assuntos e tarefas abordadas no decorrer da disciplina, assim, se mantendo atualizado e apto a auxiliar de maneira satisfatória no ensino da graduação.

A pesquisa conta com levantamento documental: Lei de Diretrizes Curriculares Nacional, ementa, plano de ensino e resultado das avaliações. Conta ainda com pesquisa bibliográfica para elaboração do referencial, aplicação de questionário entre os alunos e, por fim, tratamento estatístico dos dados sobre resultados das provas.

Quanto ao campo da pesquisa, foram avaliados os alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo desta instituição que cursaram a disciplina de Tecnologia da Construção 1 em 2016.2. Tal dis-





ciplina faz parte da grade do segundo semestre, no entanto alguns alunos não estão no semestre corrente. Esses alunos estavam divididos da seguinte maneira: 41 alunos da turma A e 10 alunos da turma B, totalizando 51 alunos, os mesmos, analisados entre 12 questões, distribuídas entre as avaliações da unidade 2 (NP2) e unidade 3 (NP3), referentes a dois trabalhos práticos sendo um a cada unidade.

Os trabalhos práticos aplicados aos alunos são referentes a assuntos que se encontram dentro de ementa curricular da disciplina e auxilia na formação dos alunos como futuros arquitetos, analisando os alunos como agentes no seu processo de formação no ensino superior, pois o meio acadêmico mesmo fornecendo todas as ferramentas e com métodos ativos eficazes, sem o interesse particular e individual dos estudantes essas opções não conseguem chegar a um resultado esperado.

Todos os assuntos abordados nas questões de provas onde foram avaliados, foi tratado em sala de aula com o Professor, revisado em atendimento com o Monitor e aplicado em atividades práticas realizadas antes da aplicação das questões em provas (NP2 e NP3), buscando analisar o grau de similaridade dos alunos através da absorção dos assuntos.

Para chegar a uma análise final, a aplicação de um questionário com os alunos do mesmo semestre 2016.2 busca entender a monitoria como ferramenta de aprendizado e comparar a necessidade dos trabalhos e aulas práticas sobre os assuntos e questões aplicadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados parciais aqui apresentados faz uma análise da quantidade de acertos e erros das questões similares aos assuntos abordados pelas atividades práticas com o professor e monitor da disciplina. Categorizado em acertos totais, parciais e não acertos, conseguimos chegar a uma média de conhecimento de absorção da matéria com esses alunos que tiveram acesso as aulas de monitoria e prática.

Tabela 1 – Questões aplicadas na NP2

Unidade 2 – alvenaria racionalizada										
	Turma A (41 alunos – 33 presentes)			Turma B (10 alunos – 8 presentes)			2ª. chamada (2 realizaram)			
	AT	AP	NA	AT	AP	NA	AT	AP	NA	
Questão 1	26	3	4	5	2	1	2	0	0	
Questão 2	18	15	0	5	3	0	2	0	0	

Legenda: AT = acertaram totalmente; AP = acertaram parcialmente e NA = não acertaram.

Fonte: Autoral, baseado em dados levantados pelo professor.

Na unidade 2 da disciplina de Tecnologia da Construção 1 é abordado técnicas construtivas e o assunto que recebeu de método ativo e prático foi sobre a utilização de alvenarias racionalizadas, desde a construção de fiadas, materiais, famílias e afins. Os alunos receberam aulas teóricas e dinâmicas através da utilização de slides e apresentação oral do professor, para auxílio das dúvidas, além de receber atendimento com o monitor onde revisou o assunto e juntamente com o mestre aplicou atividades práticas de construção de fiadas de uma casa, com famílias diferentes e desafios construtivos reais.





Imagem 2 – Aula Prática sobre Construções de fiadas racionalizadas



Fonte: Elaborada pelo Autor.

Tabela 2 – Questões aplicadas na NP3

Unidade 3 – detalhamento de telhado									
	Turma A (41 alunos – 32 presentes)			Turma B (10 alunos – 7 presentes)			2ª. chamada (1 realizou)		
	AT	AP	NA	AT	AP	NA	AT	AP	NA
Questão 1	8	11	13	1	3	3	0	1	0
Questão 2	9	12	11	2	1	4	0	0	1

Legenda: AT = acertaram totalmente; AP = acertaram parcialmente e NA = não acertaram. Fonte: Autoral, baseado em dados levantados pelo professor.

Na unidade 3 é abordado sistemas de vedação e cobertas para projetos arquitetônicos, considerando o telhado o método mais comum utilizado no brasil, o detalhamento é aplicado de maneira prática buscando ensinar de forma efetiva o cálculo de telhas, ripas, caibros e todos os elementos desse sistema, além da representação gráfica e detalhamento em projetos, sendo aplicado para os alunos com telhas e projetos diferentes.

Observou que os melhores resultados foram registrados nas avaliações referentes à unidade 2, poucos alunos da amostra erraram totalmente a questão. Ficaram divididos os resultados referentes à acertar totalmente ou acertar parcialmente as questões. Isso leva a discussão que o trabalho foi significativo para o desempenho das questões da prova, de maneira a ser recomendado a continuação da aplicação do trabalho prático de alvenaria racionalizada.

No entanto, quando observados os resultados referentes ao desempenho da Unidade 3 para o detalhamento do telhado, os resultados indicaram que quantidade significativa dos alunos não acertaram nada nas questões ou acertaram somente parcialmente, não retendo totalmente o conteúdo, apresentando dúvidas no detalhamento e execução prática.

Levando em consideração a quantidade de acertos e erros, busca entender o quanto foi significante a ajuda do monitor na disciplina através da aplicação de um questionário, onde apenas três alunos que frequentavam a monitoria chegaram a responder, mostrando também o interesse da turma com o programa.





Tabela 3 – Questionário

Resultado Questionário	
1) Em qual chamada realizou a NP2 de Tec1 em 2016.2?	(3) 1a. Chamada () 2a. Chamada
2) Qual Sua nota na NP2?	() 0 - 2,5 () 2,6-5 (1) 5,1-7,5 (2) 7,6-10,0
3) Qual a faixa de acerto nas questões relativas a alve- narias racionalizadas, considerando a soma total obtida nelas?	() 0 – 0,5 () 0,6-1,0 () 1,1-1,5 (1) 1,6-2,0 (2) 2,1-2,5
4) Em qual chamada realizou a NP3 de Tec1 em 2016.2?	(3)1a. Chamada ()2a. Chamada
5) Qual Sua nota na NP3?	() 0 - 2,5 () 2,6-5 (2) 5,1-7,5 (1) 7,6-10,0
6) Você considerou que os trabalhos práticos tenham sido importantes para o aprendizado sobre o assunto?	() Não Importou() Pouco Importou() Importou(3) Extremamente Importante
7) Os trabalhos práticos relativos a alvenarias racionalizadas e execução de telhado devem ser mantidos?	() Não (3) Sim () Sim, mas com alterações
8) Qual sua frequência de presenças nos atendimentos de Monitoria?	 () Não frequentou (1) Frequentou Pouco (2) Frequentou durante trabalhos práticos () Frequentou próximo as provas () Frequentou próximo as provas
9) Os atendimentos na monitoria auxiliaram na com- preensão dos trabalhos práticos?	 () Não auxiliou () Pouco auxiliou (2) Auxiliou Parcialmente (1) Auxiliou Integralmente () Não sei opinar
10) Como você avalia a didática do Monitor?	() Insuficiente() Regular() Boa(3) Ótima() Não sei opinar
11) Como você classifica o planejamento dos trabalhos práticos na disciplina	() Insuficiente() Regular(1) Boa(2) Ótima() Não sei opinar
12) Você acredita que o programa de monitoria em Tec1 é importante?	 () Não é importante () Pouco Importante (2) Importante (1) Extremamente Importante () Não sei opinar

Legenda: 1 = opção escolhida por uma pessoa; 2 = opção escolhida por duas pessoa e 3 = escolhida por três

Fonte: Autoral, baseado em dados levantados em questionário aplicado.





4 CONCLUSÃO

"O domínio da ciência e da técnica não é suficiente para garantir uma vida equilibrada e justa para a comunidade" (FAVARÃO, N.R.L.; ARAÚJO, C.S.A. 2004, p.103-115), a busca pelo conhecimento e maturidade deve ocorrer de forma individual, como já dito, o aluno é o responsável agente pelo seu conhecimento e os instrumentos ofertados mesmo sendo de forma interdisciplinar não apresentam total resultados quando o interesse não é apresentado.

Tais frutos apresentados nos permite concluir que os trabalhos e aulas práticas ajudaram aos alunos a absorverem o conteúdo e assim facilitando a aplicação em futuras necessidades, descomplicando também na hora de projetar e aplicar as técnicas e materias estudadas em casos reais.

O papel do monitor foi considerado importante na hora de auxiliar o professor e vivenciar a rotina de docência, sendo mostrado nos resultados que os atendimentos solucionou problemas e dúvidas dos alunos sendo importante a continuação dos trabalhos e da monitoria no curso de tecnologia da construção 1.

O ensino superior aliado com métodos ativos e interdisciplinares apresenta maiores resultados, dando mais opções aos universitários e necessitando também de um feedback de interesse dos mesmos, levando também voz aos serviços ofertados sempre buscando melhores mudanças e resultados.

REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. RESOLUÇÃO Nº2. Brasil, 2010, 3p.

ASBEA, Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo, 1977. Disponível em: < http://www.abea.org.br/?page id=156> . Acesso em: 15 de março de 2017.

ABENGE, Associação Brasileira de Educação em Engenharia, 1977. Disponível em: < http:// abenge.org.br/a-abenge>. Acesso em: 13 de março de 2017.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. Didática teórica/Didática prática: para além do confronto. São Paulo: Loyola, 1991.

SAVIANI, Dermeval. História das idéias pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados,

ZUBALZA, M.A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.s

FAVARÃO, N.R.L.; ARAÚJO. C.S.A. Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior. EDUCERE, Umuarama, v.4, n,2, p.103-115, jul. /dez, 2004.

VAZQUEZ, A. S. Filosofia da Práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

BRASIL. Senado Federal, Lei Federal n. º 5.540, de 28 de novembro de 1968.

UNIDERP. Regulamento do programa de monitoria de ensino da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. HomePage: < http://www.uniderp.br/ ver pagina.aspx? >.





ARQUITETURA, CAPITALISMO E PÓS-MODERNIDADE

Juliana Amaral de Figueirêdo[†] Mateus Gonçalves de Medeiros

RESUMO

A Arquitetura, como manifestação cultural, é expressão do modo como se organiza uma sociedade. Dado que o sistema econômico da nossa sociedade é capitalista, seria possível discernir aspectos do capitalismo na arquitetura de seu tempo. A arquitetura vem sendo moldada por tendências e aspectos de sua época, uma vez que ela participa da formação da cultura de um povo. Entretanto, não são apenas tendências culturais que influenciam a arquitetura. Um dos aspectos que se tornou mais evidente sobre as linhas arquitetônicas foi a influência econômica, logo que é um sistema que rege comportamentos e tendências, ou seja, a própria cultura - a arquitetura não estaria livre do poder econômico. Com o desenvolvimento do capitalismo como forma econômica dominante, a arquitetura buscou adaptar-se aos novos termos, acompanhando a sua ascensão paralelamente.

Palavras chave: Arquitetura. Pós-modernismo. Modernismo. Frank Gehry. Economia.

1.INTRODUÇÃO

Tomamos como exemplo desta adequação a arquitetura moderna. Os aspectos industriais moldaram as formas e o conteúdo da arquitetura moderna. Esta busca alcançar as tendências da fabricação em série e exportação mundial e assim atingir regiões distintas e atender à suas necessidades. São utilizados pré-moldados em formas sucintas e limpas, novos materiais aplicados na arquitetura como vidro, esquadrias de alumínio, barras de aço em concreto armado, dentre outros. As características da arquitetura neste momento tendem ao material, visível, definível e palpável.

> O capital industrial e o trabalho assalariado representavam o polo moderno, enquanto o proprietário fundiário e sua renda da terra (heranças do Antigo Regime e promotores da irracionalidade urbana), o arcaico. Na disputa pela repartição da mais-valia, a arquitetura moderna fez aliança com os setores produtivos, com o capital enquanto função, mais do que como propriedade (ARANTES, 2008, p.176).

É fato que a arquitetura sempre esteve diretamente ligada a elite econômica de seu tempo. Uma vez que a economia se modificou em direção ao capitalismo industrial, em contraposição ao sistema econômico anterior, herdeiros do antigo regime, a arquitetura segue o mesmo caminho, reconciliando-se com a economia em ascensão. A propriedade que antes significava poder e riqueza apenas com o seu existir e sua monopolização, passou a lucrar com para que ela poderia servir, ou melhor, para que serviria a obra executada em seus domínios. Assim a renda se dá a partir da produção provida pela propriedade. Típico desse momento do capitalismo, onde as terras são cada vez mais exploradas com base no melhoramento e aumento da produção. Isso explica o conceito que do autor de "capital com função, mais do que como propriedade". A arquitetura moderna apoiava e propagava justamente esse conceito funcionalista, onde tudo deveria ter um significado útil e funcional.

¹ Graduanda no Curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Christus

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará





2 A CONCRETUDE DO MODERNO

"O ferro e o vidro são empregados desde tempos imemoriais, mas é somente neste período que os progressos da indústria permitem que suas aplicações sejam ampliadas, introduzindo nas construções conceitos totalmente novos." (BENÉVOLO, Leonardo,2001, p.378) O movimento vanguardista moderno em si nasce de um lento processo de industrialização e redescobertas sobre materiais como vidro, ferro e concreto. Desde progressos científicos, discussões sobre o Modelo de Cidade Industrial de Robert Owen a Willian Morris, movimentos de vanguarda europeus (Art Noveau, Art Deco), até o começo do século XX, época de destaque do estilo moderno, o que denomina arquitetura modernista segue moldando-se do derivado do conjunto de movimentos artísticos e escolas arquitetônicas.

"A guerra 1914-1918 não apenas detém a atividade dos arquitetos e limita gravemente a dos pintores, mas também interfere em várias maneiras em seu pensamento e imprime à pesquisa um curso totalmente diverso." (BENÉVOLO, Leonardo,2001, p.389). Com maior densidade populacional nas cidades, principalmente em seus centros, e com o avanço da tecnologia construtiva permitindo-se o uso de vãos maiores com estruturas fundidas de ferro, os prédios cresceram verticalmente, e assim a cidade também. "Onde quer que o problema de moradias já se encontrava presente antes da guerra, este se torna agudo pós-guerra e sobretudo depois de alguns anos, graças à retomada do crescimento demográfico." (BENÉVOLO, Leonardo,2001, p.389).

O movimento moderno na arquitetura, desde seus primeiros manifestos, na década de 1920, definiu um programa que elegia como principal aliado,e exemplo a ser seguido,o capital industrial — mais adiante,o próprio Estado e,na periferia,as "burguesias nacionais" e seus governos desenvolvimentistas. Da engenharia à estética industrial, a inspiração maquinista e racionalista norteou suas experiências construtivas e urbanísticas. Mesmo em caráter experimental, eram, quase sempre, projetos para serem multiplicados, em escala de massa. Daí a afinidade com a seriação industrial, mesmo que pouco realizada na prática. Concreto, aço, vidro eram os novos materiais empregados nas formas prismáticas, em geral ortogonais e abstratas, despidas de ornamentos. Tornaram-se objeto de pesquisa e projeto os edifícios industriais, de escritórios, grandes infra-estruturas e casas operárias ("máquinas de habitar"). P. 176

Os movimentos modernos eram movidos pelo desejo de renovar toda a arquitetura e rejeitar os movimentos anteriores, como o Ecletismo, e a utilização de ornamentos. "Mas essa noção de uma arquitetura moderna foi, por sua vez, enraizada nos desenvolvimentos do final do século XVIII, particularmente na ênfase na ideia de progresso"³. Como parte de suas características podemos citar a industrialização de seus componentes arquitetônicos, o máximo de economia em sua execução, designs unicamente úteis e limpos. Seus atributos lembram de certa forma o capital industrial, logo quando este se encontrava tão forte conceitualmente durante o período de guerra, principalmente por esse motivo. O modernismo atendia as necessidades imediatas e ainda trazia consigo o sentimento de progresso e futuro.

3. A DESMATERIALIDADE DO PÓS-MODERNO

Com a chegada da fase do capital onde o mercado financeiro é enfatizado4 (ARANTES, 2008), a plataforma de produção em série não seria mais suficiente. A sociedade e o sistema se apropriam vigorosamente do destaque das especulações. Assim como há uma predominância da abstração

No original: "But this notion of a 'modern' architecture was in turn rooted in developments of the late eighteenth century, in particular the emphasis on the idea of progress". CURTIS, J.R. Willian. Modern Architecture since 1900. Oxford: Phaidon,1982.

⁴ ARANTES, Pedro Fiori. P. 47





da moeda no capitalismo financeiro5, as características do movimento arquitetônico originado desta nova época também se tornam abstrata, conceitual e simbólica.

> Outra forma desse paradoxo concerne ao alegado afastamento da arquitetura pós moderna da uniformidade desumanizante de um modernismo cuja linguagem técnica dependia da produção em massa padronizada na direção de novas linguagens híbridas da diferença também depende da produção em massa; mas, desta vez, essa produção está numa escala tão elevada que produz, não uniformidade, mas diferença: (CONNOR, 2004, p. 69)

Apesar de ser possível identificar diferenças entre a arquitetura classificada como moderna e àquela dita pós-moderna, algumas das mais marcantes são as que se rementem às questões simbólicas e conceituais, como representações de emoções intrínsecas em formas abstratas, gestalt de marcas, mensagens ocultas. As tendências arquitetônicas do período pós- moderno seguem na contramão do movimento modernista quando fogem do minimalismo e das formas simples que devem ser unicamente úteis para o uso dos frequentadores e usuários do espaço. As soluções de suas estruturas e projetos precisavam basear-se em ideias inéditas.

A arquitetura de Frank Gehry, por ser exclusiva, fica mais cara, pois não existe produtos em série que ela pudesse se utilizar. Entretanto, ela pode gerar mais capital uma vez que sua exclusividade é um atrativo aos seus visitantes. "A sofisticação técnica ostensiva, a diferenciação das superfícies e a exuberância formal passaram a ser requisitos para constituir imagens arquitetônicas exclusivas, capazes de valorizar os investimentos e, consequentemente, as cidades que os disputam" (ARANTES,2010.). O próprio adjetivo é autoexplicativo nesta situação: exclusiva – que exclui, separa, segrega. Logo, a arquitetura de grife também não seria acessível, torna-se até elitista.

A arquitetura adquiriu intimidade com a publicidade e com sua capacidade de gerar marcas memoráveis que identificam um produto específico em meio a um mundo de mercadorias. A partir de então, oferecer uma personalidade e uma ideia ao produto final o valoriza com mais eficácia do que simplesmente oferecer vários produtos fisicamente diferentes, financeiramente. Isso dificulta até a comparação entre produtos com a mesma funcionalidade, uma vez que cada um expressa uma ideia diferente. Agregar, por exemplo, à uma determinada marca valores que se remetam à autoestima, segurança ou felicidade, a valoriza como uma ideia, ao invés de vender apenas o conteúdo sólido. Logo, o valor simbólico de uma empresa inteira é elevado, e seu lucro passa a não ser somente líquido, mas também especulativo.

> Numa sociedade dita pós-utópica em que o capital parece não mais encontrar adversários à altura, a ideologia moderna do plano (que pressupunha a coabitação entre capital e trabalho) deu lugar à produção de efeitos espetaculares em edifícios isolados, que seriam capazes, por si só, de ativar economias fragilizadas, atrair turistas e investidores, desencadear processos de valorização imobiliária e redefinir a identidade de sociedades inteiras. Para tanto, os arquitetos renomados buscam a diferença a todo custo, em obras únicas de grande poder simbólico, nas quais se exprimem a um só tempo o novo poder da economia política da cultura e a crise dos programas de bem- estar social.

A venda de ideias em detrimento da venda da utilidade do produto se tornou parte da propriedade mercantilizada por grandes empresas, e a propaganda do ilimitado e diferenciado, único. A expressão pós-moderna, que tende à desmaterialização da forma ao enfatizar a imagem, expressar os objetivos propostos pela ideologia do lucro de grandes corporações.

Nesse contexto de arquitetura pós-moderna, podemos citar como exemplo Frank Gehry. Fugindo da severa disciplina típica da arquitetura moderna, Gehry parece desvincular-se da física, misturan-

ARANTES, Pedro Fiori. P. 35





do o livre arbítrio artístico em seus traçados, sem temer em criar algo que jamais foi experimentado. Destaca-se pela peculiaridade, que deu resultados no Pritzke Prize, considerado como o Nobel da Arquitetura. Seus projetos foram um grande salto técnico, uma vez que só se tornavam exequíveis com a ajuda da tecnologia de computadores. Seus desenhos chegaram a ser recusados por indústrias construtoras por esse motivo, como o Museu Guggeinheim de Bilbao, que exibe um empilhado de fitas metálicas, e uma forma abstrata, desconexa e irregular. Sua execução só pode ser realizada 5 anos depois da finalização de seu projeto, com o software CAD para os cálculos estruturais.



Figura 1 – Guggeinheim de Bilbao, vista fachada esquerda. FONTE: Wikipédia.



Figura 2 – Guggeinheim de Bilbao, vista fachada direita. FONTE: Wikipédia.

O termo empregado no documentário de Sidney Pollack sobre o arquiteto Frank Gehry, em Sketches of Frank Gehry (2005, 84 min), define as formas insólitas e plásticas de suas obras e questiona em até que medida o arranjo das estruturas arquitetônicas reproduzidas vendem determinadas marcas publicitárias, e associam a sua configuração aos detentores do poder e do dinheiro e seus logotipos. "A Arquitetura contemporânea experimenta uma arriscada fusão com a publicidade e o entretenimento." (ARANTES, 2008, p 1)





"Se a arte e a arquitetura são mais do que nunca instrumentos políticos é por que estão cada vez mais perto do mundo das marcas." (ARANTES,2008, p. 01) O que Arantes quer dizer com essas palavras é que ao assumir mais propriedades simbólicas do que funcionais, a obra arquitetônica assume propriedades características do mercado do entretenimento e da propaganda, como a desmaterialização, o espetáculo. Por exemplo, pode-se citar o Centro Cultural Georges Pompidou em Paris. As formas e a imagem do Centro chamam mais a atenção do consumidor (assim chamado pois o visitante paga para entrar, logo ele consome a entrada) do que o seu próprio interior. Ademais, ele pode ser considerado uma espécie de marca, já que ao visita-lo, o visitante pode adquirir algum souvenir, ironicamente, não remete ou lembra o conteúdo artístico exposto, mas sim ao próprio centro ou a ideia de sua visitação. Visitá-lo é consumí-lo, não a arte, mas a experiencia de andar dentro dele, de olha-lo de perto. Funcionando como uma marca, ele experimenta da publicidade - a propagação de sua existência e da experiencia de visita-lo, e o que visita-lo significa (cultura, apreciação de arte, destaque).

4. CONCLUSÃO

A desmaterialização das obras de Frank Gehry, ou de qualquer arquitetura de marca se dá através deste paralelo entre a forma em que a arquitetura se manifesta – formatos, figuras, texturas e combinações - com o conceito de *logotecture*, que se faz intrínseca em suas formas. O produto da arquitetura não é mais o material em si, mas sim a experiência que suas formas (literalmente disformadas ou abstratas) proporcionam, ou a sensação e o sentimento que elas passam e performam. Desta forma, ela se adequa ao capital desmaterializado em sua fase financeira e especulativa, logo que capital especulativo é simbólico. "Trabalhamos com a materialidade física da arquitetura porque só assim podemos transcendê-la, ir mais longe e inclusive chegar ao imaterial". (HERZOG apud BRANDÃO, p. 177).

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CURTIS, J.R. Willian. Modern Architecture since 1900. Oxford: Phaidon, 1982. ARANTES, Pedro Fiori. O GRAU ZERO DA ARQUITETURA NA ERA FINANCEIRA. CEBRAP, 2008.

BENEVOLO, Leonardo; História da arquitetura moderna; São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ARANTES, Pedro Fiori. Forma, valor e renda na arquitetura contemporânea. ARS (São Paulo),2010 CONNOR, Steven. Cultura Pós-moderna. Edições Loyola, 2004.

